ROTEIRO DE REDAÇÃO
Lendo e argumentando

O problema da escrita não decorre da falta do domínio das regras gramaticais. É, antes de tudo, um problema de leitura. Este **Roteiro de redação** tem como objetivo resolver problemas básicos de redação pela leitura atenta de textos.

Ler e argumentar são hoje duas exigências que se fazem de qualquer estudante que pretende ingressar numa universidade. Aqui o professor encontrará um roteiro que vai da leitura à argumentação, sempre sob a ótica da coesão e da coerência. O aluno é obrigado a refletir sobre o processo de construção de textos alheios para depois chegar ao seu.

O professor de redação deve ser consciente de que seu trabalho é trabalho de mão dupla: a aprendizagem da arquitetura textual se faz paralelamente à discussão de idéias sobre os temas que serão desenvolvidos, pois sem opinião formada não há como escrever qualquer texto.

ISBN 85-262-3255-X
9 788526 232549

editora scipione

ROTEIRO DE REDAÇÃO Lendo e argumentando

ROTEIRO DE REDAÇÃO
Lendo e argumentando

Antonio Carlos Viana (coord.)
Ana Valença
Denise Porto Cardoso
Sônia Maria Machado

editora scipione

editora scipione

DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Fernandez
José Gallafassi Filho

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORIAL
Ângelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
assistência – Miriam de Carvalho Abões
preparação – Maria Silvia Gonçalves
revisão – Andréa Vidal de Miranda e
Ana Paula Munhoz Figueiredo

ARTE
coordenação geral – Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte – Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte – Ascensión Rojas
capa e miolo – Ulhôa Cintra Comunicação Visual

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FILMES
Gama
coordenação – Mizue Jyo
diagramação – Elen Coppini Camioto

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
YANGRAF

Editora Scipione Ltda.
MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@scipione.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (0XX11) 3272 8411
Caixa Postal 65131
VENDAS
Tel. (0XX11) 3277 1788

2004

ISBN 85-262-3255-X

1ª EDIÇÃO
(8ª impressão)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Valença, Ana
Roteiro de redação : lendo e argumentando / Ana Valença, Denise Porto Cardoso, Sônia Maria Machado coord. Antonio Carlos Viana. -- São Paulo : Scipione, 1998.

1. Leitura (2º grau) 2. Português – Redação (2º grau) 3. Redação (Literatura) I. Cardoso, Denise Porto. II. Machado, Sônia Maria. III. Viana, Antonio Carlos, 1944- IV. Título.

97-2513 CDD-808.0469

Índices para catálogo sistemático:

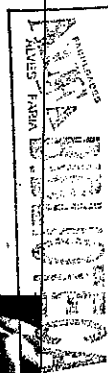
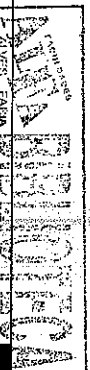
1. Redação : Português : Ensino de 2º grau 808.0469

Prefácio

Este **Roteiro de redação** não surgiu por acaso. Ao contrário, é fruto de longa reflexão da equipe de pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, liderada pelo Dr. Antonio Carlos Viana. Porque professores, desde há muito todos conviviam com as dificuldades de expressão de seus alunos, ouvindo sempre dos colegas as críticas ao ensino de 2º grau que, via de regra, não prepara sua clientela para os bancos acadêmicos. Sua visão abrangente permitia-lhes, ainda, perceber o círculo vicioso dessa sucessiva atribuição de culpas: os docentes do ensino médio culpam seus colegas do primeiro grau, que responsabilizam os do segundo, que criticam os do terceiro, que...

Diante da situação, deixaram de lado as lástimas e partiram para a tarefa de romper a cadeia de fracassos. E, para isso, contaram, antes de tudo, com o desejo político de mudar o estado de coisas, através de uma ação efetiva no contexto. A obra que agora temos em mãos é o resultado final desse esforço bem-sucedido. Ela significa a possibilidade de integrar todos os graus de ensino, uma vez que a pesquisa ultrapassa as salas da Academia e envolve outros segmentos escolares, dando chance a professores e alunos de atuarem efetivamente na sociedade.

O que sustenta a proposta de ensino de redação deste livro é a certeza da necessidade de democratização da cultura letrada. Ensinar a redigir é dar ao cidadão o instrumento-chave para participar da vida social, pois, desde a invenção da escrita, o mundo divide-se em alfabetizados e analfabetos, sendo os últimos sempre alijados das decisões e, conseqüentemente, do poder. Quando a escola fracassa, está em sintonia com a divisão injusta de classes, enganando os menos favorecidos ao outorgar-lhes um diploma de 2º grau sem que tenham condições de ler e escrever com competência. Por essas vias, reforçam-se as diferenças, impedindo-se os filhos das camadas populares de disputarem, em igualdade de condições, um lugar digno no mercado de trabalho.

Para mudar tal conjuntura, é preciso melhor distribuir o saber, e nesse sentido caminha o **Roteiro de redação**, partindo do pressuposto de que só escreve bem quem é leitor. Logo, todas as atividades de escritura propostas partem da leitura e interpretação de um texto. Como ninguém pode dissertar e argumentar sem idéias, é preciso descobrir sentidos, dialogar com os autores, posicionar-se, para, só depois, escrever.

Saliente-se, portanto, que o conceito de leitura que subjaz a esta proposta não se limita à decodificação dos sinais gráficos, mas é bem mais amplo e exigente. Para os autores, ler é colocar-se diante do texto, acionando todas as suas capacidades cognitivas e emocionais para interagir com os sentidos dali emergentes. E mais: o material escrito é um esquema de pistas, indicações e vazios que podem ser preenchidos e combinados de inúmeras maneiras, segundo as condições do leitor. Logo, quanto maior a experiência de leitura, mais eficiente é o resultado final.

Como o ato de ler enriquece os horizontes do leitor, na direção do conhecimento do mundo e de si, propicia o armazenamento dos conteúdos intelectuais e humanos que vão alimentar o processo da escrita. Então, à semelhança da leitura, pode-se dizer que escrever não é apenas codificar sinais gráficos, mas comunicar-se com o interlocutor, apresentar, aceitar e refutar idéias, expressar e provocar sentimentos, instigar respostas.

E mais: o conteúdo a ser expresso carece de uma estrutura formal que, para se mostrar coesa e coerente, repousa no domínio da técnica. Daí a estrutura do **Roteiro**: parte da micro para a macroestrutura textual, discutindo, exemplificando e provocando a produção escrita, demonstrando como se dá a arquitetura da redação. A lição final é a de que escrever se aprende, por ensaio e erro, não sendo privilégio de poucos, mas direito de todos.

Aí repousa outro ensinamento: o texto não nasce pronto. Escrever não é um ato de inspiração divina, um repente que se faz palavra escrita. Para redigir é preciso arregimentar conhecimentos, principalmente por meio da leitura, colocar-se diante deles para, só então, dar-lhes forma. Para isso, é necessário planejamento, trabalho, tentativas e correções até se chegar ao produto acabado. Pode-se dizer que uma redação está pronta quando o autor não encontra mais nenhuma modificação a ser feita, quando a considera capaz de expressar a seu leitor o melhor possível as idéias ali depositadas. Como percorrer esse caminho, o aluno vai aprender nestas dez lições de redação.

VERA TEIXEIRA DE AGUIAR
Doutora em Teoria da Literatura
Professora dos cursos de pós-graduação
em Letras da PUC-RS

Apresentação

Ler e escrever são atos indissociáveis. Só mesmo quem tem o hábito da leitura é capaz de escrever sem muita dificuldade. A leitura eficiente de livros, revistas e jornais permite-nos refletir sobre as idéias e formular nossa própria opinião. Sem opinião formada é impossível escrever qualquer texto.

Foi a partir desse princípio que criamos este roteiro de redação para o texto dissertativo-argumentativo. Voltado para o segundo grau, em especial para os alunos que vão fazer o vestibular, tivemos a preocupação de reduzir a parte teórica ao essencial. A teoria serve apenas de suporte para a prática dos exercícios. Por isso procuramos elaborá-los de forma que houvesse um ajuste perfeito entre teoria e prática.

Para melhores resultados, aconselhamos o professor a seguir as lições na ordem em que aparecem. Assim será possível passar ao aluno a idéia de que escrever é algo que se constrói passo a passo, a cada palavra enunciada de forma consciente. Sem isso, o texto não passará de um amontoado de idéias sem nexo.

Os dois primeiros capítulos tratam de estratégias de leitura, que vão da identificação das palavras-chave até as formas de expansão do texto. Do terceiro ao quinto, estudamos os recursos de coesão textual e a construção da frase, sempre tendo em vista a busca da coerência.

As lições aprendidas nos cinco capítulos iniciais servirão de base para o que se vai desenvolver nos seguintes. No sexto capítulo, trabalhamos as formas de estruturação do parágrafo, numa abordagem diferente da habitual. Ao chegar aos capítulos sétimo e oitavo, o aluno estará preparado para apreender o que significa a construção de um texto e o processo de argumentação. Como todo livro de redação, não poderiam faltar considerações sobre como melhorar a linguagem. Daí o capítulo nono, no qual chamamos a atenção para os erros mais comuns em redações escolares.

O último capítulo é composto de textos que devem ser explorados do ponto de vista de sua estruturação. Cada leitura deve comportar a busca de seus pressupostos, argumentos e conclusão. O estudante deverá tomar consciência de que, para escrever, é preciso, além do conhecimento de algumas regras de construção textual, ler muito a fim de estar seguro de sua posição diante de cada tema que terá de desenvolver.

Os resultados obtidos em nossas aulas com este roteiro animaram-nos a publicá-lo. Apesar de ser dirigido a alunos do segundo grau, nada impede que seja usado em cursos superiores ou por qualquer pessoa interessada na arte de escrever.

Antonio Carlos Viana

Sumário

1 Lendo o texto (I)
- As palavras-chave 9
- As idéias-chave 11
- Exercícios 14

2 Lendo o texto (II)
- A coerência 18
- Processos de expansão das palavras 19
  - 1. Associação 19
  - 2. Identidade 20
  - 3. Oposição 21
- Exercícios 22

3 Dominando a coesão textual
- Coesão e coerência 28
- Recursos de coesão 30
  - 1. Epítetos 30
  - 2. Nominalizações 30
  - 3. Palavras ou expressões sinônimas ou quase-sinônimas .. 30
  - 4. Repetição de uma palavra 31
  - 5. Um termo-síntese 31
  - 6. Pronomes 31
  - 7. Numerais 31
  - 8. Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí) 32
  - 9. Elipse 32
  - 10. Repetição do nome próprio (ou parte dele) 32
  - 11. Metonímia 32
  - 12. Associação 32
- Exercícios 33

4 Ajustando a frase
- Os paralelismos 38
- Paralelismos mais freqüentes 41
  - 1. Com as conjunções 41
  - 2. Com as orações justapostas (aquelas que estão coordenadas sem conectivos) 42
- Exercícios 43
- A ênfase 46
- Exercícios 47

5 Fazendo as conexões
- Os conectivos 50
  - 1. Os principais conectivos 53
  - 2. As transições 54
- Exercícios 56

6 Estruturando o parágrafo
- Estruturas simples 62
- Estruturas mistas 65
- Exercícios 66

7 Construindo o texto
- A articulação dos parágrafos 70
  - 1. Articulação por desmembramento do primeiro parágrafo 70
  - 2. Articulação por introdução de elementos novos a cada parágrafo 72
- O parágrafo-chave: 18 formas para você começar um texto ... 75
  - 1. Uma declaração 75
  - 2. Definição 75
  - 3. Divisão 76
  - 4. Oposição 76
  - 5. Alusão histórica 76
  - 6. Uma pergunta 77
  - 7. Uma frase nominal seguida de explicação 77
  - 8. Adjetivação 77
  - 9. Citação 77
  - 10. Citação de forma indireta 78
  - 11. Exposição de ponto de vista oposto 78
  - 12. Comparação 78
  - 13. Retomada de um provérbio 79
  - 14. Ilustração 79
  - 15. Uma seqüência de frases nominais (frases sem verbo) .. 79
  - 16. Alusão a um romance, um conto, um poema, um filme .. 80
  - 17. Descrição de um fato de forma cinematográfica 80
  - 18. Omissão de dados identificadores 80
- Exercícios 81

8 Argumentando
- Pressupostos e argumentos 85
- Análise de um texto argumentativo 87
  - 1. Determinação do pressuposto 88
  - 2. Detecção dos argumentos 89
- Exercícios 94

9 Melhorando o texto
A frase 103
1. Extensão 103
2. Fragmentação 104
3. Sonoridade 104
4. Pronome relativo e conjunção integrante *que* 104
5. A conjunção *pois* 105
6. Onde 105
7. Poluição gráfica 106
8. Ponderação 106
O vocabulário 106
1. Adjetivos certos na medida certa 106
2. Lugares-comuns e modismos 108
3. A palavra mais simples 108
4. Palavras abstratas 109
5. Repetições desnecessárias 109
6. Pleonasmos 109
7. Aspas 110
8. Etc. 110
Particularidades léxicas e gramaticais 111
1. Dentre 111
2. Desde 111
3. Todo 111
4. Junto a 111
5. À medida que/na medida em que 111
6. Possuir/ter 112
7. Senão/se não 112
8. Por que/porque 112
9. Sequer/se quer 113
10. Mau/mal 113
11. Este, isto/esse, isso/aquele 113
12. Ao invés de/em vez de 114
13. Face a/frente a 115
14. Acerca de/a cerca de/há cerca de 115
15. Há/a 115
16. Haja vista 116
O leitor 116
Exercícios 116

10 Produzindo textos
Temas para redação 121
Temas e textos 122
Bibliografia 151

Capítulo 1

LENDO O TEXTO (I)

AS PALAVRAS-CHAVE

Ninguém chega à escrita sem antes ter passado pela leitura. Mas leitura aqui não significa somente a capacidade de juntar letras, palavras, frases. Ler é muito mais que isso. É compreender a forma como está tecido o texto. Ultrapassar sua superfície e inferir da leitura seu sentido maior, que muitas vezes passa despercebido a uma grande maioria de leitores. Só uma relação mais estreita do leitor com o texto lhe dará esse sentido. Ler bem exige tanta habilidade quanto escrever bem. Leitura e escrita complementam-se. Lendo textos bem estruturados, podemos apreender os procedimentos lingüísticos necessários a uma boa redação.

Numa primeira leitura, temos sempre uma noção muito vaga do que o autor quis dizer. Uma leitura bem feita é aquela capaz de depreender de um texto ou de um livro a informação essencial. Para isso, é preciso ter pistas seguras para localizá-la. Uma boa estratégia é buscar as palavras mais importantes de cada parágrafo. Elas constituirão as palavras-chave do texto, em torno das quais as outras se organizam e criam um intercâmbio de significação para produzirem sentidos.

As palavras-chave formam um centro de expansão que constitui o alicerce do texto. Tudo deve ajustar-se a elas de forma precisa. A tarefa do leitor é detectá-las, a fim de realizar uma leitura capaz de dar conta da totalidade do texto.

Por adquirir tal importância na arquitetura textual, as palavras-chave normalmente aparecem ao longo de todo o texto das mais variadas formas: repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos. Elas pavimentam o caminho da leitura, levando-nos a compreender melhor o texto. Além disso, fornecem a pista para uma leitura reconstrutiva porque nos levam à essência da informação.

Após encontrar as palavras-chave de um texto, devemos tentar reescrevê-lo, tomando-as como base. Elas constituem seu esqueleto.

Vejamos um exemplo:

Ninguém se enamora se está, mesmo parcialmente, satisfeito com o que tem e com o que é. O enamoramento surge da sobrecarga depressiva, isto é, da impossibilidade de encontrar

alguma coisa de valor na vida cotidiana. O "sintoma" da predisposição para o enamoramento não é o desejo consciente de se apaixonar, enamorar, uma forte intenção de enriquecer o existente, mas sentimento profundo de não ser e não ter nada de valor, e a vergonha de não tê-lo. Esse é o primeiro sinal da preparação para o enamoramento: o sentimento da nulidade e a vergonha da própria nulidade. Por essa razão, o enamoramento é mais freqüente entre os jovens, pois estes são profundamente inseguros, não têm certeza de seu valor e muitas vezes se envergonham de si mesmos. E o mesmo é válido em outras idades da vida, quando se perde algo do nosso ser; no final da juventude ou quando começa a velhice. Perde-se irreparavelmente algo de si, fica-se privado de valores, degradado, no confronto com o que se foi. Não é a nostalgia de um amor que nos faz enamorar-nos, mas a certeza de que nada temos a perder transformando-nos naquilo em que nos transformamos; é a perspectiva de ter o nada pela frente. Somente então se estabelece dentro de nós à disposição para o diferente e para o risco, a propensão de nos lançarmos no tudo ou nada que aqueles que de alguma forma estão satisfeitos com o próprio ser não poderão experimentar.

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor.* Trad. Ary Gonzalez Galvão. Rio de Janeiro, Rocco, 1991. pp. 46-7.

Além de estar presente no título do livro, a palavra *enamoramento* aparece quatro vezes e é retomada pelo verbo *enamorar-se* três vezes. É a primeira palavra que nos chama a atenção. Mas não é a única. É preciso descobrir as outras palavras que com ela formarão os pontos nodais do texto, onde está concentrada sua maior carga de significação.

Para explicar o que é o enamoramento, Alberoni fala:

- do sentimento da nulidade;
- da juventude;
- da velhice.

Uma vez encontradas as palavras-chave, devemos procurar a informação que elas trazem. O autor do texto diz que:

1. O enamoramento nasce:

- de uma "sobrecarga depressiva";
- de um "sentimento profundo de não ser e não ter nada de valor, e a vergonha de não tê-lo."

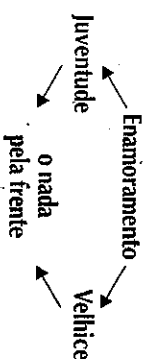
2. O primeiro sinal para o enamoramento é:

- "o sentimento da nulidade".

3. Esse sentimento é mais freqüente:

a) na juventude, porque os jovens
- "são profundamente inseguros";
- "não têm certeza de seu valor";
- "se envergonham de si mesmos".

b) e na velhice; porque é quando
- "se perde irreparavelmente algo de si";
- "fica-se privado de valores".

Entre as palavras-chave há uma mais abrangente, da qual podemos partir para esquematizar o texto:

Com os dados recolhidos sobre cada uma dessas palavras é possível resumir o texto de Alberoni numa só frase:

O enamoramento ocorre com mais freqüência na juventude e na velhice, quando o indivíduo experimenta o sentimento da nulidade.

AS IDÉIAS-CHAVE

Muitas vezes temos dificuldades para chegar à síntese de um texto só pelas palavras-chave. Quando isso acontece, a melhor solução é buscar suas idéias-chave. Vejamos como isso pode ser feito:

Muita gente, pouco emprego

Os megaproblemas das grandes cidades

A população das megacidades cresce muito mais depressa do que sua capacidade de prover empregos e fornecer serviços decentes a seus novos moradores. O fenômeno, detectado no relatório da ONU sobre a população, é tanto mais grave porque atinge em cheio justamente os países mais pobres. Das dez megacidades do ano 2000, sete estarão fincadas no Terceiro Mundo. As pessoas saem do campo para as cidades por uma razão tão antiga quanto a Revolução Industrial: querem melhorar de vida. Mesmo apinhadas em periferias e favelas, suas chances

de prosperar são maiores do que na área rural. As cidades, escreveu o historiador Lewis Mumford, são "o lugar certo para multiplicar oportunidades".

A típica explosão urbana é a registrada em várias cidades da África e da Índia, que dobram de população a cada doze anos e não dão conta da demanda por emprego, educação e saneamento. Karachi, no Paquistão, com 8,4 milhões de habitantes, quase nada investe em sua rede de esgotos desde 1962. Mesmo as que crescem a uma taxa menos selvagem, como a Cidade do México, têm pela frente seus megaproblemas. A poluição produzida pelos milhões de veículos e 35 000 fábricas da capital mexicana, por exemplo, pode chegar, como em fevereiro passado, a um nível quatro vezes além do ponto em que o ar é considerado seguro em países desenvolvidos.

Ainda que todos os prognósticos sejam pessimistas, não se deve desprezar a capacidade de as megacidades encontrarem soluções até para seus piores desastres. A mobilização da população da capital mexicana em 1985 para reconstruir partes da cidade arrasadas por um violentíssimo terremoto evitou o pior — e mostrou que as mobilizações coletivas podem driblar o apocalipse anunciado para as megalópoles.

Veja, 14 jul. 1993.

O título é uma boa pista para encontrar as palavras-chave. No texto acima, temos: grandes cidades e megaproblemas. Essas palavras deverão guiar-nos na busca das idéias-chave.

Vamos por partes:

1º parágrafo — a reportagem trata dos problemas das megacidades no ano 2000, quando os países pobres serão os mais afetados. Chegamos à seguinte idéia-chave:

Os países pobres são os que terão mais problemas para resolver no ano 2000.

2º parágrafo — aqui o problema é a explosão urbana. Os exemplos dados referem-se a países pobres mais uma vez. A idéia-chave do parágrafo é o crescimento desregrado das cidades desses países. Não é preciso sublinhar que isso vai acontecer a cidades da África e da Índia. Os exemplos não interessam numa síntese. Podemos traduzir assim sua idéia-chave:

As cidades dos países pobres crescem desordenadamente.

3º parágrafo — a idéia-chave deste parágrafo é que, mesmo com problemas tão complexos, as megacidades pobres têm capacidade para resolvê-los. O exemplo da Cidade do México é acidental, pois se poderia citar qualquer outra megacidade do Terceiro Mundo. Por isso não devemos levá-lo em conta na síntese, do mesmo

modo como não levamos as referências às cidades da África e da Índia no parágrafo anterior.

A idéia-chave deste parágrafo é:

As megacidades pobres podem encontrar soluções para seus problemas.

Com essas três idéias-chave podemos formular um esquema que explique a essência do texto:

1. no ano 2000, os países pobres serão os mais atingidos;
2. cidades dos países pobres crescem desordenadamente;
3. megacidades pobres podem encontrar soluções para seus problemas.

Daí para a síntese é simples. Basta juntar as idéias-chave e dar-lhes uma boa redação. Neste momento podemos acrescentar alguma idéia ou palavras que sublinhamos mas que não entraram no esquema.

Síntese a partir das idéias-chave:

As megacidades no ano 2000 irão enfrentar muitos problemas. As cidades dos países pobres são as que mais sofrerão devido ao crescimento desordenado de sua população e à poluição. Mas isso não significa o caos absoluto, pois essas metrópoles do Terceiro Mundo têm capacidade para resolver esses e outros problemas.

A partir desse trabalho e de posse de determinados recursos que a língua oferece, o ato de ler e redigir torna-se bem mais fácil. O que dissemos em relação aos dois textos acima pode ser aplicado à leitura de qualquer obra, seja qual for sua extensão. Mas vale uma ressalva: a leitura de um livro não é igual à leitura de um texto de duas ou três páginas. Se formos fazer a leitura de um livro parágrafo por parágrafo para encontrar as palavras-chave, levaremos muito tempo para concluí-la. Nesse caso, é melhor procurar as idéias-chave. O título do livro e, sobretudo, o de cada capítulo são um bom fio condutor porque sintetizam o que é desenvolvido a cada passo do texto.

Em linhas gerais, para fazermos uma boa leitura, devemos observar os seguintes passos:

1. procurar as palavras-chave e/ou as idéias-chave do texto;
2. se o levantamento for só de palavras-chave, procurar as informações que elas trazem;
3. se o levantamento for de idéias-chave, sublinhá-las e depois resumi-las de forma pessoal;
4. elaborar um gráfico ou um esquema para o texto;
5. sintetizar o texto, dando um bom encadeamento às idéias.

Leia os textos e responda às questões propostas.

TEXTO 1

Posição de pobre

Proprietários e mendigos: duas categorias que se opõem a qualquer mudança, a qualquer desordem renovadora. Colocados nos dois extremos da escala social, temem toda modificação para bem ou para mal: estão igualmente estabelecidos, uns na opulência, os outros na miséria. Entre eles situam-se — suor anônimo, fundamento da sociedade — os que se agitam, penam, perseveram e cultivam o absurdo de esperar. O Estado nutre-se de sua anemia; a idéia de cidadão não teria nem conteúdo nem realidade sem eles, tampouco o luxo e a esmola: os ricos e os mendigos são os parasitas do pobre.

Há mil remédios para a miséria, mas nenhum para a pobreza. Como socorrer os que insistem em não morrer de fome? Nem Deus poderia corrigir sua sorte. Entre os favorecidos da fortuna e os esfarrapados, circulam esses esfomeados honoráveis, explorados pelo fausto e pelos andrajos, saqueados por aqueles que, tendo horror ao trabalho, instalam-se, segundo sua sorte ou vocação, no salão ou na rua. E assim avança a humanidade: com alguns ricos, com alguns mendigos e com todos os seus pobres...

CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. pp. 113-4.

A Quais as palavras-chave do texto?

B Retire do texto dados que caracterizam cada uma dessas palavras.

C Elabore um gráfico com as palavras-chave do texto.

D Com as características encontradas no texto, redija uma frase para cada uma das palavras-chave.

E Sintetize o texto.

TEXTO 2

Ética e jornalismo

O jornalista não pode ser despido de opinião política. A posição que considera o jornalista um ser separado da humanidade é uma bobagem. A própria objetividade é mal-administrada, porque se mistura com a necessidade de não se envolver, o que cria uma contradição na própria formulação política do trabalho jornalístico. Deve-se, sim, ter opinião, saber onde ela começa e onde acaba, saber onde ela interfere nas coisas ou não. É preciso ter consciência. O que se procura, hoje, é exatamente tirar a consciência do jornalista. O jornalista não deve ser ingênuo, deve ser cético. Ele não pode ser impiedoso com as coisas sem um critério ético. Nós não temos licença especial, dada por um xerife sobrenatural, para fazer o que quisermos.

O jornalismo é um meio de ganhar a vida, um trabalho como outro qualquer; é uma maneira de viver, não é nenhuma cruzada. E por isso você faz um acordo consigo mesmo: o jornal não é seu, é do dono. Está subentendido que se vai trabalhar de acordo com a norma determinada pelo dono do jornal, de acordo com as idéias do dono do jornal. É como um médico que atende um paciente. Esse médico pode ser fascista e o paciente comunista, mas ele deve atender do mesmo jeito. E vice-versa. Assim, o totalitário fascista não pode propor no jornal o fim da democracia nem entrevistar alguém e pedir: "O senhor não quer dizer uma palavrinha contra a democracia?"; da mesma forma que o revolucionário de esquerda não pode propor o fim da propriedade privada dos meios de produção. Para trabalhar em jornal é preciso fazer um armistício consigo próprio.

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. pp. 109-11.

A Quais as idéias-chave do texto?

B Sintetize o texto a partir das idéias-chave.

TEXTO 3

Uma escola para os ricos e outra para os pobres

A Escola da Nobreza durou até que as estruturas do mundo feudal, rígidas e hierarquizadas, se tornassem anacrônicas por causa do desenvolvimento do capitalismo industrial.

A face do mundo transformou-se pela invenção da máquina e a utilização de novas fontes de energia. Com a revolução tecnológica, novas classes sociais emergiram: a nascente burguesia industrial, responsável pelo progresso técnico, tomou o poder da velha aristocracia rural; uma classe operária formada pela concentração, em torno dos novos centros de produção, de uma mão-de-obra pobre e desqualificada.

Neste panorama de um mundo em mudança, a escola mantinha-se reservada às elites.

No entanto, o desenvolvimento industrial requer um número muito maior de quadros técnicos e científicos. Esta exigência econômica leva a uma mudança radical nos conteúdos da escola. Ela é forçada a se modernizar.

As disciplinas científicas adquiriram importância crescente ao lado dos antigos conteúdos clássicos e literários.

Por outro lado, a burguesia dominante começou também a perceber a necessidade de um mínimo de instrução para a massa trabalhadora que se aglomerava nos grandes centros industriais. Os "ignorantes" deveriam socializar-se, isto é, deveriam ser "educados" para tornar-se bons cidadãos e trabalhadores disciplinados.

Foi assim que, paralelamente à escola dos ricos, foi surgindo uma outra escola, a escola dos pobres.

Sua função era dar aos futuros operários o mínimo de cultura necessário a sua integração por baixo na sociedade industrial.

A coexistência desses dois tipos de escola cria uma situação de verdadeira segregação social. As crianças do "povo" freqüentavam a "escola primária", que não é concebida para dar acesso a estudos mais aprofundados.

As crianças da elite seguiam um caminho à parte, com acesso garantido ao ensino de nível superior, monopólio da burguesia.

HARPER, Babette et al. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 29.

A As palavras-chave do texto são: revolução tecnológica, escola para os ricos e escola para os pobres. Indique as frases que as desenvolvem.

B Com base na resposta anterior, complete os seguintes tópicos com o número de idéias-chave solicitado entre parênteses:

- revolução tecnológica (três idéias-chave)
- escola para os ricos (duas idéias-chave)
- escola para os pobres (duas idéias-chave)

TEXTO 4

A timidez e a contradição

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório

apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando "Não me olhem! Não me olhem!" só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaraçá-lo.

O tímido vive acossado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos ou tapar um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 10 mar. 1996.

A Complete: a unidade de sentido do texto se funda nas palavras ... e ... .

B Aponte as idéias-chave sobre o tímido.

C Redija cinco frases que deixem evidentes as contradições do tímido.

Capítulo 2

LENDO O TEXTO (II)

A COERÊNCIA

Quando encontramos as palavras-chave de um texto, estamos de posse de seu alicerce semântico. Agora podemos ir além, descobrindo como se dá a expansão dessas palavras. É um outro caminho que se abre para a leitura do texto. Por meio desse procedimento, vamos depreender as relações existentes entre os segmentos que se organizam em torno das palavras-chave. Ao fazermos isso, estaremos diante da coerência, um importante fator da textualidade.

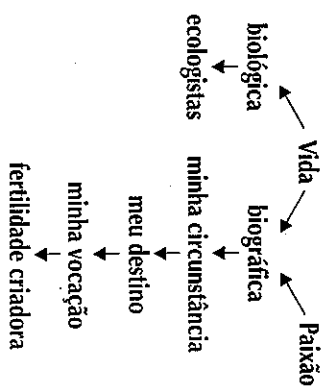
Para um texto manter-se coerente, é preciso que haja um elo conceitual entre seus diversos segmentos. Essas relações internas constroem a coerência. Os substantivos e os verbos devem estar interligados não apenas para acrescentar informações, mas também para alicerçar o sentido do texto.

Uma palavra isolada remete a um conceito isolado. Ela não pode surgir de repente, sem nenhuma relação com as anteriores. Faz parte de um todo que lhe dá sentido, desde que forme uma cadeia com as outras que a antecedem ou a sucedem. Interligadas, as palavras devem trabalhar a favor da unidade de sentido. Um texto resulta incoerente quando há falhas na continuidade de suas partes, quando as palavras aparecem de forma gratuita. Não é raro ouvirmos alguém dizer que determinada palavra está imprecisa, não diz com exatidão aquilo que pretendíamos dizer. A imprecisão resulta da falta de motivação entre as palavras que se sucedem numa cadeia em que um elo foi rompido. Para evitar isso, elas devem manter entre si um vínculo muito estreito.

Neste texto, poderemos observar como as palavras se expandem coerentemente:

Está na hora de a paixão reencontrar sua direção. Se as utopias criadas e alimentadas pela vida já não entusiasmam, cabe dirigir o ímpeto da paixão e do entusiasmo à própria vida. Não à vida biológica, reservada ao cuidado dos ecologistas, mas à vida biográfica, à minha vida, à vida de cada qual. Para viver com plenitude, tenho que me apaixonar pela minha circunstância e pelo meu destino, tenho que me identificar passionalmente com minha vocação, única maneira de imprimir à vida toda a fertilidade criadora de que ela é capaz.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo, Ática, 1991. p. 188.

Paixão e *vida* são as duas palavras-chave do texto de Gilberto de Mello. Todas as outras integram-se a elas de forma coerente, como podemos visualizar neste gráfico:

Esse esquema radiografa a coerência do texto e mostra, portanto, uma cadeia de sentido formada pelas palavras que decorrem das palavras-chave: a paixão não deve dirigir-se à vida biológica, mas à vida biográfica. O texto expande-se em palavras que levam a uma definição de vida biográfica, dando continuidade ao par *vida/paixão*.

Mas o texto também se expande pelos verbos. Segundo Gilberto de Mello, a paixão tem de "reencontrar sua direção". Mais adiante a palavra *vida* é retomada pelo verbo *viver*, que se prolonga em dois segmentos:

Para viver com plenitude, tenho que
1. **me apaixonar pela minha circunstância e pelo meu destino;**
2. **me identificar passionalmente com minha vocação.**

Os verbos com os substantivos formam a cadeia mais importante do texto, por meio do qual o sentido se manifesta.

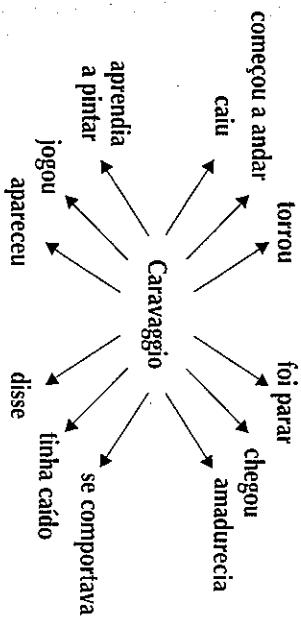
PROCESSOS DE EXPANSÃO DAS PALAVRAS

1. Associação

No texto a seguir, poderemos observar melhor a expansão da palavra-chave, *Caravaggio*, através dos verbos, todos flexionados na terceira pessoa do singular:

Caravaggio começou a andar sobre o fio da navalha ainda adolescente, em Milão, onde torrou a herança do pai e foi parar na cadeia pela primeira vez. Em Roma, onde chegou aos 20 anos, caiu nas graças do cardeal Francesco del Monte, que o abrigou em seu palácio. Enquanto amadurecia e aprendia a pintar temas religiosos, o irrequieto pintor se comportava como um

baguncreiro de periferia. Uma noite, jogou um prato de alcachofras cozidas na cara de um garçom na Praça Navona. Noutra, apareceu apunhalado, mas disse à polícia que tinha caído acidentalmente sobre sua espada.

Veja, 18 mar. 1992.

Como podemos ver, os verbos expandem a palavra-chave, acrescentando-lhe novas informações. Os verbos na terceira pessoa do singular referem-se todos a Caravaggio, garantindo assim a expansão dessa palavra central.

A continuidade de sentidos está assegurada entre as várias frases do texto porque cada segmento, ao reportar-se ao grande pintor italiano, descreve uma faceta de seu comportamento.

Para o estabelecimento da continuidade semântica e a produção de sentidos, os verbos do texto associaram-se a Caravaggio. A **associação** é um dos processos utilizados para desenvolver as idéias. Qualquer palavra pode fazer parte de um campo associativo, desde que contribua para alargar de forma coerente a significação do texto. Com o uso desse processo, ampliamos nossa comunicação, fazendo todas as associações que julgarmos convenientes à consolidação do que pretendemos dizer. Associar não significa apenas juntar. Significa estabelecer correlações entre palavras que fazem parte de nosso campo de conhecimento. Mas a associação não é livre, como pode parecer à primeira vista. Ela é ditada pelo contexto.

2. Identidade

Se uma palavra estabelece níveis de equivalência em determinado contexto, teremos a expansão por identidade. Em outro trecho da mesma reportagem de *Veja*, encontramos a seguinte frase:

Caravaggio é tão popular porque é um homem moderno, psicologicamente torturado e decidido a remar contra a corrente.

As qualidades atribuídas a Caravaggio — popular, homem moderno, torturado, decidido — criam uma equação. Ele é tudo isso. Há uma equivalência total de sentido entre o pintor e o que se diz dele. No processo de identidade não é preciso que as palavras sejam sinônimas. Basta que sejam equivalentes.

3. Oposição

Na oposição dá-se precisamente o contrário da identidade: os termos se relacionam pela diferença, sem, necessariamente, serem antônimos. Veja o seguinte exemplo, tirado da reportagem sobre a mostra do mesmo pintor:

A mostra cobre tanto o período juvenil de Caravaggio — em que ele se dedica à crônica de costumes de sua época e a pintar flores, frutos e figuras mitológicas pagãs — quanto as inesquecíveis cenas bíblicas da maturidade, o ponto alto de sua produção.

A estrutura da frase já faz prever o aparecimento da palavra *maturidade* em oposição a *juvenil* da primeira linha.

Vejamos agora como ocorrem esses três processos de expansão no parágrafo inicial de um texto sobre leitura, de Augusto Meyer. Para efeito de compreensão, vamos analisar apenas as relações criadas pelo verbo *ler*:

Ler um livro é desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo para viver noutro mundo. A janela iluminada noite adentro isola o leitor da realidade da rua, que é o sumidouro da vida subjetiva. Árvores ramalham. De vez em quando passam passos. Lá no alto estrelas teimosas namoram inutilmente a janela iluminada. O homem, prisioneiro do círculo claro da lâmpada, apenas ligado a este mundo pela fatalidade vegetativa do seu corpo, está suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão, além do tempo e do espaço. No tapete voador só há lugar para dois passageiros: leitor e autor.

MEYER, Augusto. *Do leitor*. Caderno de Leitura, Edusp, n. 1, out. 1992. p. 10.

Logo na primeira frase, o autor diz que *ler* é igual a "desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo". Mais adiante, ele identifica a leitura a um estar "suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão", o que gera a metáfora final, "tapete voador". Portanto, o ato de *ler* é idêntico a uma viagem por outros mundos. O processo de identidade está, assim, presente em todo o parágrafo.

Pelo processo de associação, à palavra *ler* se juntam *livro*, *autor* e *leitor*. O campo associativo de *ler* é vasto, mas, nesse contexto, essas palavras são suficientes para criar um sentido. Num texto que tratasse do assunto sob outro ângulo, *ler* poderia associar-se

a *escola*, *aluno*, *professor*, *biblioteca* etc. Tudo depende do encaminhamento que se dá ao tema.

Além da identidade e da associação, também encontramos o processo de oposição nos segmentos "(n)outro mundo" e "outra dimensão" que se contrapõem, respectivamente, ao "mundo comum e objetivo" e a "este mundo".

Esquematizando o texto, *ler* se expande:

1. por identidade

ler (um livro) = desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo, para viver noutro mundo
= (estar) suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão
= tapete voador

2. por associação

ler — livro, autor, leitor

3. por oposição

outro mundo (a leitura) × mundo comum e objetivo
outra dimensão × este mundo

Leia os textos e responda às questões propostas.

TEXTO 1

A estrutura da escola

Considerada como uma reunião de indivíduos com objetivos comuns, num processo de interação contínua, a escola é um grupo social. Mas pode também ser vista como uma instituição, ou seja, um conjunto de normas e procedimentos padronizados, altamente valorizados pela sociedade, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo, a transmissão de aspectos determinados da cultura.

Como grupo social, a escola pode ser vista como um conjunto de alunos, professores e funcionários que desenvolvem um processo contínuo de cooperação, com o objetivo primordial de transmitir cultura.

No estudo da estrutura da escola, percebemos a coexistência de dois grupos distintos mas interdependentes: os educadores e os educandos. Os educadores (diretor, professores, orientadores e auxiliares) representam um grupo maduro, de idade mais avançada, geralmente integrados aos valores sociais vigentes. Sua tarefa principal é transmitir aos educandos tais valores sociais. Esse grupo possui *status* que lhe permite dirigir a aprendizagem, impor normas e exercer liderança sobre os alunos.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1991. p. 130.

A Quais as palavras que expandem *escola* pelo processo de identidade?

B Retire do segundo parágrafo a rede de palavras que se associa de imediato à palavra *escola*.

C Complete: É impossível escrever sobre escola sem falar em *educadores* e *educandos*. Essa forma de expansão de idéias se faz pelo processo de... .

D Retire do texto a frase que justifica o processo de identidade entre as palavras *diretor*, *professores*, *orientadores* e *auxiliares*.

E *Educadores* e *educandos* se reúnem no terceiro parágrafo pelo processo de ..., enquanto *educandos* e *alunos* pelo de... .

F Cite duas palavras que você associa a:
- escola;
- educadores;
- alunos.

G Redija uma frase com as palavras-chave da questão anterior, utilizando as palavras a elas associadas.

TEXTO 2

Sonhos

Presta-se sempre muita atenção às contas, à inflação, aos banqueiros, aos cardiologistas e aos ladrões que infestam as esquinas e espreitam bolsos e bolsas dos outros mortais. Presta-se ainda extrema atenção à guerra, aos políticos e às baleias

ameaçadas de extinção. Mas e os sonhos? Andam por aí, passeando entre nossos miolos, e ninguém se preocupa com eles. Mesmo os psicanalistas já não os examinam com tanto desvelo. E, no entanto, os sonhos são o adubo e o alicerce do dia inteiro. Moldam a alma com a qual acordamos.

Dirás, leitor — sei lá o que dirás. Mas digo-te eu que é grande asneira ficar sempre apostando no real. Ele termina dois passos depois. O resto é o que trazemos na algibeira. Ou na alma, se quiseres. Tanto faz.

Assim, sábado, acordei com a dita alma transformada em bobo lodaçal. Nela, tudo afundava e nem fazia plop. Tentei todos os recursos normais — banho, caminhada, chope e meio, almoço em casa amiga. Tudo em vão. Só a cama me tentava.

Graças a isso — e a certos sonhos bons, dos quais não lembro — acordei, domingo, mais saudável que um pão de centeio — que é a coisa mais saudável que existe. Então, aproveitando o frio e a fome, fui com Mme. K. ao Pulcinella.

Apicius, *Jornal do Brasil*, 11 ago. 1990.

A Quais as palavras que se correlacionam por oposição e constituem o alicerce do texto?

B Releia o primeiro parágrafo e escreva as palavras que estão associadas a *esquinas*, *bolsos* e *bolsas*.

C Retire do primeiro parágrafo as palavras que se opõem a:
- banqueiros, cardiologistas e ladrões;
- sonhos.

D No primeiro parágrafo, a palavra *sonho* liga-se:
- por associação a ...;
- por identidade a ... .

E Justifique no segundo parágrafo a associação de *alma* a *algibeira*.

F Qual a palavra que provoca, no terceiro parágrafo, o aparecimento de *afundava* e *plop*?

G Quais as palavras que justificam o aparecimento de *pão de centeio* no terceiro parágrafo?

TEXTO 3

A sedução

O que se diz de imediato sobre a sedução é que é um jogo. Caçada silenciosa entre dois olhares; captura numa rede perigosa de palavras. Jogo arriscado e fascinante — angústia e gozo — onde o vencedor não sabe o que fazer de seu troféu e o perdedor só sabe que perdeu seu rumo: um jogo cuja única possibilidade de empate se chama amor.

Jogo que pretendo abordar do ponto de vista do aparente perdedor — o seduzido — já que é ele quem nos deixa registro sobre sua experiência. É o seduzido que se expressa — na poesia, na literatura, nos consultórios de psicanálise. É o seduzido que tenta compreender a transformação que se deu nele ao mesmo tempo que tenta entender o poder do olhar sedutor. O que significa Odete para Swann? De que encanto o seduzido é presa, ele não sabe dizer. O sedutor é o que não se revela. Mas revela alguma coisa — o quê? — sobre o seduzido.

KEHL, Maria Rita. Masculino/Feminino: o olhar da sedução. In: ALVES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 411.

A Retire do primeiro parágrafo as palavras que se agrupam por identidade.

B Quais os pares de palavras que se agrupam por oposição no primeiro parágrafo?

C Retire do primeiro parágrafo as palavras que se associam a:
- jogo;
- caçada.

D No segundo parágrafo, o *seduzido* se identifica ao ..., e se opõe ao ... .

E No segundo parágrafo, *deixa registro* associa-se:
- ao verbo ...;
- aos substantivos ... .

F Redija uma frase sobre a sedução em que entrem as seguintes palavras: jogo, angústia, gozo, perdedor, vencedor.

TEXTO 4

A classe do clássico

Os heróis clássicos são heróis da classe alta, que procuram demonstrar a "classe" dessa classe. "Classificar" a tragédia e a epopéia como gêneros maiores e ver nos seus heróis apenas o elevado seria desconhecer uma diferença básica entre o herói épico e o herói trágico, bem como uma dinâmica estrutural que se manifesta nas "grandes obras". Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boa parte de sua grandeza através de uma série de "baixezas" (matar, mentir, tripudiar cadáveres, enganar e mentir), a narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é o da queda. Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as "baixezas" do herói épico é que o "elevam".

O herói épico e o herói trágico unem em si e em seu percurso as duas pontas do alto e do baixo. Aquiles, o grande guerreiro, é humilhado por Agamêmnon, perde a sua escrava preferida, perde o seu melhor amigo, fica ausente de muitas lutas e se barbariza ao tripudiar o cadáver de Heitor; Odisseu, o astuto, vencedor de Tróia, demora a descobrir o caminho de volta, perde todos os companheiros e troféus nesse percurso, para se recuperar no fim; Édipo, rei e benfeitor, vê-se transformado em malfeitor e pária social.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo, Ática, 1985. pp. 12-3. (Série Princípios, nº 24)

A Quais os pares de palavras que se associam por oposição ao herói épico?

B Elabore uma frase sobre o herói épico usando uma das oposições da resposta anterior.

C Quais os verbos de sentido negativo e de sentido positivo associados ao herói épico no primeiro parágrafo?

D Qual a palavra que se associa exclusivamente ao herói trágico?

E Elabore uma frase sobre o herói trágico a partir de sua resposta anterior.

F Retire do texto os trechos que colocam o herói trágico e o herói épico no mesmo patamar de identidade.

G Retire do texto a frase que marca a oposição entre esses dois tipos de herói.

H Assinale os termos que marcam a oposição e a identidade dos heróis na frase: "Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as 'baixezas' do herói épico é que o 'elevam' ".

I Quais os verbos que expandem cada um dos heróis (Aquiles, Odisseu, Édipo) no segundo parágrafo?

J Pelo processo de identidade, temos:

- Aquiles = ...;
- Odisseu = ...;
- Édipo = ...

Capítulo 3

DOMINANDO A COESÃO TEXTUAL

COESÃO E COERÊNCIA

Quando escrevemos um texto, uma das maiores preocupações é como amarrar a frase seguinte à anterior. Isso só é possível se dominarmos os princípios básicos de coesão. A cada frase enunciada devemos ver se ela mantém um vínculo com a anterior ou anteriores para não perdermos o fio do pensamento. De outra forma, teremos uma seqüência de frases sem sentido, sucedendo-se umas às outras sem muita lógica, sem nenhuma coerência.

A coesão, no entanto, não é só esse processo de olhar constantemente para trás. É também o de olhar para adiante. Um termo pode esclarecer-se somente na frase seguinte. Se minha frase inicial for *Pedro tinha um grande desejo*, estou criando um movimento para adiante. Só vamos saber de que desejo se trata na próxima frase: *Ele queria ser médico*. O importante é cada enunciado estabelecer relações estreitas com os outros a fim de tornar sólida a estrutura do texto.

Mas não basta costurar uma frase a outra para dizer que estamos escrevendo bem. Além da coesão, é preciso pensar na coerência. Você pode escrever um texto coeso sem ser coerente. Por exemplo:

Os problemas de um povo têm de ser resolvidos pelo presidente. Este deve ter ideais muito elevados. Esses ideais se concretizarão durante a vigência de seu mandato. O seu mandato deve ser respeitado por todos.

Ninguém pode dizer que falta coesão a esse parágrafo. Mas de que ele trata mesmo? Dos problemas do povo? Do presidente? Do seu mandato? Fica difícil dizer. Embora ele tenha coesão, não tem coerência. Retomar a cada frase uma palavra da anterior não significa escrever bem. A coesão não funciona sozinha. No exemplo acima, teríamos que, de imediato, decidir qual a sua palavra-chave: *presidente* ou *problemas do povo*? A palavra escolhida daria estabilidade ao parágrafo. Sem essa base

estável, não haverá coerência no que se escrever; e o resultado será um amontoado de idéias. Enquanto a coesão se preocupa com a parte visível do texto, sua superfície, a coerência vai mais longe, preocupa-se com o que se deduz do todo.

A coerência exige uma concatenação perfeita entre as diversas frases, sempre em busca de uma unidade de sentido. Você não pode dizer, por exemplo, numa frase, que o "desarmamento da população pode contribuir para diminuir a violência", e, na seguinte, escrever: "Além disso, o desemprego tem aumentado substancialmente". É flagrante a incoerência existente entre elas.

Vejamos o texto abaixo:

Ulysses era impressionante sob vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura. Contemplado de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras, que subiam e desciam pesadas como cortinas de ferro, e os olhos claríssimos, de um azul leve como o ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si onde guardava sua força.

Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 21 out. 1992.

Esse trecho de reportagem gira em torno de Ulysses Guimarães, que é sua palavra-chave. É a retomada direta ou indireta do nome de Ulysses que dá estabilidade ao texto, encaminhando-o numa só direção: fazer uma descrição precisa desse político brasileiro. Além disso, as frases estão bem amarradas porque seu redator soube usar com precisão alguns dos recursos de coesão textual, tanto dentro da frase, quanto ao passar de uma frase para outra. A coesão interna é tão importante quanto a externa.

Vejamos em primeiro lugar os recursos de que Roberto Pompeu se utiliza para manter a **coesão dentro de cada frase:**

1. na primeira frase, *vários aspectos* projeta o texto para adiante. A palavra *aspectos* é retomada pelo segmento *o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura*;

2. na segunda frase, o pronome relativo *que* retoma *as longas pálpebras: que* (as quais) *subiam e desciam*;

3. na última frase:

- o relativo *onde* mantém o elo coesivo com a *região dentro de si onde* (na qual) *guardava sua força*;
- e os pronomes *si* (dentro de si) e *sua* (sua força) reportam-se ao sujeito *ele* de *quando ele as abria*.

Agora é preciso ver como se realiza a **coesão de frase para frase**:

1. o *ele* da segunda frase retoma o nome *Ulysses*, enunciado logo no início da primeira;

2. as *pálpebras* da terceira frase retoma as *longas pálpebras* da segunda;

3. na última frase, o sujeito *ele* (*quando ele as abria*) refere-se mais uma vez a *Ulysses* e o pronome *as* retoma *pálpebras* da frase anterior.

Em nenhum momento, o autor da reportagem se desvia do assunto (Ulysses Guimarães) porque se mantém atento à coesão.

RECURSOS DE COESÃO

Para escrever de forma coesa, há uma série de recursos, como:

1. Epítetos

Epíteto é a palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa.

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que *o cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

Glauber Rocha foi substituído pelo qualificativo *o cineasta mais famoso do cinema brasileiro*.

2. Nominalizações

Ocorre nominalização quando se emprega um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente.

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

3. Palavras ou expressões sinônimas ou quase-sinônimas

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

4. Repetição de uma palavra

Podemos repetir uma palavra (com ou sem determinante) quando não for possível substituí-la por outra.

***A propaganda*, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou idéia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo da ideologia dominante.**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, Moderna, 1993. p. 50.

5. Um termo-síntese

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador.

A palavra *limitações* sintetiza o que foi dito antes.

6. Pronomes

- **Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.**
- **O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.**
- ***Aquele político* deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.**
- **Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.**

7. Numerais

- **Não se pode dizer que toda a *turma* esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.**
- **Recebemos *dois telegramas*. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.**

8. Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí)

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Mona Lisa".

9. Elipse

O *ministro* foi o primeiro a chegar. *(Ele)* Abriu a sessão às oito em ponto e (*ele*) fez então seu discurso emocionado.

10. Repetição do nome próprio (ou parte dele)

- ***Manuel da Silva Peixoto* foi um dos ganhadores do maior prêmio da loto. *Peixoto* disse que ia gastar todo o dinheiro na compra de uma fazenda e em viagens ao exterior.**
- ***Lygia Fagundes Telles* é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.**

11. Metonímia

Metonímia é o processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contigüidade semântica.

- **O *governo* tem-se preocupado com os índices de inflação. O *Planalto* diz que não aceita qualquer remarcação de preço.**
- **Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.**

12. Associação

Na associação, uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação.

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

A palavra *alagamentos* surgiu por estar associada a *enchentes*. Mas poderia ter sido usada uma outra como *transtornos, acidentes, transbordamento do Tietê* etc.

EXERCÍCIOS

1. Identifique nos textos a seguir todos os termos que retomam as palavras em itálico:

A Em outubro de 1839 *Paris* ainda possuía a mesma mística embriagadora que *Chopin* experimentara ao chegar lá em setembro de 1831. A ausência de 11 meses só servira para aumentar seu apaixonado fascínio pela magnífica metrópole espraiada ao longo das sinuosas margens do Sena. Paris havia-se tornado a amante de Chopin muito antes de ele conhecer *Mme. Sand* e durante vários anos subseqüentes suas afeições ficariam divididas entre as duas. Ambas o adoravam, do mesmo modo que eram, por sua vez, cultuadas por ele, e ambas eram essenciais à sua existência. Com a saúde debilitada, o jovem músico não podia sobreviver ao estímulo de uma sem o amparo da outra.

ATWOOD, William G. *A leoa e seu filhote*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 139.

B Um antigo morador de *São Cristóvão* contava que, na mocidade, viajara diariamente, na barca que fazia o trajeto entre aquela praia e o *Cais Pharoux*, ou dos Franceses, como então se dizia, com *um adolescente aparentando 13 ou 14 anos*, magrinho, modesta mas limpamente vestido.

A barca vinha cedo para a cidade, e voltava à tarde, conduzindo sempre os mesmos *passageiros*, gente que tinha empregos no centro. Como era natural, a camaradagem se estabeleceu entre esses companheiros diários, todos conversavam para matar o tempo. Só o mocinho magro, sempre com um livro na mão, nunca dirigiu a palavra a ninguém. Mal se sentava, logo afundava na leitura, e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam. Era Machado de Assis.

Afinal, a única informação segura, clara, que nos chega sobre o princípio da adolescência de Joaquim Maria é essa imagem. Com certeza, só sabemos que ia todas as manhãs, bem cedo, do seu bairro para o centro urbano.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988. pp. 45-6.

C As imagens ficarão gravadas como um raio na memória dos brasileiros. Na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, no autódromo de Ímola, na Itália, *Ayrton Senna* passa direto pela curva Tamburello, a 300 quilômetros por hora, e espatifa-se no muro de concreto. À 1h40 da tarde, hora do Brasil, um boletim médi-

co do hospital Maggiore de Bolonha, para onde o piloto foi levado de helicóptero, anunciou a morte cerebral de Ayrton Senna. Não havia mais nada a fazer. Ayrton Senna da Silva, 34 anos, tricampeão de Fórmula 1, 41 vitórias de Grandes Prêmios, 65 *pole-positions*, um dos maiores fenômenos de todos os tempos no automobilismo, estava morto.

Ninguém simboliza melhor a comoção que tomou conta do mundo que a imagem de *Alain Prost*, chorando num dos boxes de Ímola. Não era o choro de um torcedor, mas de um rival, o maior de todos em dez anos de brigas dentro e fora das pistas, um alterego de Ayrton Senna na Fórmula 1. Na manhã de domingo, minutos antes de entrar pela última vez no cockpit de sua Williams, Senna encontrou-se com o ex-adversário, deu-lhe um tapinha nas costas e comentou: "Prost, você faz falta". Horas mais tarde, cercado pelos jornalistas, o francês não conseguiu retribuir a gentileza. "Estou consternado demais para falar", limitou-se a dizer , com lágrimas nos olhos.

Veja, Edição extra, 3 maio 1994, p. 7.

2. Leia os textos a seguir e escreva os termos retomados pelas palavras em itálico. Distribua-os em duas colunas: **coesão dentro da frase** e **coesão entre as frases**.

A Um gel desenvolvido por cientistas americanos para ajudar a cicatrização de ferimentos profundos e queimaduras graves representará o primeiro resultado comercialmente visível de uma nova geração de medicamentos. A *pomada cicatrizante*, *que* chegará às farmácias americanas até o início do próximo ano, será uma espécie de cola biodegradável, *cuja* função é juntar as células sadias em torno do ferimento, reconstituindo os tecidos em um tempo 30% mais rápido que qualquer outro remédio. Além disso, o *gel* elimina toda cicatriz. *O novo medicamento* é fruto do desenvolvimento de um dos ramos mais recentes da medicina, *o* que estuda a adesividade das células do corpo humano, a partir de uma constatação óbvia: os cerca de 100 trilhões de células *que* formam o organismo de uma pessoa podem ser comparados a tijolos de um edifício, *que* precisam estar devidamente unidos por camadas de *cimento*. Se o cimento é de má qualidade ou insuficiente, o prédio pode ruir. Da mesma forma, os *cientistas* trabalham agora com a certeza de que um "cimento biológico" dá estrutura ao corpo humano e o domínio *dessa substância* fará a medicina avançar a passos largos no combate a uma série de doenças.

Istoé, 14 out. 1992.

Coesão dentro da frase	**Coesão entre as frases**
que (*que chegará*) retoma...	pomada cicatrizante retoma...
cuja (*cuja função*)...	gel...
o (*o que estuda*)...	novo medicamento...
que (*que formam*)...	cimento...
que (*que precisam*)...	cientistas...
dessa substância...	

B A nova vocação dos computadores é funcionar com todo o aparato técnico fornecido pela informática, só que numa relação tão visual e emocionante quanto um jogo de videogame. Já existem *máquinas que* cruzam essa fronteira, produzindo imagens em três dimensões *nas quais* o usuário tem a sensação de penetrar. Imagine um visor *que* pode ser preso na frente dos olhos, como uma máscara de mergulho. Acoplado a um computador, *esse visor* cria imagens baseadas num programa e dá à pessoa a ilusão de que está no ambiente projetado na tela. Há mais. Usando uma luva cheia de sensores, *todos* ligados ao mesmo computador, o *operador do equipamento* pode "tocar" objetos *que* só existem na tela aberta diante de *seus* olhos. É possível, por exemplo, *operar* os comandos de um caça-bombardeiro com a mão enluvada e ver na tela os instrumentos sendo manobrados enquanto o avião se move com toda a aparência de uma situação real. Quem vê a *brincadeira* de fora vai enxergar apenas uma pessoa com os *olhos cobertos* por uma máscara levantando uma *mão enluvada* e nada mais.

Veja, 21 out. 1992.

Coesão dentro da frase	**Coesão entre as frases**
que (*que cruzam*) retoma...	máquinas retoma...
nas quais...	esse visor...
que (*que pode ser preso*)...	operador do equipamento...
todos...	operar...
que (*que só existem*)...	brincadeira...
seus (*seus olhos*)...	olhos cobertos...
	mão enluvada...

3. Utilizando os recursos de coesão, substitua os elementos repetidos quando necessário:

A O Brasil vive uma guerra civil diária e sem trégua. No Brasil, que se orgulha da índole pacífica e hospitaleira de seu povo, a sociedade organizada ou não para esse fim promove a matança impiedosa e fria de crianças e adolescentes. Pelo menos sete milhões de *crianças e adolescentes*, segundo estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), vivem nas ruas das cidades do Brasil.

Texto modificado de *Istoé Senhor*, 28 ago. 1991.

B Todos ficam sempre atentos quando se fala de mais um casamento de Elizabeth Taylor. Casadoura inveterada, *Elizabeth Taylor* já está em seu oitavo *casamento*. Agora, diferentemente das vezes anteriores, *o casamento de Elizabeth Taylor* foi com um homem do povo que *Elizabeth Taylor* encontrou numa clínica para tratamento de alcoólatras, onde ela também estava. Com toda pompa, o *casamento* foi realizado na casa do cantor Michael Jackson e a imprensa ficou proibida de assistir *ao casamento de Elizabeth Taylor* com um *homem do povo*. Ninguém sabe se será o último *casamento* de *Elizabeth Taylor*.

C A poesia às vezes se impõe por sua própria força. Mesmo quem nunca leu Carlos Drummond de Andrade sabe que ele é um grande poeta. *Carlos Drummond de Andrade* marcou não só a literatura brasileira, mas também a vida cotidiana de muitas pessoas com suas crônicas publicadas no ***Jornal do Brasil***. A poesia de *Carlos Drummond de Andrade* também se preocupou com a nossa *vida cotidiana*. Nesses momentos a poesia de *Carlos Drummond de Andrade* nos faz refletir sobre sentimentos advindos de certos fatos que, ditos de outra forma, não nos teriam tocado tanto.

D O rio Mississipi, Pai de Todos os Rios, como dizem os americanos, é uma serpente caudalosa que rasga os Estados Unidos de norte a sul. Das Montanhas Rochosas aos Montes Apalaches, o *rio Mississipi* abastece-se de afluentes menos famosos em 31 dos cinqüenta Estados americanos. O *rio Mississipi* tem 3 800 quilômetros de extensão e irriga as terras mais férteis do planeta, na região que se convencionou chamar de meio-oeste. Planta-se milho, soja e trigo com baixos custos de adubagem e excelente produtividade, e os agricultores aceitam de bom grado as cheias periódicas do *rio Mississipi*, um fenômeno que se repete desde as eras glaciais. São elas que fertilizam o solo e tornam excepcionais as colheitas.

Adaptado de *Veja*, 28 jul. 1993.

E Todas as descobertas para emagrecer sem fazer muito esforço não passam de falsas promessas. Todas? Uma nova droga ainda em testes, o Orlistat, parece fugir à regra. O *Orlistat*, que está sendo desenvolvido pelo laboratório Hoffmann-La Roche, funciona mesmo como uma mágica. O *Orlistat* provoca uma rápida redução de peso, ainda que o paciente saia do sério na dieta. Em vez de inibir o apetite ou acelerar a queima de calorias pelas células, como fazem outras drogas desenvolvidas nas últimas décadas, o *Orlistat* impede que a gordura caia na corrente sangüínea e se acumule na cintura e nos culotes. O *Orlistat*, além de promissor, promete ser uma mina de ouro para seus fabricantes dentro de alguns anos, quando provavelmente deve chegar às prateleiras das farmácias. Enquanto isso, pesquisadores tentam mapear todos os possíveis efeitos colaterais do *Orlistat*, que ainda não são totalmente conhecidos.

Adaptado de *Veja*, 28 jul. 1993.

4. Para cada frase abaixo, redija uma segunda, utilizando o recurso de coesão sugerido entre parênteses.

A Um dos graves problemas das metrópoles são os meios de locomoção. (*palavra sinônima ou quase-sinônima*)

B Ayrton Senna foi um dos maiores esportistas brasileiros. (*epíteto*)

C Não se pode comparar São Paulo com o Rio de Janeiro. (*uso de pronomes*)

D Muitas pessoas estão preferindo ir morar em pequenas cidades do interior. (*advérbio pronominal*)

E O crescimento desordenado degrada qualquer cidade. (*nominalização*)

5. Para cada item do exercício anterior, acrescente uma terceira frase que dê continuidade ao seu pensamento, utilizando um recurso de coesão à sua escolha.

Capítulo 4

AJUSTANDO A FRASE

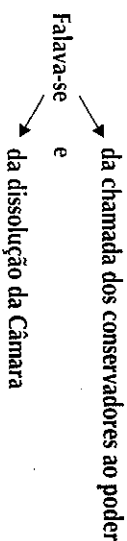
OS PARALELISMOS

Os paralelismos são também um recurso de coesão textual. Sua função é veicular informações novas através de determinada estrutura sintática que se repete, fazendo o texto progredir de forma precisa.

Tomemos a seguinte frase:

Falava-se da chamada dos conservadores ao poder e da dissolução da Câmara.

O conector *e* soma duas informações vinculadas ao verbo falar (*falava-se de*). Ambas vêm precedidas da mesma preposição (*de*), constituindo assim um paralelismo. Se esquematizarmos a frase, veremos com mais clareza sua construção:

Falava-se → **da chamada dos conservadores ao poder**
e
→ **da dissolução da Câmara**

Os dois segmentos de frase formam, portanto, construções paralelas. Se sempre observarmos esse tipo de construção, o texto se tornará mais coeso e, conseqüentemente, mais claro. A coerência também deve ser observada, pois a segunda parte da frase tem de estar não só sintática, mas também semanticamente associada à primeira.

Esta frase está correta do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista semântico:

Ele estava não só atrasado para o concerto, mas também sua mulher tinha viajado para a fazenda.

Com este exemplo queremos chamar a atenção para esse tipo de construção em que a primeira parte do paralelismo aponta numa direção e a segunda noutra. A presença dos conectivos *não só/mas também* exige um paralelismo de idéias. É preciso que os dois segmentos se harmonizem, formando um todo semanticamente coerente. Ao escrever uma frase, temos de nos preocupar com a unidade de sua mensa-

gem para que nossa comunicação seja precisa. Os dois segmentos que constituem um paralelismo devem falar de temas da mesma área de significação, sobretudo quando se trata de textos objetivos, como uma argumentação. Já na ficção e na poesia é muito comum encontrar casos de quebra de paralelismo.

A frase anterior pode ser corrigida da seguinte forma:

Ele estava não só atrasado para o concerto, mas também preocupado com a fila que iria enfrentar.

Após a reelaboração, observam-se os paralelismos sintático e semântico e o equilíbrio necessário ao enunciado.

Dentro do parágrafo, o paralelismo pode ser um fator de ordenação de noções às vezes complexas, que ficam mais ao nosso alcance pela forma com que são enunciadas. Atente para este exemplo extraído de um livro de Marilena Chauí:

A Filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é uma religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é uma arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. Não é história, mas interpretação do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo. (...)

Convite à filosofia. São Paulo, Ática, 1994. p. 17.

O parágrafo obedece à estrutura "não é (...) mas é", o que programa de certa forma o espírito do leitor para ter bem distintos, em cada frase, os vínculos da Filosofia com os outros campos do saber.

Os casos mais comuns de paralelismos ocorrem dentro da frase, mas podem também ocorrer de uma frase para outra e até mesmo entre parágrafos. Nestes casos, o que se procura é tirar efeitos estilísticos de seu emprego, como mostraremos nos exemplos a seguir.

Observe o efeito que Joelmir Beting consegue nesta seqüência de frases:

***Pobre só tem* dinheiro. Chama-se cruzeiro. *Pobre não tem* casa, *não tem* carro. *Pobre não tem* emprego, *não tem* salário. *Pobre só tem* dinheiro do dia — exatamente o único valor não indexado da economia.**

O Globo, 19 dez. 1992.

Agora vejamos como se pode usar o paralelismo para estruturar um parágrafo em relação a outro. Gilberto Dimenstein, em *Como não ser enganado nas eleições*, escreve:

(...) este livro traz uma boa e uma má notícia.

A má: agora mesmo, neste exato instante em que você está lendo este parágrafo, há um batalhão de candidatos querendo seduzi-lo e trapaceá-lo, abocanhando seu voto. Ou seja, você corre o risco de fazer o papel de bobo.

A boa: agora mesmo, neste exato instante em que você está lendo este parágrafo, você começa a conhecer segredos e pode evitar as armadilhas preparadas por este batalhão de candidatos que disputam a presidência da República, governos estaduais, duas vagas para o Senado em cada Estado, Câmara dos Deputados e Assembléias Legislativas.

Op. cit. São Paulo, Ática, 1994. p. 14.

Os trechos por nós sublinhados deixam bem evidentes os paralelismos existentes nos dois parágrafos. O autor começa-os da mesma forma a fim de chamar a atenção do leitor para o que marca a oposição entre a boa e a má notícia. Estruturando os parágrafos dessa forma, ele conseguiu clareza e denotou um perfeito domínio de texto.

Os paralelismos são muito comuns em textos didáticos para que eles fluam com mais leveza, sobretudo quando há enumerações.

Quem já leu a nossa Constituição deve ter observado como cada artigo está escrito. A maioria deles está dividida em incisos que começam geralmente com a mesma estrutura sintática. Só a título de exemplo, leiamos os cinco primeiros incisos do Artigo 23:

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

I – zelar pela guarda da Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;

II – cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência;

III – proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV – impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V – proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência; (...)

O Artigo tem doze incisos e todos começam com os verbos no infinitivo, o que dá uniformidade ao texto. Mas em outros artigos nem sempre os paralelismos são respeitados porque iriam contrariar o bom uso da língua, criando construções esdrúxulas. Isto significa que o paralelismo não é uma camisa-de-força. Trata-se apenas de um recurso estilístico que você deve usar quando achar conveniente. Nem sempre a sua ausência significa erro de estruturação. Cláudio Abramo, um dos maiores jornalistas brasileiros, não observou o paralelismo na seguinte frase:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e por causa de jornalistas com pendores literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...).

A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 111.

Ninguém pode dizer que o desrespeito ao paralelismo constitui aí erro. Se Abramo o tivesse observado, teria escrito da seguinte forma:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e a jornalistas com pendores literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...).

Compare as duas frases e verá que a primeira é melhor que a segunda, pois, ao mudar de conectivo, ele coloca em relevo a segunda causa, chamando nossa atenção para o papel de alguns "jornalistas" na mudança de estilo da reportagem moderna. Se o paralelismo tivesse sido observado à risca, as duas causas teriam o mesmo nível de importância e, assim, se perderia o efeito de sentido imaginado pelo autor.

Para concluir: os paralelismos devem ser usados desde que tragam força, clareza e equilíbrio à frase. Caso contrário, não devem ser forçados.

PARALELISMOS MAIS FREQÜENTES

Os casos mais comuns de paralelismos dentro da frase ocorrem:

1. com as conjunções

a) e, nem.

Ele conseguiu transformar-se no comandante das Forças Armadas e no homem forte do governo.

Não adianta tomar atitudes radicais *nem* fazer de conta que o problema não existe.

b) não só... mas também.

O projeto *não só* será aprovado, *mas também* posto em prática imediatamente.

c) mas.

Não estou descontente com seu desempenho, *mas* com sua arrogância.

d) ou.

O governo *ou* se torna racional *ou* se destrói de vez.

e) tanto... quanto.

Estamos questionando *tanto* seu modo de ver os problemas *quanto* sua forma de solucioná-los.

f) isto é, ou seja etc.

Você devia estar preocupado com seu futuro, *isto é*, com a sua sobrevivência.

2. com as orações justapostas (aquelas que estão coordenadas sem conectivos)

O governo até agora não apresentou nenhum plano para erradicar a miséria, não criou nenhum programa de empregos, não destinou os recursos necessários para a educação e a saúde.

Esse tipo de paralelismo é muito comum em textos literários, sobretudo em poesia:

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...

(Manuel Bandeira)

O poeta recorre aos mesmos termos e à mesma estrutura, sempre acrescentando uma informação nova ao verbo *varrer*.

EXERCÍCIOS

1. Esquematize as frases a seguir, pondo em evidência os paralelismos:

A (...) sempre existem voluntários capazes de se mobilizar para dizer o que pensam e pressionar o governo para defender o que consideram seu direito. (*Veja*, 20 nov. 1991)

B Uma experiência da China que teve sucesso no Ceará está em teste no Alto Solimões e pode evitar que o cólera se alastre e atinja outros locais do país através dos rios. (*O Globo*, 2 set. 1991)

C Pela propaganda, imagina-se não só que tudo foi produto exclusivo da gestão petista atual, mas também que as unidades estão trabalhando com capacidade plena. (*Folha de S.Paulo*, 24 ago. 1991)

D Muitas denúncias a atingiram sem terem sido dirigidas diretamente a ela, mas às Superintendências subordinadas à sua administração. (*O Globo*, 2 set. 1991)

E (...) a primeira preocupação não é a de elucidar os atos irregulares — até agora não refutados pela LBA —, mas sim a de acenar com a punição dos que revelam desmandos oficiais. (*Folha de S.Paulo*, 30 ago. 1991)

F Meu encontro com Julio Cortázar não se deveu a um acaso de percurso, nem a uma dispersa curiosidade intelectual. (Haroldo de Campos, *Folha de S.Paulo*, 30 ago. 1991)

G A linha dura do partido comunista apostou no imobilismo da sociedade soviética e numa reação frouxa do Ocidente para reinstalar um regime autoritário. (*Istoé Senhor*, 27 ago. 1991)

2. Reescreva as frases abaixo, estabelecendo os paralelismos:

A Os ministros negaram estar o governo atacando a Assembléia e que ele tem feito tudo para prolongar a votação do projeto.

B O presidente sentia-se acuado pelas constantes denúncias de corrupção em seu governo e o crescimento na Constituinte da pressão em favor da fixação de seu mandato em quatro anos.

C Quando o ditador morreu, seu porta-voz conseguiu transformar-se no comandante das Forças de Defesa e que era o homem forte do país.

D Poucas horas antes de um emissário lhe trazer a notícia e que se inteirasse dos fatos, ele se divertia com os netos.

E Aos poucos ele foi tomando consciência de que nem tudo dependia de sua presença e uma mão forte agia por trás dos últimos acontecimentos.

F Com isso, conseguia-se o objetivo duplo de fortalecer o governo amigo e ainda por cima os oposicionistas eram incriminados.

G Não só todos ficaram perplexos e partiram desesperançados.

H O carnaval ritualiza o reinício da vida com a desentronização do rei e quando se entroniza um outro.

3. Escreva um segundo segmento para cada frase, levando em consideração o paralelismo sintático e semântico:

A A expansão do narcotráfico no Brasil deve-se à desinformação dos males causados pelas drogas e...

B A saúde no Brasil necessita não só da atenção de nossos governantes, mas também...

C É preciso que todos se conscientizem de que só educando o povo é possível construir uma nação solidária e...

D O técnico da seleção ficou cheio de esperanças ao convocar jogadores tarimbados e...

E As grandes cidades ou param de crescer desenfreadamente ou...

F As crianças que vivem pelas ruas sofrem com o abandono da família e...

G Depois do espetáculo, os artistas voltaram ao palco para dar uma mensagem de esperança e...

4. Identifique os paralelismos nos textos abaixo:

A Há duas interpretações correntes e quase antagônicas para o grau de racismo existente no Brasil e nenhuma delas é verdadeira. De um lado, afirma-se que praticamente não há racismo no país. Essa é a versão do cadinho de raças, do mundo cordial onde pretos se casam com brancos e mulatos, numa integração quase perfeita. Haveria, por certo, uma brincadeira aqui, uma zombaria ali, um abuso acolá, mas nada perturbador num país pardacento e, graças a Deus, livre do vírus do desentendimento racial, da mesma forma que ficou fora da zona dos furacões e dos

terremotos. A outra versão, oposta, diz que o racismo está apenas dissimulado no Brasil. Justamente por não ser explícito, o preconceito seria pior. E nada ficaria a dever àquilo que se vê em países de violentos conflitos raciais.

Veja, 7 jul. 1993.

B A notícia de que era pai, de que Olga estava viva, de que a mãe e as irmãs estavam bem, encheu de esperanças um Prestes às portas da condenação por um tribunal de exceção. Ele releu, dezenas de vezes, a carta da mulher e a da mãe no cubículo em que continuava preso. Quando Sobral Pinto informou-o de que tinha obtido autorização para que respondesse à correspondência de Olga, ele fez uma exigência. Sabendo que as cartas eram censuradas, primeiro pela polícia de Filinto Müller, no Brasil, depois pela Gestapo, em Berlim, pediu ao advogado que lhe comprasse uma gramática alemã e um dicionário de alemão.

MORAES, Fernando. *Olga*. 14. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1987. p. 233.

C O jogo é uma atividade livre, voluntária, desligada de todo e qualquer interesse material, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias; ele é acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. A essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a tensão e a incerteza. O elemento de tensão lhe confere um valor ético, na medida em que são postas à prova as qualidades dos jogadores: força e tenacidade, habilidade e coragem e, igualmente, as capacidades espirituais e a lealdade. A tensão aumenta a importância do jogo, e essa intensificação permite ao jogador "esquecer" que está apenas jogando. Ele cria ordem e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a essa ordem "estraga o jogo", privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor.

JANÔ, Antônio Januzelli. *A aprendizagem do ator*. São Paulo, Ática, 1986. pp. 54-55. (Série Princípios, nº 64)

D Em toda sociedade civilizada existem necessariamente duas classes de pessoas: a que tira sua subsistência da força de seus braços e a que vive da renda de suas propriedades ou do produto de funções onde o trabalho do espírito prepondera sobre o trabalho manual. A primeira é a classe operária; a segunda é aquela que eu chamaria a classe erudita.

Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Estas crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento e sobretudo o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo nas escolas. (...)

Os filhos da classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a estudar durante muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro. Necessitam de um certo tipo de conhecimento que só se pode apreender quando o espírito amadurece e atinge determinado grau de desenvolvimento. (...)

Esses são fatos que não dependem de qualquer vontade humana; decorrem necessariamente da própria natureza dos homens e da sociedade: ninguém está em condições de poder mudá-los. Portanto, trata-se de dados invariáveis dos quais devemos partir.

Concluamos, então, que em todo Estado bem administrado e no qual se dá a devida atenção à educação dos cidadãos, deve haver dois sistemas completos de instrução que não têm nada em comum entre si.

TRACY, Destutt de. In: HARPER, Babette et al. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 28.

A ÊNFASE

Compare as seguintes frases:

1. **Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia, em Petrogrado, retornando de trem do exílio.**
2. **Retornando de trem do exílio, Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia, em Petrogrado.**

Veja, 28 ago. 1991.

A segunda opção, evidentemente, é a melhor. Não porque tenha sido a preferida por *Veja*, mas porque põe em destaque segmentos de frase como *retornando de trem do exílio* e *em Petrogrado*. Seu autor preocupou-se em escrever de tal forma que o leitor lesse toda a frase com a mesma atenção. Em outras palavras, ele escreveu preocupado com a *ênfase*. A colocação deste ou daquele termo no princípio ou no fim da oração altera nossas expectativas. Trata-se de um recurso de expressividade por meio do qual alguns termos, que em outra posição passariam despercebidos, ganham relevo.

Geralmente, alguma circunstância (tempo, lugar, meio, fim) é enunciada em primeiro lugar, antecedendo o núcleo do pensamento. Nas frases acima, esse núcleo

ou idéia principal é: *Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia.* A segunda forma é mais enfática que a primeira. A idéia principal ficou entre duas circunstâncias:

de tempo — *retornando de trem do exílio*;
de lugar — *em Petrogrado.*

A ênfase cria certo suspense no leitor. Observe que a primeira versão diz o mais importante logo no início e, quando isso acontece, nossa tendência é não dar muita atenção ao que vem depois.

Mas é preciso muito cuidado para não abusar desse recurso. Se a cada passo fizermos inversões, poderemos cair num rebuscamento inócuo. A boa frase deve demonstrar equilíbrio.

Em geral, vêm no início da frase:

a) adjuntos adverbiais de tempo, lugar, modo, fim etc.

***No próximo dia 27*, o Brasil vai comemorar o centenário do grande escritor alagoano Graciliano Ramos.**

b) alguns tipos de orações subordinadas.

***Embora tivesse chegado atrasado*, não pediu desculpas.**

c) orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo.

***Ao chegar em casa*, foi logo ralhando com as crianças.**

1. Reordene os períodos abaixo, observando a ênfase de alguns termos:

A O governo avançou por um caminho perigoso na semana passada, ao anunciar seu novo plano econômico.

B Os dois astronautas decidiram fazer a experiência por conta própria para provar sua teoria.

C Esse fenômeno vem acontecendo em outras regiões da Terra desde que as queimadas na Amazônia começaram a ser feitas sem nenhum controle.

D O técnico reuniu os jogadores de seu time para anunciar que vai abandonar o cargo, antes de iniciar os treinamentos ontem de manhã, caso não consigam vencer a partida do próximo sábado.

E O ministro da Justiça foi metralhado dentro de seu carro no centro de Bogotá, que começava a incomodar demais os chefões da droga, naquele oito de outubro.

F Várias grandes árvores tornaram-se raros habitantes de viveiros e hortos florestais, como o jequitibá que chega a mais de 50 metros, ou o próprio pau-brasil, no caso da vegetação, por exemplo.

Texto modificado de *Veja*, 20 nov. 1991.

G Seria de esperar que alguns problemas graves fossem resolvidos urgentemente, como a legião de 4,4 milhões de crianças que não freqüentam salas de aula, num país como o Brasil onde os recursos destinados à educação são liberados com dificuldade.

H O homem desembarcou, convencido de que a hipótese de confronto com a mulher é a última alternativa agora em jogo a respeito da herança, com o céu carregado de maus presságios, na última quinta-feira.

2. Reúna os segmentos de frase num só período, observando a ênfase e a clareza.

A Aos vinte anos nos sentimos invulneráveis, imunes às desgraças.
Pois desastres e catástrofes só acontecem aos outros.
A morte não faz parte de nossas preocupações.

B Dezenas de profissionais já trabalharam um sem-número de horas.
Quando a notícia chega até nós.
Seja pela televisão, rádio ou jornal.

C Cuidado, você está sendo vítima de um bombardeio.
Se você se sente tocado por um anúncio de TV.
Que é pensado milimetricamente por profissionais capazes de vender até um pedaço do céu.

D As pessoas ficam meio perdidas.
E digo que sou RP (relações-públicas).
Como se estivessem diante de um extraterrestre.
Quando me perguntam o que faço.

E O que nos transporta aos tempos em que os engenhos e o comércio faziam do lugar um dos portos mais importantes do Brasil-Colônia.
Principalmente quando se usufrui do aconchego de suas pousadas e restaurantes.
Parati é romântica.

Adaptado de *Ponte Aérea*, n. 89, s/d. p. 21.

F Acompanhados pelo reco-reco, pelo carimbó (atabaque grande) e pela viola.
Levantando os braços acima das cabeças.
Executando variada coreografia.
Os dançarinos se movimentam pelo salão.
Simulando o ruído de castanhola com os dedos.

Adaptado de *Cultura*, MEC, n. 3, 1971. p. 69.

G A imagem introduz um novo elemento de persuasão.
Conseguindo atingir pessoas de qualquer nível.
Quando bem trabalhada.
Num outdoor.

3. As frases dos textos abaixo sofreram modificação em sua estrutura. Reordene-as, observando a ênfase:

A Não aponte o dedo para cima quando, sem nenhuma nuvem maculando o negror cintilante, o céu estiver cheio de estrelas. Pode ser que apareça uma antiestética verruga em seu nariz no dia seguinte. Isso se o que dizem for verdade no interior do Brasil, é claro. Esta é uma das mais antigas e interessantes, antes de mais nada, superstições recolhidas pelos estudiosos do folclore.

Cultura, MEC, n. 3, jul./set. 1971. p . 66.

B Os mestres de jornal que mais viva impressão deixaram no meu espírito, avivando impressões que ali fui guardando, quando busco na memória, dou por mim na minha província natal, ao ver passar no Largo do Carmo esses dois vultos, em São Luís, que o tempo já desfez: Antônio Lopes da Cunha e Nascimento Morais.

MONTELLO, Josué. *Revista de Comunicação*, n. 31, mar. 1993. p. 31.

C Uma dieta que protege o coração e afasta o perigo do câncer deve incluir um copo, de preferência um Bordeaux, de bom vinho tinto, patê de fígado, muito azeite e um pouco de alho. Parece bom demais para ser verdade? O único problema com a dieta acima é o preço, segundo pesquisadores de algumas escolas de medicina mais conceituadas do mundo. Não pode haver comida melhor com respeito à saúde. O equivalente francês do Ministério da Saúde, o Inserm, em 1991, anunciou os resultados de uma longa pesquisa sobre hábitos alimentares. O Inserm concluiu, dissipando as plaquetas, que o vinho tinto protege o coração, que provocam coágulos e entopem as artérias. Afirma a pesquisa do Inserm, "os franceses comem mais gordura, exercitam-se menos, mas têm menos ataques cardíacos do que os americanos graças ao consumo de vinho tinto".

Veja, 30 jun. 1993.

Capítulo 5

FAZENDO AS CONEXÕES

OS CONECTIVOS

Leia o texto que segue:

É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora. É alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores, consome o dia-a-dia. Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas, — supõe-se — são privativos da formosura.

À parte algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo. A inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais. Uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores. É só lembrar, mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.

Nota-se facilmente que o texto não está bem escrito. Ele foi transcrito assim propositalmente. Vejamo-lo em sua forma correta (preste atenção aos termos em itálico):

É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora. *Da mesma forma,* é alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores *que* consome o dia-a-dia. *Mas quem* está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas *que* — supõe-se — são privativos da formosura.

***É claro que,* à parte algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo. *Agora, como sempre,* a inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais. *Mas é inegável que se* uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores. É só lembrar *que,* mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.**

Imprensa, n. 40, dez. 1990. p. 30.

Os elementos novos inseridos no segundo texto são os *conectores* ou *conectivos*. Eles são também responsáveis pela coesão de nosso pensamento e tornam a leitura mais fácil e fluente. Por isso temos de saber usá-los com precisão, tanto no interior da frase, quanto ao passar de um enunciado a outro, se a clareza assim o exigir. Sem esses conectores — preposições, advérbios, conjunções, termos denotativos, pronomes relativos — o pensamento não flui, muitas vezes não se completa, e o texto torna-se obscuro, sem nenhuma coerência.

Compare a primeira frase dos dois textos e veja a diferença:

1. **É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.**
2. **É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.**

A primeira frase é incompreensível porque seu segundo segmento — *as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora* — é apenas acrescentado ao primeiro, sem nenhuma conexão. Muitas vezes a obscuridade de um texto nasce do mau uso dos conectivos ou da falta de seu uso. O acréscimo de *quando* foi o suficiente para esclarecer o sentido da frase e dar-lhe coesão. Esse processo coesivo é fundamental para a redação de um bom texto. A frase bem estruturada é o ponto de partida para quem pretende escrever bem. É preciso cuidar, portanto, de sua forma.

Para quem tem o hábito da leitura, não é difícil saber se uma frase está bem ou mal construída. Ler jornais, revistas, obras literárias ajuda muito a escrever. Dessa maneira, apreende-se a estrutura frasal de forma quase imperceptível. Se você não tem esse hábito, é bom passar a tê-lo. De qualquer forma, tentaremos dar uma pista para você analisar sua própria frase e superar as dificuldades de construção que porventura houver. No entanto, voltamos a insistir: ler muito ainda é o melhor remédio.

Antes de tudo, precisamos saber em quantos segmentos divide-se a frase. Cada segmento deve estar bem conectado com o outro. Para sabermos quais os segmentos principais de uma frase, basta observar os verbos nela existentes e seus respectivos sujeitos. A frase expande-se a partir desses dois componentes. Cada par sujeito/

verbo constitui o núcleo de um segmento de frase. O período nasce da expansão dos segmentos articulados entre si. A coesão e a coerência de um período dependem da boa conexão entre eles.

Comecemos por isolar do resto do texto a frase que nos parece incorreta:

É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.

Nela aparecem dois verbos: *é* e *são trazidas*. Ela tem, portanto, dois segmentos:

1º segmento — *É consolador para os telespectadores.*

2º segmento — *As más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.*

É preciso estabelecer um elo entre eles e quem o faz é a conjunção *quando*. O segundo segmento indica uma relação de temporalidade em relação ao primeiro:

É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.

Essa precisão no uso dos conectivos é muito importante para transmitir nossas idéias. Devemos sempre escrever frases com sentido completo, em que seus diversos segmentos estejam bem ajustados.

O pensamento fragmentado é um dos erros mais graves de redação. Uma frase fragmentada não perfaz um sentido, pois está semanticamente incompleta. Para evitá-la, temos de saber quais os principais conectivos, sobretudo as conjunções e os pronomes relativos.

Na primeira versão do texto que nos está servindo de guia, encontramos uma frase em que a ausência do pronome relativo gera obscuridade de sentido:

Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas, — supõe-se — são privativos da formosura.

Para entender melhor sua estruturação, vamos abandonar a oração intercalada *supõe-se*, visto que ela não tem nenhuma influência sobre as outras do ponto de vista sintático. A frase tem três segmentos:

- 1º segmento — *Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável*
- 2º segmento — *enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas.*
- 3º segmento: *são privativos da formosura.*

Entre o primeiro e o segundo segmento não há problema de conexão, mas entre o segundo e o terceiro, sim. O conectivo que fará a ponte entre eles é o pronome relativo *que*.

Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas *que* são privativos da formosura.

Os dois segmentos da frase estão agora bem articulados entre si, permitindo-nos compreender a mensagem de seu redator. A partícula que ele usa para articular uma frase a outra dá coesão ao seu pensamento.

1. Os principais conectivos

Uma preocupação de quem escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora estamos fazendo uso deles. Por isso, damos a seguir uma lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções:

Conjunções, locuções conjuntivas, preposições e locuções prepositivas:

1. adição — e, nem, também, não só... mas também.
2. alternância — ou... ou, quer... quer, seja... seja.
3. causa — porque, já que, visto que, graças a, em virtude de, por (+ infinitivo).
4. conclusão — logo, portanto, pois.
5. condição — se, caso, desde que, a não ser que, a menos que.
6. comparação — como, assim como.
7. conformidade — conforme, segundo.
8. conseqüência — tão... que, tanto... que, de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que.
9. explicação — pois, porque, porquanto.
10. finalidade — para que, a fim de que; para (+ infinitivo).
11. oposição — mas, porém, entretanto; embora, mesmo que; apesar de (+ infinitivo).
12. proporção — à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos.
13. tempo — quando, logo que, assim que, toda vez que, enquanto.

- **Pronomes relativos: que — quem — cujo — onde.**

Ao empregar um pronome relativo, devemos ter o seguinte cuidado:

1. Observar a palavra a que ele se refere para evitar erros de concordância verbal.

Encontramos um bom número de pessoas *que* estavam reivindicando os mesmos direitos dos vinte funcionários vitoriosos.

que = as quais (pessoas)

2. Observar o fragmento de frase de que ele faz parte. Pode ser que haja um verbo ou um substantivo que exija uma preposição. Nesse caso, ela deve preceder o relativo.

Ninguém conseguiu até hoje esquecer a cilada *de que* ele foi vítima.

de que = da qual (cilada)
A preposição *de* foi exigida pelo substantivo *vítima* (ele foi vítima *de* uma cilada).
O mesmo acontece com os verbos.

As dificuldades *a que* você se refere são normais dentro de sua carreira.

a que = às quais (dificuldades)
O verbo *referir-se* pede a preposição *a*; por isso, ela aparece antes do *que*.

2. As transições

Alguns dos conectores que acabamos de estudar também aparecem com freqüência iniciando frases, como se fossem uma espécie de ponte entre um pensamento e outro. É o caso de *mas* em dois momentos do texto:

***Mas* quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas que — supõe-se — são privativos da formosura.**

***Mas* é inegável que se uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores.**

Em ambos os casos o *mas* está servindo de termo de transição entre um enunciado e outro, articulando uma idéia de oposição.

Eis outros casos em que os termos de transição desempenham papel importante para a continuidade e coesão do texto:

***Da mesma forma*, é alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores que consome o dia-a-dia.**

da mesma forma — indica semelhança, comparação entre o que se diz nesse enunciado e o que se disse no anterior.

***É claro que*, *à parte* algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo.**

é claro que — anuncia que se fará uma afirmação segura.
à parte — indica exclusão.

***Agora, como sempre*, a inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais.**

agora, como sempre — fazem alusão ao tempo em que tais qualidades são atributos essenciais de um bom jornalista.

É *só* lembrar que, mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.

só — dá relevância ao fato que vai ser enunciado através do verbo *lembrar*.

O conhecimento desses termos de transição ajuda a dar maior organicidade ao pensamento, o que faz o texto progredir mais facilmente. Mas é preciso uma advertência: não devemos usá-los a cada frase começada. Se fizermos assim, tornaremos o texto pesado. Também não devemos cair no oposto: ignorá-los completamente. Nosso texto correrá o risco de ficar cansativo, quando não incompreensível. Saber usar os termos de transição deve ser uma preocupação constante de quem deseja escrever bem. Eles são muito úteis ao mudarmos de parágrafo porque estabelecem pontes seguras entre dois blocos de idéias.

Eis os mais importantes e suas respectivas funções:

1. afetividade: felizmente, queira Deus, pudera, oxalá, ainda bem (que).
2. afirmação: com certeza, indubitavelmente, por certo, certamente, de fato.
3. conclusão: em suma, em síntese, em resumo.
4. conseqüência: assim, conseqüentemente, com efeito.
5. continuidade: além de, ainda por cima, bem como, também.
6. dúvida: talvez, provavelmente, quiçá.
7. ênfase: até, até mesmo, no mínimo, no máximo, só.
8. exclusão: apenas, exceto, menos, salvo, só, somente, senão.
9. explicação: a saber, isto é, por exemplo.
10. inclusão: inclusive, também, mesmo, até.
11. oposição: pelo contrário, ao contrário de.
12. prioridade: em primeiro lugar, primeiramente, antes de tudo, acima de tudo, inicialmente.
13. restrição: apenas, só, somente, unicamente.
14. retificação: aliás, isto é, ou seja.
15. tempo: antes, depois, então, já, posteriormente.

EXERCÍCIOS

1. Os textos abaixo necessitam de conectores para sua coesão. Empregue as partículas que estão entre parênteses no lugar adequado.

A Uma alimentação variada é fundamental seu organismo funcione de maneira adequada. Isso significa que é obrigatório comer alimentos ricos em proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais. Esses alimentos são essenciais. Você esteja fazendo dieta para emagrecer, não elimine carboidratos, proteínas e gorduras de seu cardápio. Apenas reduza as quantidades. Você emagrece sem perder saúde.

Saúde, n. 5, maio 1993. p. 63.

(assim, mesmo que, para que)

B Toda mulher responsável pelos cuidados de uma casa já teve em algum momento de sua vida vontade de jogar tudo para o alto, quebrar os pratos sujos, mandar tudo às favas, fechar a porta de casa e sair. Já sentiu o peso desse encargo como uma rotina embrutecedora, que se desfaz vai sendo feito. Não é feito, nos enche de culpas e acusações, quando concluído ninguém nota, a mulher "não faz mais nada que sua obrigação".

SORRENTINO, Sara. *Presença da Mulher*, n. 16, abr./jun. 1990. p. 13.

(quando, pois, à medida que)

C O Brasil pretende sediar as Olimpíadas do ano 2004. A idéia é interessante. O que não podemos esquecer antes de mais nada temos que conquistar muitas medalhas nas olimpíadas da nossa existência como uma nação digna. Alguns dos nossos velhos e temíveis adversários a serem derrotados são a fome, a miséria, a violência, o analfabetismo e a ignorância. O nosso principal desafio será ganhar a medalha de ouro da moralidade, "o povo sem moral vai mal".

Jornal da Tarde, 17 ago. 1992.

(pois, até que, afinal, é que)

D Lembro-me, com muita saudade do prazer que me dava receber das mãos de meu pai o exemplar da revista *O Cruzeiro* ele trazia para casa, a cada semana, um dia antes da distribuição nas bancas. Anos 50, início dos 60. A televisão engatinhava. Pode-se dizer que *O Cruzeiro* era o *Fantástico* da época, lido em todos os cantos do país — tiragem de 800 mil exemplares semanais! E eu tinha acesso àquela preciosidade, antes. Era com grande ansiedade, se não me engano, às segundas-feiras à noite, aguardava a chegada da revista. Uma decepção, por qualquer motivo, ela não vinha. Comecei, embora só muito mais tarde viesse a me aperceber disto, a compreender a necessidade do respeito um veículo de comunicação precisa ter para com seu público.

ATHAYDE, Antônio. *Imprensa*, n. 43, mar. 1991. p. 20.

(que, que, então, que, se)

E Nem sempre é fácil identificar a violência. Uma cirurgia não constitui violência, visa o bem do paciente, é feita com o consentimento do doente. Será violência a operação for realizada sem necessidade ou o paciente for usado como cobaia de experimento científico sem a devida autorização.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1992. p. 171.

(mas certamente, se, se, primeiro porque, depois porque, por exemplo)

2. Reúna as diversas frases num só período por meio de conjunções e pronomes relativos. Faça as devidas alterações de estrutura.

A O *camembert* é um dos queijos mais consumidos no mundo. Só se tornou popular durante a Primeira Guerra. Conquistou os soldados nas trincheiras.

B As moscas conseguem detectar tudo o que acontece à sua volta. Têm olhos compostos. Seus olhos lhes dão uma visão de praticamente 360 graus.

C Tratava-se de uma pessoa. Essa pessoa tinha consciência. Seu lugar só poderia ser aquele. Lutaria até o fim para mantê-lo.

D Ele ficava à cata das pessoas. Queria conversar. As pessoas não lhe davam a menor atenção.

E Ele era auxiliado em suas pesquisas por uma professora. Ele morava numa pensão. Ele se casaria mais tarde com essa professora.

F Era um cais de quase dois quilômetros de extensão. Gostávamos de caminhar ao longo desse cais. O tempo era sempre feio e chuvoso.

G Era um homem de frases curtas. A boca desse homem só se abria para dizer coisas importantes. Ninguém queria falar dessas coisas.

3. A coesão das frases abaixo está prejudicada por causa da ausência dos pronomes relativos. Faça a devida conexão, usando as preposições quando o verbo assim o exigir.

A Enxergo, em atitudes desse tipo, uma questão mais profunda, é a falta de consciência profissional. Uma sociedade acontecem casos assim nunca será respeitada.

B A escola é o lugar podem sair futuros cidadãos conscientes se poderá construir uma nação mais crítica de si mesma.

C O lixo doméstico a maioria dos países não reaproveita é um dramático problema. Imaginemos então o lixo atômico não há espaço. Ainda não se chegou a uma tecnologia adequada para manuseá-lo. Outra questão muito séria é a do lixo industrial poucos sabem lidar. São vinte bilhões de toneladas por ano temos de nos livrar.

D O arrocho salarial certos governos tanto insistem leva o trabalhador ao desespero. Além disso, os juros os comerciantes tanto se queixam anulam as vias de crédito. Este perverso quadro econômico todos vivenciamos há anos não pode continuar indefinidamente.

E O envolvimento de menores de ambos os sexos na prática de crimes é uma verdade não podemos fugir. Os poderes constituídos deveriam parar e refletir sobre esse fato os jornais enchem suas páginas diariamente. De nada adiantou o Estatuto da Criança e do Adolescente muitos delinqüentes adultos se valem para incitar menores à prática de roubos e assassinatos.

F Falta dinheiro para tudo no Brasil, mas as mordomias continuam. A verdade é que os impostos o governo mantém sua máquina emperrada são mal empregados. Há notícias de que órgãos públicos compram copos de cristal, talheres de prata, porcelanas finas, luxos não querem abrir mão, mesmo sabendo das dificuldades o povo passa.

G As pedras portuguesas a prefeitura do Rio calçou algumas ruas do centro vivem se soltando. Isto é resultado do trabalho de calceteiros incompetentes serviços foram contratados sem nenhum rigor. As ruas se transformaram numa verdadeira armadilha você pode torcer o pé ou deixar o salto de seu sapato.

H Cinco horas da manhã. O despertador Teresa nunca se separa toca. Acendo a luz, é hora do banho. Da cozinha, deixou a cafeteira ligada, vem um forte cheiro de café. As crianças se arrumam para ir à escola. Os cadernos e lápis já estão na pasta cuidam com a maior atenção. O carro na garagem espera a hora da partida. Da casa ao trabalho, Teresa enfrenta o trânsito pragueja sem parar. Assim começa o seu dia. Um bom dia.

4. Não se faz uma boa redação sem o uso adequado dos termos de transição. Complete cada item com uma frase que dê seqüência à primeira, considerando o termo de transição presente. Não se esqueça de acrescentar uma informação nova.

A Não há brasileiro que não anseie por sair do subdesenvolvimento. Por enquanto, ...

B Tomar uma decisão é sempre difícil. Em primeiro lugar, ...

C Sonhar faz parte do dia-a-dia de todos nós. Às vezes, ...

D Para concretizarmos qualquer sonho, devemos estar certos de que ele é realmente necessário à nossa vida. Além disso, ...

E Votar nulo sempre termina por favorecer este ou aquele candidato. No entanto, ...

F Se o Brasil não investir em educação e saúde, nunca sairá do subdesenvolvimento. Com efeito, ...

G A força da juventude nunca deve ser subestimada. Ao contrário de ..., ...

5. Escreva duas frases para cada frase abaixo, observando os termos de transição presentes e a coerência que deve existir entre elas.

A A pena de morte é solução perigosa. De um lado, ... de outro, ...

B A nação precisa apurar todos os casos de corrupção denunciados pela imprensa. Primeiramente, ... Depois, ...

C O Nordeste é uma das regiões mais esquecidas do Brasil. Enquanto ..., ... Antes de tudo, ...

D Ser cidadão é ter seus direitos respeitados. No entanto, ... Mais do que nunca, ...

E A seca tem castigado o Nordeste brasileiro. Além de ... . Conseqüentemente, ...

F O mundo finalmente se volta para a Amazônia. Ainda bem que ... . Assim, ...

G O ingresso do jovem numa universidade o deixa sempre feliz. Em primeiro lugar, ... Em segundo, ...

6. Leia o texto abaixo e faça o que se pede.

Ignorância também é vício

Há uma série de dados estarrecedores no relatório da CPI do Narcotráfico, a ser divulgado oficialmente na próxima semana. Um ponto, entretanto, merece destaque: de acordo com o documento, haveria hoje sete milhões de consumidores de drogas — quase três vezes a população de uma cidade como Belo Horizonte. Mas apenas duas mil vagas em hospitais para o tratamento de viciados.

Daí a importância de sugestões, também embutidas no relatório, destinadas a prevenir e não remediar. Prevenir significa, basicamente, educar — e nesse campo o Brasil está na pré-história. Não se vê nada parecido com as campanhas contra a Aids. A CPI propõe (e acertadamente, diga-se) um engajamento das escolas públicas e privadas. De início, pede um "Departamento Nacional de Prevenção às Drogas", no Ministério da Educação.

É sugerida a inclusão nos currículos escolares de uma matéria sobre drogas — além de se propiciarem cursos de formação e reciclagem dos professores. Em cada estabelecimento, haveria um "grupo de prevenção". O caminho é mesmo por aí: o Brasil não tem dinheiro para gastar na repressão como nos Estados Unidos. E, além disso, nem se sabe se a repressão funciona mesmo. Num país em que morrem 220 mil crianças antes de completarem um ano, nunca o combate às drogas será prioridade nas verbas sociais.

As drogas são mais uma faceta da "República da Ignorância" — ou seja, somos um país de desinformados. Mulheres não sabem como evitar filhos, mesmo desejando famílias pequenas. Milhões de crianças morrem por falta de cuidados elementares, devido ao despreparo das mães — aliás, esta relação foi cientificamente medida em documento do IBGE sobre crianças e adolescentes, recém-lançado. No Ceará, apenas com a divulgação de procedimentos básicos de saúde, a mortalidade infantil caiu, em três anos, 34%.

Em países desenvolvidos, onde o ensino é de melhor qualidade e mais democratizado, o vício é uma tragédia, ligado a desajustes emocionais, familiares e econômicos. Imagine-se, então, como será o Brasil sem nenhum tipo de prevenção, onde a imensa maioria dos pais e alunos são analfabetos em tóxicos. Não é à toa que quanto maior a pobreza, maior a ignorância, o desajuste familiar e emocional e, portanto, maior a ação das drogas. Basta lembrar que de cada cem meninos de rua pelo menos 80 são viciados em algum tipo de tóxico.

Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 26 nov. 1991.

A No primeiro parágrafo do texto há uma oposição de idéias. Resuma essa oposição numa só frase usando as palavras *hospitais, consumidores de drogas, Brasil, no entanto, duas mil vagas.*

B Reescreva sua frase acima, mantendo a mesma idéia de oposição. Use o conectivo *apesar de.*

C Releia o segundo parágrafo do texto e complete a seguinte frase: *Como o Brasil ainda está na pré-história em termos de educação,* ... .

D Reescreva a frase anterior, invertendo a ordem dos segmentos.

E No início do terceiro parágrafo há duas idéias que se adicionam. Reescreva-as numa só frase usando o conectivo *e*.

F Com base no terceiro parágrafo, utilize-se de um conectivo de condição e escreva uma frase em que fiquem claros os meios de que o Brasil pode lançar mão para vencer as drogas.

G Complete cada frase de acordo com a sugestão que aparece entre parênteses:

No Brasil morrem 220 mil crianças antes de completar um ano, ... (*conclusão*)

Ninguém sabe se a repressão às drogas funciona mesmo, ... (*oposição*)

O Brasil só se livrará das drogas ... . (*tempo*)

H O segmento em itálico exprime causa. Reescreva-o utilizando um dos conectivos dessa área: já que, visto que, uma vez que, porque ou como:

Milhões de crianças morrem por falta de cuidados elementares, *devido ao despreparo das mães.*

I Complete a frase com um segmento que exprima a idéia de conseqüência:

No Ceará, o governo fez uma campanha de divulgação dos procedimentos básicos de saúde, ...

J Releia o último parágrafo e elabore duas frases que o interpretem. Conserve as primeiras palavras que lhe fornecemos:

Se o Brasil ... .

Como a maioria dos pais e alunos ... .

Capítulo 6

ESTRUTURANDO O PARÁGRAFO

ESTRUTURAS SIMPLES

Trapalhadas do Fisco

O contribuinte brasileiro precisa receber um melhor tratamento das autoridades fiscais. Ele é vítima constante de um Leão sempre descontente de sua mordida. Não há ano em que se sinta a salvo. É sempre surpreendido por novas regras, novas alíquotas, novos assaltos ao seu bolso.

A Receita Federal precisa urgentemente estabelecer regras constantes que facilitem a vida do brasileiro. Essas regras não podem variar ao sabor da troca de ministros. Cada um que entra se acha no direito de alterar o que foi feito anteriormente.

Agindo assim, a única coisa que se faz de concreto é perpetuar dois tipos de contribuintes que bem conhecemos. O que paga em dia seus tributos e o que sonega de tudo quanto é forma. Enquanto este continua livre de qualquer punição, aquele é vítima de impostos cada vez maiores. A impressão que se tem é de que mais vale ser desonesto que honesto.

Se o brasileiro é empurrado para a sonegação é porque há razões muito fortes para isso. Ninguém sabe para onde vai o dinheiro arrecadado. O que deveria ser aplicado na educação e na saúde some como por milagre ninguém sabe onde. Há muitos anos que não se fazem investimentos em transportes. Grande parte da população continua sofrendo por falta de moradia. Paga-se muito imposto em troca de nada.

Vale a pena lembrar o ano de 1991 quando, além das complicações costumeiras, os contribuintes foram surpreendidos com a suspensão da entrega da declaração na data prevista. Um deputado entrou na Justiça alegando inconstitucionalidade no fator multiplicador do imposto a pagar e a receber. Todos sentiram um alívio, mesmo que temporário.

O texto acima nos mostrará como se pode desenvolver um tema de forma bem objetiva. Cada parágrafo foi escrito obedecendo a uma certa estrutura. É evidente

que esta não é a única maneira de escrever um texto. Queremos apenas mostrar que há caminhos muito simples para desenvolvê-lo. Vejamos as formas aí empregadas:

Primeiro parágrafo (retomada da palavra-chave):

a) O contribuinte brasileiro precisa receber um melhor tratamento das autoridades fiscais.
b) Ele é vítima constante de um Leão sempre descontente de sua mordida.
c) Não há ano em que se sinta a salvo.
d) É sempre surpreendido por novas regras, novas alíquotas, novos assaltos ao seu bolso.

A palavra-chave deste parágrafo é *contribuinte brasileiro* (frase *a*). Ela é retomada nas frases seguintes através dos mecanismos de coesão já estudados no 3º capítulo.

Na frase *b*, *contribuinte brasileiro* é substituído pelo pronome *ele*. Nas frases *c* e *d*, aparece como sujeito oculto de *se sinta* e de *é sempre surpreendido*.

Resumindo:

O termo *contribuinte* está presente em todos os enunciados. Como você pode observar, basta retomar a palavra-chave a cada frase (de preferência sem repeti-la), acrescentando sempre uma informação nova a seu respeito. Uma palavra da frase *a* (contribuinte brasileiro) está presente nas frases *b*, *c* e *d*. Mas essa não é a única forma de escrever um parágrafo. Um texto todo escrito dessa forma se tornaria monótono e o leitor logo se cansaria.

Segundo parágrafo (por encadeamento):

a) A Receita Federal precisa urgentemente estabelecer regras constantes que facilitem a vida do brasileiro.
b) Essas regras não podem variar ao sabor da troca de ministros.
c) Cada um que entra se acha no direito de alterar o que foi feito anteriormente.

Aqui a estrutura já é bem diferente da anterior. A frase *b* retoma a palavra *regras* da frase *a*, e a frase *c* retoma *ministro* (cada um) da frase *b*, num encadeamento de frase para frase.

No primeiro exemplo, todo o parágrafo está amarrado a uma só palavra. Neste parágrafo, é como se houvesse uma corrida de revezamento, em que o segundo enunciado leva adiante uma palavra do primeiro, o terceiro do segundo e assim sucessivamente. Por esse método, o parágrafo pode prolongar-se até onde acharmos conveniente. A escolha da palavra a ser retomada é puramente pessoal. Em vez de *regras constantes*, podia-se muito bem ter escolhido *vida do brasileiro*. Neste caso, o rumo não só do parágrafo mas também da redação seria totalmente diferente.

É importante observar que há sempre uma palavra que mantém a unidade do parágrafo. Neste exemplo foi *regras*. Se não houver, corremos o risco de falar de várias coisas ao mesmo tempo, sem nenhuma coerência.

Terceiro parágrafo (por divisão):

a) Agindo assim, a única coisa que se faz de concreto é perpetuar dois tipos de contribuintes que bem conhecemos.
b) O que paga em dia seus tributos e o que sonega a torto e a direito.
c) Enquanto este continua livre de qualquer punição, aquele é vítima de impostos cada vez maiores.
d) A impressão que se tem é de que mais vale ser desonesto que honesto.

Temos agora um terceiro tipo de estrutura de parágrafo. A frase inicial delimita o nosso campo explanatório ao dividir os contribuintes em dois tipos. Quando isso acontece, o desenvolvimento do parágrafo restringe-se a explicar os componentes dessa divisão. A frase *b* esclarece quais são esses dois tipos de contribuintes. A frase *c* explica o que acontece com cada um deles. E a frase *d* conclui o assunto.

Quarto parágrafo (por recorte):

a) Se o brasileiro é empurrado para a sonegação é porque há razões muito fortes para isso.
b) Ninguém sabe para onde vai o dinheiro arrecadado.
c) O que deveria ser aplicado na educação e na saúde some como por milagre ninguém sabe onde.
d) Há muitos anos que não se fazem investimentos em transportes.
e) Grande parte da população continua sofrendo por falta de moradia.
f) Paga-se muito imposto em troca de nada.

Ao contrário da frase delimitadora do início do terceiro parágrafo, aparece aqui uma de sentido muito amplo. A palavra *razões* leva-nos a pensar muita coisa de uma só vez. Quando isso acontece, devemos fazer um recorte nas idéias que ela suscita, escolher apenas um ângulo para ser explorado, fazendo uma enumeração dos exemplos mais pertinentes.

Que razões seriam essas para o brasileiro driblar o fisco? Entre as muitas que existem, escolhemos a malversação do dinheiro arrecadado pelo governo (frase *b*). As frases *c*, *d* e *e* exemplificam as áreas para as quais deveria convergir o imposto, se não fosse tão mal aplicado. A frase *f* conclui, dizendo por que há tanta sonegação. É evidente que há outras razões para que muita gente se furte ao pagamento do imposto de renda, mas nos restringimos a detalhar uma delas: os descaminhos do dinheiro arrecadado. Se fôssemos falar de todas as razões, o parágrafo resultaria provavelmente longo e confuso.

Quinto parágrafo (por salto):

a) Vale a pena lembrar o ano de 1991 quando, além das complicações costumeiras, os contribuintes foram surpreendidos com a suspensão da entrega da declaração na data prevista.
b) Um deputado entrou na Justiça alegando inconstitucionalidade no fator multiplicador do imposto a pagar e a receber.
c) Todos sentiram um alívio, mesmo que temporário.

Diferentemente do que aconteceu nos parágrafos anteriores, aqui não se retoma nenhum termo da frase de abertura. À primeira vista, parece não haver um elo entre a primeira e a segunda frase, pois não existe um fator de coesão explícito inter-relacionando-as. O vínculo que existe é mental, por isso precisamos reconstituí-lo com nosso raciocínio. Por que houve tal suspensão? Porque o fator multiplicador do imposto a pagar e a receber era inconstitucional, daí o deputado ter entrado na Justiça. A suspensão de que se fala na primeira frase está relacionada com a inconstitucionalidade presente na segunda. É como se o autor desse um salto, mas sem perder a perspectiva do chão.

Observe que, de qualquer forma, há sempre uma palavra que governa todo o parágrafo. Neste último foi *suspensão*, que também está presente na frase *c* de forma subentendida, quando se fala do alívio temporário que ela gerou nos contribuintes.

ESTRUTURAS MISTAS

Vimos, assim, cinco formas básicas para se construir um parágrafo. Mas queremos deixar bem claro que nossa preocupação foi inteiramente didática. O mais comum é combinar com habilidade no mesmo parágrafo duas técnicas diferentes, usar uma estrutura mista, como acontece no seguinte exemplo:

Todos nós lidamos diariamente com os números. Todavia, poucos são aqueles que percebem que os números têm um sentido muito mais amplo que o de simples instrumento de medição. Na verdade, os números têm características e significados que lhes são próprios. A compreensão dessas características e significados leva a um caminho de descoberta, ainda que apenas de autodescoberta. Esse caminho, quando acertado, pode trazer grande compensação em termos de felicidade e sucesso.

ANDERSON, Mary. *Numerologia*. Trad. Edith Negraes e Denise Santana. São Paulo, Hemus, s/d. p. 9.

As três primeiras frases giram em torno da palavra-chave *números*. A quarta e a quinta usam a técnica do encadeamento. Na quarta, retoma-se *característica* que apareceu na terceira. Na quinta, é retomada a palavra *caminho* que apareceu na quarta. O parágrafo é construído, assim, a partir de duas técnicas: a retomada da palavra-chave mais o encadeamento. O importante é não perder o fio da meada. Veja que, mesmo mudando de técnica, a autora continuou falando do mesmo assunto: *números*.

Eis, em síntese, o que você deve observar para escrever um parágrafo:

1. O parágrafo é formado por um conjunto de enunciados. Todos eles devem convergir para a produção de um sentido.
2. A primeira frase de cada parágrafo, que se denomina **tópico frasal**, é sempre muito importante. Ela deve ter uma palavra de peso que possa ser explorada.
3. Fica difícil desenvolver bem um parágrafo se o tópico frasal for muito vago. Evite abstrações.
4. Todo parágrafo deve ter sempre uma palavra que o norteie.
5. Cada parágrafo deve explorar uma só idéia. Explorar várias idéias ao mesmo tempo torna o texto confuso, sem nenhuma coerência.

1. Explicite a forma como foi construído cada parágrafo, sempre observando a relação da frase seguinte com a anterior. Justifique como foi mantida a coerência em todos eles.

A (1) Em lugar dos homens, uma aranha é que vai escalar e vistoriar os tanques de armazenagem de gás espalhados pelo Japão. **(2)** Essa aranha é um robô de oito pernas, desenvolvido pela Tokyo Gas & Hitachi para detectar falhas e rachaduras no metal dos tanques. **(3)** Suas oito pernas, movidas a ar bombeado por um compressor no chão, grudam na superfície do tanque graças às ventosas nas patas.

Superinteressante, fev. 1994, p. 9.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

B (1) Homens e mulheres ficaram extremamente exigentes uns com os outros. **(2)** Querem dos companheiros novos papéis e novos modos de ser, aos quais ainda não estão adaptados culturalmente. **(3)** Por exemplo: a mulher espera que o homem seja ao mesmo tempo provedor, amigo, amante; que seja sensível, terno com ela e com os filhos, bem-sucedido e agressivo na luta pela vida; o homem, por sua vez, espera que a mulher divida com ele as responsabilidades econômicas da família, ao mesmo tempo que sonha com uma parceira disponível, submissa, amante fogosa e esposa recatada.

LAPORTE, Ana Maria & VOLPE, Neusa Vendramin. In: CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1995. p. 76.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

C (1) Mesmo sem encontrar a solução para o problema do lixo atômico, pressionados pela opinião pública, os governos dos grandes países ocidentais são obrigados a dar alguns passos que sequer foram discutidos no Brasil. **(2)** Um deles é a criação de um organismo especial para tratar da questão do lixo atômico, incluindo nesta estrutura a maneira de financiar os trabalhos. **(3)** De um modo geral, cobra-se uma taxa sobre a energia elétrica produzida, e com esses recursos monta-se o projeto. **(4)** Vários elementos são levados em conta e um dos mais importantes é a questão do transporte seguro dos rejeitos. **(5)** Foram experimentados novos tipos de "containers" e existe uma disposição de não passar muito perto dos grandes centros urbanos.

GABEIRA, Fernando. *Goiânia, rua 57*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p. 48.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...
Frase 4 em relação à frase 3...
Frase 5 em relação à frase 4...

D (1) Em tempos idos, na Grécia, o rio Cefiso engravidou a ninfa Liríope. **(2)** Meses depois, Liríope, apesar de não desejar a gravidez, deu à luz uma criança de beleza extraordinária. **(3)** Por causa disso, Liríope consultou o adivinho Tirésias sobre o futuro de seu filho, e ele vaticinou que Narciso viveria, desde que nunca visse sua própria imagem.

(1) Sob essa condição, ele cresceu e tornou-se um moço tão belo quanto o fora em criança. **(2)** Não havia quem não se apaixonasse por ele. **(3)** Narciso, entretanto, permanecia indiferente.

(1) Um dia, porém, estando sedento, Narciso aproximou-se das águas plácidas de um lago e, ao curvar-se para beber, viu sua imagem refletida no espelho das águas. **(2)** Maravilhado com sua própria figura, apaixonou-se por si mesmo. **(3)** Desesperadamente, passou a precisar do objeto de seu amor, viu que não conseguiria mais viver sem aquele ser deslumbrante. **(4)** Sua vida reduziu-se à contemplação daquele jovem tão belo: desejava-o, queria possuí-lo. **(5)** Desvairado, inclinando-se cada vez mais ao encontro do ser amado, mergulhou nos braços frios da morte.

(1) Às margens do lago, nasceu uma entorpecedora flor: o narciso. **(2)** Ela relembra para sempre o destino trágico daquele que, aparentemente apaixonado por si mesmo, era, na verdade, incapaz de amar.

LAPORTE, Ana Maria & VOLPE, Neusa Vendramin. op. cit. p. 79.

1º parágrafo:
Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

2º parágrafo:
Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

3º parágrafo:
Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...
Frase 4 em relação à frase 3...
Frase 5 em relação à frase 4...

4º parágrafo:
Frase 2 em relação à frase 1...

2. Dada a primeira frase, desenvolva um parágrafo composto de quatro frases:

A Os países pobres precisam urgentemente de uma política de controle da natalidade.

B Costuma-se dizer que uma das características do brasileiro é a esperteza.

C Hoje em dia, dá medo sair à noite em qualquer cidade grande.

D Dois motivos levam os jovens a evitar a carreira do magistério.

E O Brasil, em pleno final do século XX, ainda é vítima de doenças que deveriam estar banidas de seu cotidiano.

F Há muitos Brasis dentro do Brasil.

G A criança brasileira vive em um clima de violência e medo.

3. Escreva um parágrafo sobre cada um dos temas abaixo:

A Menor abandonado

B Meios de comunicação de massa

C Racismo

D A impunidade no Brasil

4. Releia o texto "Uma escola para os ricos e outra para os pobres" (p.15) e redija três parágrafos independentes sobre cada uma de suas palavras-chave.

5. Releia o texto "A timidez e a contradição" (p.16) e redija um parágrafo sobre o tímido.

6. Escreva um parágrafo com quatro enunciados sobre a vida do brasileiro.

7. Continue o texto sobre a vida do brasileiro em mais dois parágrafos, variando o tipo de estrutura.

Capítulo 7

CONSTRUINDO O TEXTO

A ARTICULAÇÃO DOS PARÁGRAFOS

Agora que você já domina as formas mais comuns de estruturação de um parágrafo, é preciso pensar na estrutura global do texto, ou seja, na sua macroestrutura. Veremos como se pode escrever uma redação coerente do princípio ao fim. O primeiro parágrafo (parágrafo-chave) é sempre o mais importante. Portanto, verifique se ele dá margem a uma boa expansão do tema. Nada sairá de um parágrafo-chave mal feito, em que se amontoam várias idéias ao mesmo tempo.

Na organização de um texto, é fundamental a interligação entre os parágrafos. São eles que conduzem nosso processo reflexivo. Funcionam como partes de um todo e devem articular-se de forma perfeita para que a informação não se disperse.

1. Articulação por desmembramento do primeiro parágrafo

Tomemos o texto de Bertrand Russell, "Minha vida", a fim de melhor apreendermos a forma como ele está construído:

Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso de amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.

Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformam em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.

RUSSELL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura*. Enciclopédia Bloch, n. 53, set. 1971. p. 83.

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente, a partir das palavras-chave *vida* e *paixões* do primeiro parágrafo:

palavras-chave

1º parágrafo — *vida/paixões*
2º parágrafo — *amor*
3º parágrafo — *conhecimento*
4º parágrafo — *compaixão*
5º parágrafo — *vida*

As palavras-chave *vida* e *paixões* prolongam-se em: *amor*, *conhecimento* e *compaixão*. Cada parágrafo irá ater-se a cada uma dessas paixões que moveram a vida de Russell.

Releia o texto e observe que as idéias desenvolvidas nos parágrafos 2, 3 e 4 estão contidas no parágrafo-chave (o primeiro) de forma embrionária. A passagem de um parágrafo para outro dá-se de forma bastante clara e precisa porque Bertrand Russell só o faz quando esgota o assunto específico de cada um deles. Ele desenvolveu em cada parágrafo apenas um tópico relativo à palavra-chave.

No último parágrafo, Russell usa um recurso de coesão textual (*isso*) que resume tudo o que disse antes sobre as paixões de sua vida (proposta de seu primeiro parágrafo), fechando o texto com exatidão. O parágrafo conclusivo deve sempre retomar, de forma sintetizadora, o pensamento que permeou todo o texto.

Podemos dizer que acabamos de ler um texto bem estruturado, pois em momento algum Bertrand Russell foge ao assunto que se propôs desenvolver. Os parágrafos encadeiam-se com naturalidade, fluindo com clareza para um fim, devido à forma como foram construídos. Tudo está amarrado ao primeiro parágrafo, que é a base da construção de um texto.

2. Articulação por introdução de elementos novos a cada parágrafo

"Nascimento e morte do Universo", de John Gribbin, vai nos mostrar uma outra maneira de construir um texto, no que se refere ao encadeamento dos parágrafos.

Os cosmólogos sentem-se hoje muito perto de poder responder à velha pergunta dos filósofos: de onde viemos, para onde vamos? Não é necessário ser um homem de ciência para ter ouvido falar do *Big Bang*, expressão que descreve o nascimento do Universo sob a forma de uma bola de fogo, há cerca de 15 bilhões de anos. Mas mesmo entre os estudiosos, são poucos os que sabem algo mais acerca dessa teoria.

A tese que liga o nascimento do Universo a seu fim deve muito à combinação de duas grandes conquistas da física do século XX: a relatividade geral e a teoria dos quanta. Pesquisadores como Jayant Narlikar, da Índia, e Jim Hartle, da Califórnia, assim como diversos especialistas soviéticos, deram sua contribuição. Mas aquele cujo nome está mais estreitamente associado a essa descoberta é Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Hawking é, certamente, muito conhecido hoje como o autor de um *best-seller* sobre a natureza do tempo, mas também como vítima de uma doença que o confina a uma cadeira de rodas, podendo comunicar-se apenas com os movimentos de uma das mãos, da qual se serve para soletrar laboriosamente palavras e frases com a ajuda de um pequeno computador. Mas muito antes de ter atingido a celebridade, Hawking já havia sido reconhecido por seus pares como um dos mais originais e bem-dotados pensadores de sua geração. Durante 20 anos, seus trabalhos concentraram-se no estudo da singularidade — isto é, um ponto de matéria de densidade infinita e de volume nulo, como deve existir (segundo a teoria geral da relatividade) no coração dos buracos negros, ou tal como deve ter existido na origem do Universo.

O Universo pode ser descrito, na verdade, com as mesmas equações de um buraco negro. Um buraco negro é uma região do espaço na qual a matéria está de tal forma concentrada, e exerce uma força de atração gravitacional tão poderosa, que a própria luz não pode se afastar de sua superfície. Os objetos exteriores podem nele se aglutinar, mas nada do que existe em um buraco negro pode ser diretamente percebido do exterior. Um buraco negro pode-se formar quando uma estrela um pouco mais maciça que nosso sol, chegando ao fim da vida, contrai-se sobre si mesma. As equações da relatividade geral mostram que toda estrela que se "colapsa" no interior de um buraco deve efetivamente se contrair até o estado final de uma singularidade.

Os estudiosos desconfiam das singularidades, e mais genericamente das equações contendo quantidades infinitas: eles tendem a considerá-las como um indício de que há alguma falha em seus cálculos. Mas, uma vez que a relatividade geral já havia demonstrado brilhantemente sua veracidade, tiveram que se resignar a aceitar a idéia das singularidades, das quais ela

prediz a existência. É nesse ponto que Hawking coloca fogo nas cinzas: ele mostra que as equações em virtude das quais se prova que o colapso de uma estrela produz uma singularidade levam igualmente a pensar no nascimento do Universo a partir de uma singularidade.

GRIBBIN, John. In: *O correio da Unesco*, n. 7, jul. 1990. pp. 36-7.

As palavras-chave de Gribbin são ***nascimento do Universo*** e ***Big Bang***. Observe que uma dessas palavras aparece sempre direta ou indiretamente a cada passo do texto. A elas se juntarão outras que darão especificamente a unidade de cada parágrafo. Vamos observar como Gribbin foi construindo seu texto:

- no primeiro parágrafo, ele pergunta de onde viemos, para onde vamos, e depois introduz o assunto de que vai tratar: o *Big Bang*. Ao final do parágrafo, Gribbin afirma que, entre os estudiosos do assunto, são poucos os que conhecem algo mais acerca dessa teoria do nascimento do Universo;
- o segundo parágrafo começa retomando essa teoria. Mas, em vez de usar a palavra *teoria*, ele preferiu usar o recurso de coesão da palavra quase-sinônima, *tese*. A essa tese se associam os nomes de dois pesquisadores: Jayant Narlikar e Jim Hartle. Ao terminar o parágrafo, John Gribbin diz que o nome que está mais associado a essa nova teoria sobre o nascimento do Universo é o do físico Stephen Hawking;
- é com o nome de Hawking que ele começa o terceiro parágrafo, que só tratará da figura desse físico. Mas, no seu final, já aparece uma outra palavra — *Universo* —, com a qual iniciará o parágrafo seguinte;
- o quarto parágrafo descreve o buraco negro a fim de explicar o Universo. No final, aparece a palavra *singularidade*, que servirá de abertura para o quinto parágrafo.

O texto de John Gribbin estende-se por mais quatro páginas, sempre seguindo essa forma de construção: o parágrafo encaminha-se para uma nova palavra que será o início do seguinte, mas sem perder de vista as palavras-chave: *Big Bang* e *Universo*.

Ao chegar à conclusão, escreve Gribbin:

Desse modo, os cosmólogos responderam à pergunta acerca de onde vem nosso Universo e para onde vai. Segundo eles, vivemos em um gigantesco buraco negro que encerra todo o cosmo. Surgido do nada como uma flutuação quântica do vazio, o Universo continuou sua expansão durante 15 bilhões de anos, mas em um ritmo sempre decrescente. Em um determinado momento de um futuro mais distante (dentro de várias dezenas de bilhões de anos, pelo menos), a força da atração da gravidade dará fim inevitavelmente a essa expansão e mudará

seu sentido. Durante algumas dezenas de bilhões de anos, ainda, isso não terá praticamente nenhum efeito inquietante sobre as estrelas, os planetas e as formas de vida que nos rodeiam. Mas chegará um momento em que as galáxias se fundirão e as estrelas se chocarão entre si, aglutinando-se em uma massa amorfa; por fim, o Universo se extinguirá, para desaparecer no nada como qualquer outra flutuação do vazio. Aqueles a quem esse anúncio da natureza efêmera do Universo possa entristecer consolar-se-ão ao saber que também devem existir outros Universos no infinito do espaço-tempo, alguns anteriores a nós, outros posteriores e outros, ainda, em certo sentido, ao nosso lado. *Sic transit gloria mundi.**

Veja que o parágrafo conclusivo retoma o problema suscitado no parágrafo-chave: de onde viemos, para onde vamos. Gribbin une, assim, as duas pontas do texto, fechando-o. É como se o texto desenhasse um círculo que, depois de sua trajetória, retomasse seu ponto de origem para alcançar a conclusão. É o mesmo processo que já havíamos observado no texto de Bertrand Russell.

Em síntese, eis o que devemos observar ao construir um texto:

1. O parágrafo é um conjunto de enunciados que se unem em torno de um mesmo sentido.

2. Não se deve esgotar o tema no primeiro parágrafo. Este deve apenas apontar a questão que vai ser desenvolvida.

3. O parágrafo seguinte é sempre uma retomada de algo que ficou inexplorado no parágrafo anterior ou anteriores. Pode ser uma palavra ou uma idéia que mereça ser desenvolvida.

4. Um texto é constituído por parágrafos interdependentes, sempre em torno de uma mesma idéia.

5. Reconheça mentalmente o que você sabe sobre o tema. É possível fazer um plano, mas talvez seja mais prático você listar as palavras-chave com que vai trabalhar. Preocupe-se com a seqüenciação do texto, utilizando os recursos de coesão de frase para frase e de parágrafo para parágrafo, sem perder de vista a coerência.

6. O parágrafo final deve retomar todo o texto para concluí-lo. Por isso, antes de escrevê-lo, releia tudo o que escreveu. A fim de fechar bem o texto, o parágrafo conclusivo deve retomar o que foi exposto no primeiro.

7. Todo texto representa o ponto de vista de quem o escreve. E quem escreve tem sempre uma proposta a ser discutida para poder chegar a uma conclusão sobre o assunto.

(*) Assim passa a glória do mundo. (N. do E.)

8. O texto deve demonstrar coerência, que resulta de um bom domínio de sua arquitetura e do conhecimento da realidade. Deve-se levar em conta a unidade de idéias, aliada a um bom domínio das regras de coesão.

9. Desde que o tema seja de seu domínio e você tenha conhecimento dos princípios de coesão e da estruturação dos parágrafos, as dificuldades de escrever serão bem menores.

10. Leia tudo o que for possível sobre o tema a ser desenvolvido para que sua posição seja firme e bem fundamentada.

O PARÁGRAFO-CHAVE: 18 FORMAS PARA VOCÊ COMEÇAR UM TEXTO

Ao escrever seu primeiro parágrafo, você pode fazê-lo de forma criativa. Ele deve atrair a atenção do leitor. Por isso, evite os lugares-comuns como: atualmente, hoje em dia, desde épocas remotas, o mundo de hoje, a cada dia que passa, no mundo em que vivemos, na atualidade.

Listamos aqui dezoito formas de começar um texto. Elas vão das mais simples às mais complexas.

1. Uma declaração (tema: liberação da maconha)

É um grave erro a liberação da maconha. Provocará de imediato violenta elevação do consumo. O Estado perderá o precário controle que ainda exerce sobre as drogas psicotrópicas e nossas instituições de recuperação de viciados não terão estrutura suficiente para atender à demanda.

Alberto Corazza, *Istoé*, 20 dez. 1995.

A declaração é a forma mais comum de começar um texto. Procure fazer uma declaração forte, capaz de surpreender o leitor.

2. Definição (tema: o mito)

O mito, entre os povos primitivos, é uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza. É um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não-crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1992. p. 62.

A definição é uma forma simples e muito usada em parágrafos-chave, sobretudo em textos dissertativos. Pode ocupar só a primeira frase ou todo o primeiro parágrafo.

3. Divisão (tema: exclusão social)

Predominam ainda no Brasil duas convicções errôneas sobre o problema da exclusão social: a de que ela deve ser enfrentada apenas pelo poder público e a de que sua superação envolve muitos recursos e esforços extraordinários. Experiências relatadas nesta *Folha* mostram que o combate à marginalidade social em Nova York vem contando com intensivos esforços do poder público e ampla participação da iniciativa privada.

Folha de S.Paulo, 17 dez. 1996.

Ao dizer que há duas convicções errôneas, fica logo clara a direção que o parágrafo vai tomar. O autor terá de explicitá-las na frase seguinte.

4. Oposição (tema: a educação no Brasil)

De um lado, professores mal pagos, desestimulados, esquecidos pelo governo. De outro, gastos excessivos com computadores, antenas parabólicas, aparelhos de videocassete. É este o paradoxo que vive hoje a educação no Brasil.

As duas primeiras frases criam uma oposicão (*de um lado/de outro*) que estabelecerá o rumo da argumentação.

Também se pode criar uma oposição dentro da frase, como neste exemplo:

Vários motivos me levaram a este livro. Dois se destacam pelo grau de envolvimento: raiva e esperança. Explico-me: raiva por ver o quanto a cultura ainda é vista como artigo supérfluo em nossa terra; esperança por observar quantos movimentos culturais têm acontecido em nossa história, e quase sempre como forma de resistência e/ou transformação. (...)

FEIJÓ, Martin César. *O que é política cultural.* São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 7.

O autor estabelece a oposição e logo depois explica os termos que a compõem.

5. Alusão histórica (tema: globalização)

Após a queda do Muro de Berlim, acabaram-se os antagonismos leste-oeste e o mundo parece ter aberto de vez as portas para a globalização. As fronteiras foram derrubadas e a economia entrou em rota acelerada de competição.

O conhecimento dos principais fatos históricos ajuda a iniciar um texto. O leitor é situado no tempo e pode ter uma melhor dimensão do problema.

6. Uma pergunta (tema: a saúde no Brasil)

Será que é com novos impostos que a saúde melhorará no Brasil? Os contribuintes já estão cansados de tirar dinheiro do bolso para tapar um buraco que parece não ter fim. A cada ano, somos lesados por novos impostos para alimentar um sistema que só parece piorar.

A pergunta não é respondida de imediato. Ela serve para despertar a atenção do leitor para o tema e será respondida ao longo da argumentação.

7. Uma frase nominal seguida de explicação (tema: a educação no Brasil)

Uma tragédia. Essa é a conclusão da própria Secretaria de Avaliação e Informação Educacional do Ministério da Educação e Cultura sobre o desempenho dos alunos do 3º ano do 2º grau submetidos ao Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que ainda avaliou estudantes da 4ª série e da 8ª série do 1º grau em todas as regiões do território nacional.

Folha de S.Paulo, 27 nov. 1996.

A palavra *tragédia* é explicada logo depois, retomada por *essa é a conclusão.*

8. Adjetivação (tema: a educação no Brasil)

Equivocada e pouco racional. Esta é a verdadeira adjetivação para a política educacional do governo.

Anderson Sanches, *Infocus*, n. 5, ano 1, out. 1966. p. 2.

A adjetivação inicial será a base para desenvolver o tema. O autor dirá, nos parágrafos seguintes, por que acha a política educacional do governo equivocada e pouco racional.

9. Citação (tema: política demográfica)

"As pessoas chegam ao ponto de uma criança morrer e os pais não chorarem mais, trazerem a criança, jogarem num bolo de mortos, virarem as costas e irem embora." O comentário,

do fotógrafo Sebastião Salgado, falando sobre o que viu em Ruanda, é um acicate no estado de letargia ética que domina algumas nações do Primeiro Mundo.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade.* Rio de Janeiro, Vozes, 1995. p. 73.

A citação inicial facilita a continuidade do texto, pois ela é retomada pela palavra *comentário* da segunda frase.

10. Citação de forma indireta (tema: consumismo)

Para Marx a religião é o ópio do povo. Raymond Aron deu o troco: o marxismo é o ópio dos intelectuais. Mas nos Estados Unidos o ópio do povo é mesmo ir às compras. Como as modas americanas são contagiosas, é bom ver de que se trata.

Cláudio de Moura e Castro, *Veja*, 13 nov. 1996.

Esse recurso deve ser usado quando não sabemos textualmente a citação. É melhor citar de forma indireta que de forma errada.

11. Exposição de ponto de vista oposto (tema: o provão)

O ministro da Educação se esforça para convencer de que o provão é fundamental para a melhoria da qualidade do ensino superior. Para isso, vem ocupando generosos espaços na mídia e fazendo milionária campanha publicitária, ensinando como gastar mal o dinheiro que deveria ser investido na educação.

Orlando Silva Júnior e Eder Roberto Silva, *Folha de S.Paulo*, 5 nov. 1996.

Ao começar o texto com a opinião contrária, delineia-se, de imediato, qual a posição dos autores. Seu objetivo será refutar os argumentos do opositor, numa espécie de contra-argumentação.

12. Comparação (tema: reforma agrária)

O tema da reforma agrária está presente há bastante tempo nas discussões sobre os problemas mais graves que afetam o Brasil. Numa comparação entre o movimento pela abolição da escravidão no Brasil, no final do século passado e, atualmente, o movimento pela reforma agrária, podemos perceber algumas semelhanças. Como na época da abolição da escravidão existiam elementos favoráveis e contrários a ela, também hoje há os que são a favor e os que são contra a implantação da reforma agrária no Brasil.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia.* São Paulo, Ática, 1991. p. 101.

Para introduzir o tema da reforma agrária, o autor comparou a sociedade de hoje com a do final do século XIX, mostrando a semelhança de comportamento entre elas.

13. Retomada de um provérbio (tema: mídia e tecnologia)

O corriqueiro adágio de que o pior cego é o que não quer ver se aplica com perfeição na análise sobre o atual estágio da mídia: desconhecer ou tentar ignorar os incríveis avanços tecnológicos de nossos dias, e supor que eles não terão reflexos profundos no futuro dos jornais é simplesmente impossível.

Jayme Sirotsky, *Folha de S.Paulo*, 5 dez. 1995.

Sempre que você usar esse recurso, não escreva o provérbio simplesmente. Faça um comentário sobre ele para quebrar a idéia de lugar-comum que todos eles trazem. No exemplo acima, o autor diz "o corriqueiro adágio" e assim demonstra que está consciente de que está partindo de algo por demais conhecido.

14. Ilustração (tema: aborto)

O *Jornal do Comércio*, de Manaus, publicou um anúncio em que uma jovem de dezoito anos, já mãe de duas filhas, dizia estar grávida mas não queria a criança. Ela a entregaria a quem se dispusesse a pagar sua ligação de trompas. Preferia dar o filho a ter que fazer um aborto.

O tema é tabu no Brasil. (...)

Antonio Carlos Viana, *O Quê*, edição de 16 a 22 jul. 1994.

Você pode começar narrando um fato para ilustrar o tema. Veja que a coesão do parágrafo seguinte se faz de forma fácil: a palavra *tema* retoma a questão que vai ser discutida.

15. Uma seqüência de frases nominais (frases sem verbo) (tema: a impunidade no Brasil)

Desabamento de *shopping* em Osasco. Morte de velhinhos numa clínica do Rio. Meia centena de mortes numa clínica de hemodiálise em Caruaru. Chacina de sem-terra em Eldorado dos Carajás.

Muitos meses já se passaram e esses fatos continuam impunes.

O que se deve observar nesse tipo de introdução são os paralelismos que dão equilíbrio às diversas frases nominais. A estrutura de cada frase deve ser semelhante.

16. Alusão a um romance, um conto, um poema, um filme (tema: a intolerância religiosa)

Quem assistiu ao filme *A rainha Margot*, com a deslumbrante Isabelle Adjani, ainda deve ter os fatos vivos na memória. Na madrugada de 24 de agosto de 1572, as tropas do rei de França, sob ordens de Catarina de Médicis, a rainha-mãe e verdadeira governante, desencadearam uma das mais tenebrosas carnificinas da História. (...)

Desse horror a História do Brasil está praticamente livre. (...)

Veja, 25 out. 1995.

O resumo do filme *A rainha Margot* serve de introdução para desenvolver o tema da intolerância religiosa. A coesão com o segundo parágrafo dá-se através da palavra *horror*, que sintetiza o enredo do filme contado no parágrafo inicial.

17. Descrição de um fato de forma cinematográfica (tema: violência urbana)

Madrugada de 11 de agosto. Moema, bairro paulistano de classe média. Choperia Bodega — um bar da moda, freqüentado por jovens bem-nascidos.

Um assalto. Cinco ladrões. Todos truculentos. Duas pessoas mortas: Adriana Ciola, 23, e José Renato Tahan, 25. Ela, estudante. Ele, dentista.

Josias de Souza, *Folha de S.Paulo*, 30 set. 1996.

O parágrafo é desenvolvido por *flashes*, o que dá agilidade ao texto e prende a atenção do leitor. Depois desses dois parágrafos, o autor fala da origem do movimento "Reage São Paulo".

18. Omissão de dados identificadores (tema: ética)

Mas o que significa, afinal, esta palavra, que virou bandeira da juventude? Com certeza não é algo que se refira somente à política ou às grandes decisões do Brasil e do mundo. Segundo Tarcísio Padilha, ética é um estudo filosófico da ação e da conduta humanas cujos valores provêm da própria natureza do homem e se adaptam às mudanças da história e da sociedade.

O Globo, 13 set. 1992.

As duas primeiras frases criam no leitor certa expectativa em relação ao tema que se mantém em suspenso até a terceira frase. Pode-se também construir todo o primeiro parágrafo omitindo o tema, esclarecendo-o apenas no parágrafo seguinte.

1. Os parágrafos do texto abaixo foram transcritos fora de ordem. Reordene-os, usando os números que os antecedem. Justifique depois sua seqüência.

A conquista do espaço urbano

1. Esses bairros se diferenciam dos chamados "bairros residenciais" pelo fato de serem construídos por seus próprios habitantes, que não recebem qualquer financiamento externo nem obedecem à legislação sobre propriedade ou às normas urbanísticas em vigor. Geralmente, a posse dos terrenos se dá de maneira ilegal — mediante ocupação ou invasão — e a cronologia do processo de urbanização estabelecida pela sociedade de direito se inverte: primeiro, ocupa-se o terreno, depois constrói-se nele, em seguida se cuida de urbanizá-lo e dotá-lo de serviços públicos para, finalmente, seu ocupante adquiri-lo legalmente.

2. Mas, de acordo com o dicionário, "espontâneo" é um movimento impulsivo, sem reflexão nem cálculo, um ato instintivo que obedece à natureza (e não à cultura), livre de qualquer incitação ou obstáculo. Temos de reconhecer que, pelo menos no caso de Lima, não é correto empregar-se esse adjetivo. Na realidade, os bairros assim qualificados possuem uma coerência e um rigor que não podem ser atribuídos a atos irrefletidos, involuntários e, menos ainda, desvinculados de qualquer contexto histórico. Eles constituem de fato a resposta dos pobres à ineficiência dos órgãos públicos e privados.

3. Em Lima, logo após a II Guerra Mundial, os chamados "bairros espontâneos" multiplicaram-se em virtude da concentração demográfica causada pelas migrações internas, da falta de moradias para as classes desfavorecidas e da ausência de uma política em matéria de habitação popular.

4. Nesse modo peculiar de ocupação do solo, os bairros construídos pelos pobres surgem repentinamente, às vezes em poucas horas, e durante anos conservam um aspecto inacabado, com construções precárias ou em obras, equipamentos deficientes e ausência de serviços municipais — características que deram a essa nova forma de urbanização o qualificativo de "espontânea".

O Correio da Unesco, n. 3, mar. 1991. pp. 29-30.

2. Leia o texto e responda às questões que o seguem.

A lição esquecida

A conclusão de um seminário da PUC, de que os professores no Brasil são uma espécie em extinção, deveria soar como novo sinal de alarme no já confuso panora-

ma de ensino. Há cursos inteiros em universidades que deixaram de atrair candidatos, como História, Geografia, Física, Letras e Matemática, permitindo concluir que a profissão de professor atinge o pior momento de baixa.

Esta decadência de uma profissão que já teve seu fastígio é uma das piores notícias nesta época em que os destinos da educação são sombrios. Enquanto o ensino público se degrada por má aplicação das verbas e o ensino particular atravessa séria crise em decorrência da decadência do ensino público, a mola mestra do ensino, o professor perde o impulso sem o qual nada funciona.

O *Jornal do Brasil* publicou sábado algumas entrevistas que mostram o tamanho da crise. O diretor de um colégio particular de segundo grau informa que não há professores de Física e Geografia no mercado e lembra que há quinze anos era comum conseguir um professor com dois ou três telefonemas. Hoje, o professor desapareceu. Mas é dramático o depoimento de uma velha professora que, no princípio da carreira, há mais de trinta anos, ganhava como professora primária salário que sobrava no fim do mês. Agora, sua filha, também professora, com o salário não pode sequer manter o padrão de vida a que se habituou.

A velha professora lembra que no seu tempo os pais dos alunos tinham confiança no professor: do ponto de vista do prestígio, o magistério era profissão comparável à dos médicos e advogados. Hoje em dia, para manter o padrão mínimo, o professor necessita se desdobrar em vários empregos, o que significa degradar a qualidade do ensino.

O ensino público, com seus descaminhos, é o grande responsável pela perda de substância do ensino geral. Tudo o que aumenta em quantidade tende a perder em qualidade. Sucessivas reformas, mais preocupadas em canalizar a distribuição das verbas do que melhorar a qualidade, acabaram por afrouxar os currículos de todas as faixas, estendendo ao conjunto os fatores de decadência que perturbavam certas partes. E um dos principais motivos da decadência do ensino público é a desqualificação do professor.

Os professores brasileiros ganham salário magro não pela falta de verbas, mas pela péssima utilização das verbas que se escoam num edifício burocrático esponjoso que tudo consome e quase nada produz. É espantoso que a União destine à educação 18% do orçamento e os estados e municípios 25% e os resultados do ensino brasileiro sejam tão pífios. Deve-se, portanto, mexer com a qualidade do professor, dando-lhe condições de trabalho; é necessário valorizá-lo salarialmente, atualizá-lo, reciclá-lo, estabelecer uma carreira estimulante e dar apoio para sua permanência nas salas de aula.

Assim como está, as universidades nada produzem em pesquisa; só copiam. O professor apenas dá aula e o aluno escuta e faz a prova. Não há professores atualizados, muito menos alunos atualizados. Os professores têm um conhecimento de segunda mão e passam para os alunos um conhecimento de terceira mão.

A propósito da última rebelião de estudantes franceses, o sociólogo Edgar Morin disse que não adianta tentar superar a crise do ensino com reformas institucionais, porque não basta mudar as instituições se não se mudam os espíritos, e nem adianta mudar os espíritos se não se mudam as instituições. Na França, como no Brasil, os docentes perderam a missão cultural que tinham no início do século. Hoje, todo um esforço de pensamento precisa ser refeito, de regeneração política. Caso contrário, volta-se à estaca zero.

Jornal do Brasil, 1º dez. 1990.

A Aponte os mecanismos responsáveis pelo aparecimento de cada parágrafo no texto.

B O que o último parágrafo retoma do primeiro a fim de fechar o texto?

3. Leia o texto abaixo e faça as atividades propostas:

Eu ensinei a todos eles

Lecionei no ginásio durante dez anos. No decorrer desse tempo, dei tarefas a, entre outros, um assassino, um evangelista, um pugilista, um ladrão e um imbecil.

O assassino era um menino tranqüilo que se sentava no banco da frente e me olhava com seus olhos azuis-claros; o evangelista era o menino mais popular da escola, liderava as brincadeiras dos jovens; o pugilista ficava perto da janela e, de vez em quando, soltava uma risada rouca que espantava até os gerânios; o ladrão era um jovem alegre com uma canção nos lábios; e o imbecil, um animalzinho de olhos mansos, que procurava as sombras.

O assassino espera a morte na penitenciária do Estado; o evangelista há um ano jaz sepultado no cemitério da aldeia; o pugilista perdeu um olho numa briga em Hong Kong; o ladrão, se ficar na ponta dos pés, pode ver minha casa da janela da cadeia municipal; e o pequeno imbecil, de olhos mansos de outrora, bate a cabeça contra a parede acolchoada do asilo estadual.

Todos estes alunos outrora sentaram-se em minha sala, e me olhavam gravemente por cima de mesas marrons. Eu devo ter sido muito útil para esses alunos — ensinei-lhes o plano rítmico do soneto elisabetano, e como diagramar uma sentença complexa.

PULLIAS, E.V. & YOUNG, J. Apud PILETTI, Claudino. *Didática geral*. 8. ed. São Paulo, Ática, 1987. p. 59.

A A partir de quais palavras-chave é construído o texto?

B O texto foi desenvolvido da seguinte forma:
no 1º parágrafo
no 2º parágrafo
no 3º parágrafo

C O que mantém a coerência do texto?

D Qual o recurso de coesão que os autores usam para concluir o texto?

E A clareza e a fluência do texto se assentam sobre uma série de paralelismos. Aponte-os.

4. Escreva um texto com o título *História de uma família*, usando as seguintes palavras: pai, mãe, filho, filha. Dê-lhe a mesma estrutura de "Eu ensinei a todos eles".

5. Escreva um texto sobre duas paixões do brasileiro, seguindo a mesma estrutura de "Minha vida", de Bertrand Russell.

6. Leia o texto a seguir e depois desenvolva-o, acrescentando-lhe mais três parágrafos. Não se esqueça do parágrafo conclusivo.

Formas da paixão

Não há ser humano que escape à paixão. Os homens negam a todo custo qualquer experiência de tal sentimento. Já as mulheres estampam no rosto, com muita facilidade, a descoberta do outro, que passa a ser motivo de êxtase. Na verdade, o primeiro nega para se proteger, enquanto o segundo se sente protegido ao alardear para o mundo que está apaixonado.

As pessoas apaixonadas podem chegar a dois extremos: a idolatria ou a violência. Os dois caminhos são extremamente perigosos aos que estão envolvidos em um relacionamento amoroso. Ambos são formas do exagero. A idolatria esconde no fundo uma fraqueza: a submissão. Já o crime passional reflete a cegueira que se apossa do apaixonado.

Capítulo 8

ARGUMENTANDO

PRESSUPOSTOS E ARGUMENTOS

O encaminhamento do tema é sempre produto de uma escolha que se dá dentro de uma ordem. O que escrever? Como escrever? Para que escrever? Tais perguntas delimitam este ato e fazem o recorte necessário para que o texto não se apresente como um aglomerado de afirmações sem um objetivo definido.

Assim como as palavras ordenam-se em frases, as frases em parágrafos, estes devem ordenar-se para formar um texto. Ao escrever, devemos procurar manter-nos fiéis ao tema, produzir sentidos e mostrar sua relação com a realidade.

Uma das maiores preocupações de quem escreve é a de não se perder dentro do tema que lhe foi proposto. A manutenção da unidade do texto e a produção de sentidos só acontecem se soubermos argumentar. Escrever bem é saber argumentar bem.

Ao expor um tema, é preciso pensar de antemão que direção pretendemos tomar, para onde queremos conduzir nossa argumentação. Para isso, é preciso ter uma posição definida em relação ao assunto, criar um pressuposto a partir do qual vamos encaminhá-lo, a fim de deixar bem claro nosso ponto de vista. Diante de um tema tão amplo como *educação*, por exemplo, a primeira atitude é recortá-lo, ou seja, delimitar nosso campo de questionamento, cuja base está no pressuposto.

Quem pretende escrever de forma coerente tem de partir de um pressuposto claro, bem definido. Isso vai depender do conhecimento que temos do mundo, das leituras que vimos fazendo ao longo do tempo. Antes mesmo de escrever, já devemos saber o que queremos passar ao leitor. A atividade escrita é uma atividade planejada.

O texto começa, portanto, bem antes de se colocar a caneta no papel. As primeiras palavras escritas são fruto de uma reflexão. Ninguém deve escrever intempestivamente. Qualquer afirmação que fazemos deve resultar de um conhecimento partilhado com outras pessoas, senão corremos o risco de não ser compreendidos. É difícil escrever sem ter convicção do que enunciamos. Se não conhecemos os fatos com propriedade, podemos chegar à incoerência, cair em contradição. Um

texto começa a mostrar sua fragilidade quando partimos de um pressuposto mal formulado, que não dá margem a uma boa argumentação. É muito difícil escrever sem saber de onde estamos partindo. E o ponto de partida é o pressuposto, que é o modo como cada um de nós vê e problematiza o tema. O pressuposto tem de dar margem a divergências, senão fica difícil argumentar.

Voltemos ao tema *educação.* Para começar, não basta saber como anda a educação no Brasil. É preciso formular um pressuposto para orientar toda nossa argumentação. Ele é uma espécie de "idéia fixa" que nos vai acompanhar do princípio ao fim do texto. Significa que estamos sendo fiéis à idéia que defendemos e demonstra que temos uma posição firmada diante do assunto.

Eis alguns pressupostos possíveis:

O Brasil só resolverá seus problemas quando a educação for preocupação prioritária do governo.

Não se pode pensar em desenvolvimento sem antes pensar em educação.

A ansiada passagem do Brasil para o Primeiro Mundo só se dará quando se resolverem os problemas da educação.

Cada um desses pressupostos criará um tipo de desenvolvimento de texto. A segunda etapa será procurar os argumentos que os sustentem. Antes, porém, transforma-se o pressuposto numa pergunta. O mais comum é perguntar *por quê?*, mas também pode se perguntar *como?*

Por que o Brasil só resolverá seus problemas quando a educação for preocupação prioritária do governo?

Por que não se pode pensar em desenvolvimento sem antes pensar em educação?

Por que a ansiada passagem do Brasil para o Primeiro Mundo só se dará quando se resolverem os problemas da educação?

As respostas serão seus argumentos, e cada uma delas servirá de base para a construção dos parágrafos.

A forma de argumentar é responsável pela estruturação do texto e demonstra o caminho que escolhemos para defender nossa opinião. A argumentação é um processo que exige ordem. Um argumento deve encadear-se ao outro naturalmente, em busca de uma unidade de sentido. Nossa capacidade de convencer o leitor depende da ordenação e da força de nossos argumentos. As melhores idéias se perdem se usarmos argumentos fracos ou se não soubermos encadeá-los. O encaminhamento do texto, fundado nos argumentos, revela ao mesmo tempo nossa capacidade de criação, avaliação e crítica. Nosso discurso deve passar ao leitor determinados questionamentos, observações e conclusões sobre o tema.

Uma argumentação sustenta-se basicamente em:

1. **argumentos de valor universal** — aqueles que são irrefutáveis, com os quais conquistamos a adesão incontinenti dos leitores. Se você diz, por exemplo, que sem resolver os problemas da família não se resolvem os das crianças de rua, vai ser difícil alguém contradizê-lo. Trata-se de um argumento forte. Por isso, evite afirmações baseadas em emoções, sentimentos, preconceitos, crenças, porque são argumentos muito pessoais. Podem convencer algumas pessoas, mas não todas. Use sempre argumentos relevantes, adequados à defesa de seu ponto de vista;
2. **dados colhidos na realidade** — as informações têm de ser exatas e do conhecimento de todos. Você não conseguirá convencer ninguém com informações falsas, que não têm respaldo na realidade;
3. **citações de autoridades** — procure ler os principais autores sobre o assunto de que você vai falar. Ler revistas e jornais ajuda muito;
4. **exemplos e ilustrações** — para fortalecer sua argumentação recorra a exemplos conhecidos, a fatos que a ilustrem.

ANÁLISE DE UM TEXTO ARGUMENTATIVO

Existem diversas maneiras de argumentar. O texto abaixo nos dará algumas pistas sobre o processo de argumentação.

Mil e uma noites

Era uma vez um sultão que descobriu que sua mulher o traía. Cortou-lhe a cabeça. Triste e infeliz, dedicou o resto da vida à vingança. Todas as noites dormia com uma mulher diferente, que mandava matar no dia seguinte. Sherazade, jovem princesa, se oferece para dormir com o cruel sultão. Caprichosa, garante que tem um plano infalível que a livrará da morte. Assim aconteceu. Passa mil e uma noites com o rei, contando histórias de traições. O sultão enganado mudou seu destino. Esquece da vingança, ouvindo muitos outros casos iguais ao seu.

O que aconteceu com o sultão? Conformou-se pois a traição faz parte da vida? Sossegou ao saber que muitos outros também eram enganados? Perdeu a inveja dos homens felizes? Ou simplesmente ficou entretido com as histórias de Sherazade?

Não se sabe como termina a história. O rei voltou a acreditar nas mulheres ou mandou matar Sherazade ao fim das mil e uma noites? Histórias emendadas umas às outras distraem, divertem e não fazem pensar. Anestesiam. As histórias têm certa magia.

Tenho pensado sobre os inúmeros casos de corrupção contados por jornais e revistas. Emendados uns aos outros, parecem histórias das mil e uma noites brasileiras.

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores. O caso Watergate foi o resultado de exaustivas investigações dos jornalistas do *Washington Post.* Coletaram dados, levaram até o fim as suas suspeitas e correram o risco das suas acusações. Não foram notícias baseadas em diz-que-diz ou espalhadas nas páginas dos jornais por adversários políticos. Notícias divulgadas sem investigação jornalística mais profunda acabam sendo banalizadas.

A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam. A esperada e saudável indignação não vai surgir com denúncias feitas sem provas. Histórias de corrupção em cores, fotos cruéis, denúncias vazias levam a quê? Será que com comédia e piadas é que se pretende apresentar fatos de tal relevância? Não há lugar para tanto *sense of humor* em um país onde a miséria seja tão grande como a nossa. Infelizmente, a hora não é para brincadeiras. Do contrário, as pessoas esperarão os jornais e revistas apenas ansiosas pelo próximo capítulo da novela das mil e uma corrupções brasileiras.

O que vai acontecer com os brasileiros? Vão se conformar com a corrupção pois faz parte da vida? Sossegar ao saber que existem casos iguais em outros países? Perder a admiração pelos homens honestos? Ou ficar simplesmente entretidos com histórias de Sherazade?

A corrupção não pode se tornar mais uma distração entre os brasileiros.

Corrupção faz parte da natureza humana. Para a controlar, a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas. Só assim a sociedade pode reagir e a Justiça atuar. Os casos são contados muitas vezes apenas com insinuações e sem fatos. Muitos são esquecidos e substituídos por outros mais novos. Confundem as pessoas e levantam dúvidas sobre a veracidade da notícia. Não há tempo para se perder em histórias de mil e uma noites. Estamos escrevendo a história de um país com 130 milhões de habitantes. Gente muito sofrida. Pessoas não podem virar ficção. É preciso cuidado.

Cosette Alves, *Folha de S.Paulo*, 12 jul. 1991.

1. Determinação do pressuposto

Vejamos inicialmente qual o pressuposto de Cosette Alves para escrever seu artigo. Para encontrarmos o pressuposto do qual ela partiu, temos de ler todo o texto e descobrir suas palavras-chave: *imprensa* e *corrupção*. Assim descobrimos o pensamento que ela já havia formulado mentalmente sobre o assunto antes de começar o trabalho de redação propriamente dito. Do ponto de vista de quem escreve, o pressuposto tem de ser expresso com clareza e dar margem a questionamentos. Se se parte de um pressuposto fraco, que não suscite questões, uma redação dificilmente chegará a bom termo.

Vamo-nos colocar agora no lugar de Cosette Alves. Imaginemo-la em sua casa lendo jornais, vendo TV e ouvindo notícias sobre corrupção. Em certo momento, ela chegou à conclusão de que não estava havendo muita seriedade por parte da imprensa em suas denúncias, pois nem todas eram comprovadas. Muitas pareciam brincadeira porque, com o tempo, ninguém era capaz de trazer provas concretas que incriminassem as pessoas envolvidas. Ela chegou, assim, ao seu pressuposto:

A imprensa tem de ser mais séria ao denunciar os casos de corrupção.

2. Detecção dos argumentos

Após estabelecer o pressuposto, era preciso encontrar argumentos que o sustentassem. Fazendo a pergunta *Por que a imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção?*, poderemos descobrir seus argumentos. Voltemos ao texto e vejamos então se ele responde satisfatoriamente a essa pergunta, se Cosette Alves convence-nos mesmo de seu ponto de vista. Se responder, é sinal de que ela soube argumentar bem.

1º parágrafo

Era uma vez um sultão que descobriu que sua mulher o traía. Cortou-lhe a cabeça. Triste e infeliz, dedicou o resto da vida à vingança. Todas as noites dormia com uma mulher diferente, que mandava matar no dia seguinte. Sherazade, jovem princesa, se oferece para dormir com o cruel sultão. Caprichosa, garante que tem um plano infalível que a livrará da morte. Assim aconteceu. Passa mil e uma noites com o rei, contando histórias de traições. O sultão enganado mudou seu destino. Esquece da vingança, ouvindo muitos outros casos iguais ao seu.

2º parágrafo

O que aconteceu com o sultão? Conformou-se pois a traição faz parte da vida? Sossegou ao saber que muitos outros também eram enganados? Perdeu a inveja dos homens felizes? Ou simplesmente ficou entretido com as histórias de Sherazade?

3º parágrafo

Não se sabe como termina a história. O rei voltou a acreditar nas mulheres ou mandou matar Sherazade ao fim das mil e uma noites? Histórias emendadas umas às outras distraem, divertem e não fazem pensar. Anestesiam. As histórias têm certa magia.

Esses três primeiros parágrafos servem de introdução ao assunto e demonstram que Cosette Alves tem amplo domínio sobre a forma como se estrutura um texto.

Ao recorrer à história de Sherazade, ela captou de imediato a atenção do leitor para um tema por demais vulgarizado. À primeira vista, ficamos sem saber de que assunto ela vai tratar. O que estão fazendo Sherazade e o sultão num texto sobre a corrupção no Brasil? Só o saberemos à medida que progredirmos em nossa leitura.

No primeiro parágrafo, Cosette Alves informa-nos como nasceram as famosas histórias de *As mil e uma noites*. No segundo, pergunta o que teria acontecido depois com o sultão. E, no terceiro, afirma que ninguém sabe qual o fim dele e de Sherazade. Diz também que as histórias, emendadas umas às outras, divertem, não fazem pensar, servem de anestésico.

Até agora o leitor não sabe de que assunto a autora vai falar. Ela criou certa expectativa, como se nos estivesse preparando para chegar ao tema central. Só no quarto parágrafo veremos com clareza o tema a ser tratado:

4º parágrafo

Tenho pensado sobre os inúmeros casos de corrupção contados por jornais e revistas. Emendados uns aos outros, parecem histórias das mil e uma noites brasileiras.

Cosette Alves parece dar um salto muito grande entre o que disse anteriormente e o que está dizendo agora. Ela pretende falar da forma como a imprensa vem tratando os casos de corrupção que tomaram conta do país. Mas, como veremos, os três primeiros parágrafos terão importância fundamental na estruturação do texto, colaborando de forma precisa para a sua coerência. Nele nada foi escrito gratuitamente, apenas para preencher espaço.

O parágrafo seguinte trata do papel da imprensa ao denunciar casos de corrupção, aqui ou em outros países. A articulista vale-se do recurso da ilustração, recorrendo ao caso Watergate, quando ficou patente a seriedade dos jornalistas americanos:

5º parágrafo

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores. O caso Watergate foi o resultado de exaustivas investigações dos jornalistas do *Washington Post*. Coletaram dados, levaram até o fim as suas suspeitas e correram o risco das suas acusações. Não foram notícias baseadas em diz-que-diz ou espalhadas nas páginas dos jornais por adversários políticos. Notícias divulgadas sem investigação jornalística mais profunda acabam sendo banalizadas.

Só no sexto parágrafo, com a alusão às *mil e uma corrupções brasileiras*, é que se cria o primeiro elo entre os três parágrafos introdutórios e o tema do artigo:

6º parágrafo

A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam. A esperada e saudável indignação não vai surgir com denúncias feitas sem provas. Histórias de corrupção em cores, fotos cruéis, denúncias vazias levam a quê? Será que com comédia e piadas é que se pretende apresentar fatos de tal relevância? Não há lugar para tanto *sense of humor* em um país onde a miséria seja tão grande como a nossa. Infelizmente, a hora não é para brincadeiras. Do contrário, as pessoas esperarão os jornais e revistas apenas ansiosas pelo próximo capítulo da novela das mil e uma corrupções brasileiras.

Daí em diante tornam-se mais fortes os laços entre as circunstâncias que cercam *As mil e uma noites* e as *mil e uma corrupções brasileiras*. As mesmas perguntas que Cosette Alves fez em relação ao sultão, Sherazade e às histórias contadas, ela as faz agora em relação aos brasileiros, à imprensa (nossa Sherazade) e às histórias de corrupção que estamos cansados de ouvir. Observe a simetria das perguntas com as do segundo parágrafo:

7º parágrafo

O que vai acontecer com os brasileiros? Vão se conformar com a corrupção pois faz parte da vida? Sossegar ao saber que existem casos iguais em outros países? Perder a admiração pelos homens honestos? Ou ficar simplesmente entretidos com histórias de Sherazade?

Antes de chegar ao último parágrafo, Cosette Alves faz uma afirmação que serve de parágrafo de transição entre o sétimo e o nono:

8º parágrafo

A corrupção não pode se tornar mais uma distração entre os brasileiros.

O parágrafo de transição é uma espécie de ponte para alcançar o parágrafo seguinte. É constituído de uma só frase que é, ao mesmo tempo, pausa e gancho para a retomada do assunto. Uma espécie de respiradouro. Cosette Alves, ao lançar mão desse recurso, retoma a idéia de distração presente na última frase do sétimo parágrafo e introduz a palavra *corrupção*, que vai ser desenvolvida no parágrafo final:

9º parágrafo

Corrupção faz parte da natureza humana. Para a controlar, a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas. Só assim a sociedade pode reagir e a Justiça atuar. Os casos são contados muitas vezes apenas com insinuações e sem fatos. Muitos são esquecidos e substituídos por outros mais novos. Confundem as pessoas e levantam dúvidas sobre a veracidade da notícia. Não há tempo para se perder em histórias de mil e uma noites. Estamos escrevendo a história de um país com 130 milhões de habitantes. Gente muito sofrida. Pessoas não podem virar ficção. É preciso cuidado.

A articulista conclui seu texto dizendo que a *imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.* Em outras palavras: a imprensa deve ser séria ao apresentar suas denúncias. A história de Sherazade entra como um recurso de argumentação. A autora faz uma analogia entre o seu breve resumo de *As mil e uma noites* e o papel da imprensa brasileira. Ela fecha assim o artigo, retomando no parágrafo conclusivo o que disse no inicial, dando coerência a seu processo argumentativo. Ela amarrou o texto ao concluir que a corrupção não deve servir de distração para nós, como aconteceu com as histórias contadas por Sherazade para distrair o sultão. A imprensa deve tomar consciência de que, diferentemente de *As mil e uma noites*, tem à sua frente seres de carne e osso e não personagens de ficção.

Vejamos agora se os argumentos de Cosette Alves respondem a seu pressuposto inicial.

Retomemos a pergunta:

Por que a imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção?

Porque

1. a denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores;
2. a sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam;
3. a corrupção não pode tornar-se mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em *As mil e uma noites.*

Como podemos constatar, esses argumentos encadeiam-se de forma coesa e coerente, soldados uns aos outros, e levam a uma só conclusão. Usando uma conjunção conclusiva, ficará mais fácil de ver como isso acontece:

1º argumento:
A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores,
por isso
a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

2º argumento:
A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam,
por isso
a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

3º argumento:
A corrupção não pode se tornar mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em *As mil e uma noites,*
por isso
a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

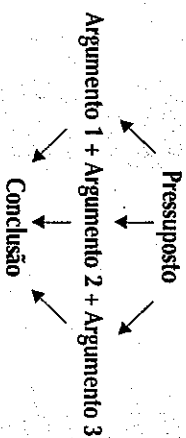
Daí podemos deduzir que Cosette Alves escreveu um texto preciso, coeso e coerente. Nele nada está fora de lugar, pois todas as suas partes ordenam-se com perfeição. Os argumentos convencem e a conclusão a que ela chegou está bem ajustada a eles.

Em síntese, *Mil e uma noites* está assim estruturado:

Pressuposto:
A imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção.

Argumentos:
1. A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores.
2. A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam.
3. A corrupção não pode tornar-se mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em As mil e uma noites.

Conclusão:
A imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

O esquema a que chegamos pode ser estendido à construção argumentativa de qualquer texto. O que pode variar é o número de argumentos.

Em linhas gerais, para escrever um texto você deve:

1. ler tudo o que for possível sobre o assunto;
2. escolher um pressuposto como ponto de partida;
3. escolher dois ou três argumentos fortes;
4. não perder de vista as palavras-chave do pressuposto;
5. orientar a argumentação para uma conclusão coerente com o pressuposto.

Depois de escrito o texto, para verificar se não fugiu ao tema, observe se:

a) a palavra-chave (ou palavras-chave) propaga-se (ou propagam-se) por todos os parágrafos por meio de um daqueles recursos estudados no terceiro capítulo deste livro. Assim, a manutenção do tema está garantida;

b) você consegue esquematizar seu texto com clareza, unindo pressuposto, argumentos e conclusão.

1. Leia os textos a seguir e responda às questões propostas:

TEXTO 1

A juventude mudou? É, tem isto também. Ela se tornou mais pragmática e menos utópica. Tanto que as campanhas estudantis de maior repercussão têm sido as dos secundaristas, contra os aumentos extorsivos das anuidades nas escolas particulares. Há toda uma mudança de mentalidade, que pode ser constatada já na puberdade. Perguntem a uma criança de oito ou nove anos o que ela quer ser quando crescer, e, dificilmente — esta é, pelo menos, a minha experiência —, ouvirão as respostas clássicas das gerações mais antigas: médico, engenheiro, advogado, militar ou professora. Várias delas já me disseram que querem ganhar bem, não importa em que profissão.

Artur Poerner, *Jornal do Brasil*, 24 ago. 1992.

A Transcreva o argumento de que se vale Artur Poerner para justificar sua terceira frase.

B O autor diz que houve uma mudança de mentalidade na juventude de hoje em relação à escolha da profissão. Formule um pressuposto a partir do que ele diz a esse respeito e desenvolva um parágrafo a favor ou contra.

TEXTO 2

Utopia, sempre

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se esperança; esperança de que aquilo que não é, não existe, pode vir a ser; uma espera no sonho, de que algo se mova para a frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir.

Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de força do sonho. Mas também esse seria um nome inadequado: acima de tudo, porque não somos nós que temos um sonho e, sim, o sonho que nos tem. Ele escapa a nosso controle, impõe-se a nós tanto quanto se insinua sobre nós essa realidade manca ou sufocante que precisa ser mudada. E é necessário termos o controle dessa mudança, algum controle. Sonhar apenas, portanto, não serve.

Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites freqüentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. E esta designação para aquela força não seria inconveniente se a imaginação fosse vista não como um amontoado de insanidades, diversas das provocadas pelo sonho apenas pelo fato de serem produzidas de olhos abertos, mas sim como uma das estruturas de sustentação da própria realidade e sem a qual esta não pode existir sob pena de retirar-se desse real aquele elemento criativo capaz de fazer da vida algo diferente de uma câmara escura, de um caixão de defunto.

Mas a imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquela que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual, detendo-se exclusivamente para propor coisas como montanhas de ouro. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado.

Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer e a vida, uma seqüência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como

o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar a vida.

COELHO NETO, José Teixeira. *O que é utopia.* São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1985. pp. 7-9. (Coleção Primeiros Passos)

Complete cada frase com um argumento encontrado no texto. Retire os argumentos dos parágrafos indicados entre parênteses:

A A esperança é uma força de que nos valemos para neutralizar um acontecimento decepcionante porque... . (*1º parágrafo*)

B Nem sempre o sonho nos serve porque... . (*2º parágrafo*)

C A imaginação é um termo mais positivo que o sonho porque... . (*3º parágrafo*)

D Só a imaginação exigente nos serve porque... . (*4º parágrafo*)

E A imaginação utópica exerce grande influência sobre a vida porque... . (*5º parágrafo*)

TEXTO 3

Um apelo à auto-regulamentação

De tanto que se falou sobre a violência na televisão brasileira — e este é um tema que sensibiliza tanto intelectuais quanto o espectador mais desatento — a questão parecia à beira do esgotamento, com poucas chances de ganhar algum fôlego suficientemente forte para mexer com o autoritarismo e a pasmaceira das emissoras. Mas há muita coisa que supera a mais arguta capacidade de análise e de antecipação dos fatos. E aqui entre as emissoras nacionais, nada inibe a voraz e aética disputa de audiência, como ficou comprovado agora com o espetáculo deprimente oferecido pelo SBT no seu amoral *Aqui e Agora.* Uma menina de 16 anos suicidou-se no centro de São Paulo para o gozo das câmeras sensacionalistas do seu telejornalismo e para a alegria dos seus editores, que contabilizaram preciosos índices de audiência.

Enquanto se discutia a violência dos filmes exibidos na televisão e se polemizava em cima da decisão das emissoras americanas de advertir os pais cada vez que vai ao ar uma produção mais forte, o SBT dava o seu *show* particular para desmoralizar todos os argumentos dos especialistas. E — o máximo do cinismo — como estão fazendo as TVs dos Estados Unidos, colocou no ar a advertência sobre o conteúdo das cenas exibidas. Mas, de olho no ibope, esteve lá, exibindo a tragédia até que ela se consumasse.

É um fato perturbador a mexer com as teses dos estudiosos, porque aí ultrapassa os limites da questão da violência em si e abala os princípios éticos do jornalismo, principalmente os do telejornalismo, que tem o peso da imagem e a agressividade da invasão doméstica. Mas é bom insistir e repetir a mesma coisa: as emissoras só seguem este caminho porque o público em casa responde favoravelmente a ele. Como já se disse, é uma espécie de atração fatal a aproximar estes dois extremos do processo de comunicação. Os princípios de auto-regulamentação não vêm merecendo a atenção daqueles que fazem televisão, e isto abre espaço para os argumentos mais conservadores, que defendem a intervenção pura e simples, em nome de seus próprios conceitos. Daí, é um pulo para o controle da informação.

Arthur Santos Reis, *Jornal do Brasil,* 10 jul. 1993.

A De qual pressuposto partiu o autor para escrever o texto?

B A pequena extensão do texto permite que ele se sustente em apenas um argumento. Cite-o.

C A que conclusão chega o autor?

TEXTO 4

O jogo e o trabalho

Os brasileiros estão jogando cada vez mais. A prática das apostas ganha novos adeptos a cada dia. O jogo do bicho prospera. O Governo federal e os Governos estaduais promovem suas diversas loterias. Muita gente faz fila para arriscar a sorte na sena, na quina da loto, na loteria esportiva ou nas numerosas raspadinhas.

O fenômeno está preocupando muitos setores da sociedade. Nos círculos conservadores se fala, com escândalo, na "generalização da jogatina" e se adverte contra a expansão da "influência perniciosa do vício". Outras áreas lamentam que os poucos recursos economizados pelos assalariados sejam investidos numa aventura, em vez de serem sabiamente poupados e postos a render dividendos.

A discussão sobre o jogo é antiga. A maioria das pessoas reconhece que a proliferação da prática das apostas tende a desencadear efeitos socialmente negativos, acir-

rando paixões que causam dano à dimensão comunitária da existência, lançando os indivíduos numa competição desenfreada uns contra os outros e lhes enfraquecendo os princípios éticos.

Mesmo entre os que enxergam esses aspectos desagregadores, entretanto, há muitos espíritos críticos que procuram compreender o que está acontecendo e repelem a tentação autoritária do recurso simplista a medidas de repressão.

As proibições, com freqüência, são dolorosas, traumáticas e inócuas. Em lugar de tentar resolver os problemas prendendo e arrebentando, devemos procurar discernir suas raízes históricas e culturais. Devemos ter a coragem de indagar se o poder de atração do jogo não tem a ver com o tipo de sociedade que foi criado aqui, ao longo da nossa história.

A questão — note-se — não é exclusivamente brasileira: é fácil percebermos que ela tem uma presença marcante na América Latina. O grande escritor Jorge Luis Borges já escreveu uma vez: "Yo soy de un país donde la lotería es parte principal de la realidad". As sociedades do nosso continente nasceram, todas, sob o signo da aventura: os europeus que destruíram as culturas indígenas e importavam negros escravizados apostavam no enriquecimento rápido.

No caso brasileiro, as condições se agravaram enormemente com a modernização autoritária e a sucessão das negociatas. A população tinha a impressão de que as elites haviam transformado a sociedade num imenso cassino. Entre os grandes trambiqueiros do nosso país, quantos foram exemplarmente punidos? E quantos permaneceram (e permanecem) impunes?

Obrigado a dar duro para sobreviver, o trabalhador vem observando esse espetáculo e tentando extrair dele sua lição. A experiência quotidiana e o sufoco do salário arrochado lhe dizem com muita eloqüência que no mundo do trabalho quase não há espaço para a esperança. O sonho, expulso pela remuneração aviltante, emigra para o jogo.

A paixão pelo jogo cresce paralelamente à constatação de que o trabalho está caracterizado como ocupação de otário. O que conta, para o trabalhador, não são os discursos em que os políticos e os empresários o cobrem de elogios: é o salário que lhe mostra o que ele realmente vale, aos olhos do Estado e do patrão.

O homem do povo, o homem comum, está valendo pouco na nossa sociedade. Quando ele joga no bicho ou na loto, aposta no futebol ou nas corridas de cavalo, é claro que não está contribuindo, concretamente, para superar a situação frustrante para a qual foi empurrado, como vítima, pelos donos do poder político e econômico. A "fezinha" só pode resolver o problema de um ou outro no meio de muitos

milhares. No entanto, o movimento que leva a pessoa a jogar manifesta, também, ao lado da ilusão, certo inconformismo diante do vazio do presente. Quem joga, afinal, ainda está mostrando que é capaz de ansiar por um futuro melhor.

Como se pode canalizar esse inconformismo e essa ânsia de um futuro mais bonito para uma ação historicamente mais fecunda do que a febre das apostas? Como mobilizar coletivamente as energias que se dispersam na aventura individualista do jogo?

Creio que a direção política em que deve ser buscada uma resposta democrática para essas indagações passa, necessariamente, por uma enérgica revalorização do trabalho — e dos trabalhadores.

Leandro Konder, *O Globo*, 10 maio 1992.

A Qual o pressuposto do texto?

B Quais seus argumentos?

C Qual a conclusão?

TEXTO 5

Contra os tóxicos, a liberdade

Suicidar é humano. Seja radicalmente, por tiro, enforcamento, mergulho no espaço, sofisticada ingestão de medicamentos — ou a prestações, recorrendo a tabaco, álcool e consumo de drogas com variado grau de toxicidade. Há na praça até *best-sellers* a instruir a respeito.

Curiosamente, os países mais adiantados do mundo ergueram um muro que separa os suicidas morosos, adeptos do álcool e da mistura alcatrão-nicotina, daqueles que buscam a sepultura *snifando* cocaína, injetando nas veias heroína, fumando maconha, haxixe ou ópio e o mais que se siga. Os primeiros podem destruir-se livremente, desde que paguem o devido imposto ao Estado sobre os produtos com os quais se deixam devorar; os outros não podem, arriscam-se a ir para a cadeia como método de cura do vício, e enquanto não fazem enriquecem obscenamente os produtores e traficantes de narcóticos e as autoridades de todo tipo que se deixam corromper pelos primeiros, assim como sustentam todos os que, direta ou indiretamente, se envolvem na repressão ao narcotráfico ou a ela se dedicam.

Em escala bem menor, fenômeno semelhante se observou nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século, com a Lei Seca. Um surto de moralismo resolveu

proibir aos americanos o consumo de bebidas alcoólicas. E sob estímulo dessa lei de tão boas intenções prosperaram o gangsterismo, a máfia americana e uma das maiores ondas de corrupção da autoridade pública jamais vistas em qualquer país. O apogeu do crime durou até o momento em que o legislador dos Estados Unidos, rendendo-se à evidência, revogou a lei da qual a sociedade deixara de colher qualquer benefício. E parte das tensões da sociedade americana foi aliviada com o restabelecimento do direito de beber, desde que do seu exercício não derivasse prejuízo ou ameaça à segurança de terceiros.

Parece que não percebemos o ônus brutal que a obrigação de reprimir atira injustamente sobre os países nos quais os tóxicos são produzidos. Embora pobres, eles se vêem obrigados — pela pressão externa — a gastar recursos imensos nessa repressão. E assim aliviam, com seu suor e seu sangue, a responsabilidade dos países ricos, que são, estes sim, por margem larguíssima, os maiores clientes do narcotráfico.

Ora, não haveria produção se antes dela não houvesse a demanda. E, por outro lado, duvido que qualquer usuário de drogas deixe de consumi-las por não as encontrar à venda ou por temer as punições a que o uso o arriscaria. Basta ver o que acontece nesta nossa infeliz cidade do Rio. Quase diariamente somos despertados pelos estampidos de fogos de artifício com que os traficantes dos morros avisam à clientela dos bairros que a cocaína chegou e está à disposição da freguesia. Parece que só a Polícia ignora esse novo código auditivo.

Pertenço a uma geração que atingiu a maioridade sem sequer tomar conhecimento da existência de narcóticos, e muito menos do seu comércio. Até a década de 50, maconheiro era sinônimo de arruaceiro da praça Mauá — e cheguei a esse tempo sem ter tido azo de ver uma fileira de cocaína ou de conhecer algum cocainômano tido como tal. Me lembro da série de artigos de Paulo Mendes Campos no *Diário Carioca* sobre como se refletiu nele a experiência que fez uma vez com o LSD, ou o livro de Aldous Huxley sobre a mescalina. Uma narrativa e outra tinham caráter quase que científico, e despertaram em mim a curiosidade que me merecem hoje as tartarugas da Ilha de Trindade.

Coca, epadu, papoula, cactus, canabis — tudo isso é mato, é produto ordinário; a cocaína, o ópio, a heroína, a mescalina, os princípios tóxicos dessas plantas podem ser industrializados por processos singelos e relativamente baratos. Mas a cocaína que transpõe as fronteiras da Bolívia ou da Colômbia a determinado preço (já superdimensionado pela clandestinidade) alcança no mercado consumidor dos Estados Unidos (pela via Rabelo, entre outras) cotação muitas vezes maior. É a tarifa da proibição.

Não foi portanto o uso de narcóticos que criou um dos mais fabulosos negócios do mundo. Foi e é a proibição de consumi-los. Essa, sim, vale muitos bilhões de dólares. E por valer tanto cria estados dentro do Estado, financia guerras civis, induz ao vício gerações de jovens em todos os países, corrompe, mata, leva a sociedade ao apodrecimento.

Nunca deixou de haver, na nossa espécie, contingente propenso à autodestruição, pela infinita quantidade de razões que impõem ao ser humano a cruz da infelicidade pessoal. A idéia de que a repressão policial ou de exércitos conseguirá deter o narcotráfico é hipócrita. Mas a hipocrisia não é dos policiais e militares, obrigados por lei à repressão. É dos políticos cegos para a realidade de que o homem moderno — que, salvo os muçulmanos e algumas minorias, perdeu o medo dos castigos da vida eterna desde que pisou a Lua e foi informado da existência de milhões de galáxias — desdenha o mistério e exige que o convençam do que é certo e do que é errado. Com provas e sem dogmas.

A imensidão de recursos que se consome hoje nessa riquíssima guerra aos narcotráficos estaria muito mais bem aplicada se voltada para a educação, para demonstrar o mal terrível do vício, a degradação quase sempre sem retorno a que desce o viciado, o mergulho na dor, no desespero e na repugnância.

A essa saudável pedagogia chegaremos um dia, certamente. Só lastimo que por ora gerações estejam sendo contaminadas pelos maus efeitos de um puritanismo que nas últimas décadas tem ingenuamente exacerbado o consumo de narcóticos, para a grande prosperidade de fabricantes e vendedores.

Queremos acabar com a tragédia do narcotráfico? Tomadas as medidas necessárias para proteger os menores de idade da tentação do vício, tanto quanto os protegemos do álcool, e fixadas penas severas para aqueles que, sob a ação dos narcóticos, perturbarem a tranqüilidade do próximo — liberemos o consumo e o sufoquemos com impostos.

Isto feito, que cada um cuide da sua responsabilidade, da sua vida e da sua morte.

Evandro Carlos de Andrade, *O Globo*, 18 ago. 1991.

A Qual a idéia que permeia todo o texto de Evandro Carlos de Andrade?

B A que conclusão chega o autor?

C Liste cinco argumentos que sustentam o texto.

D Identifique dois argumentos que ilustram o texto. Qual o objetivo do articulista ao usá-los como parte de sua argumentação?

2. Redija textos a partir do pressuposto, argumentos e conclusão aqui sugeridos:

A

Pressuposto:

É constrangedora a convivência diária com a miséria.

Argumento:

Ninguém em sã consciência gosta de ver seus semelhantes vivendo precariamente.

Conclusão:

A sociedade deve ser menos passiva diante da miséria.

B

Pressuposto:

As novas tecnologias contribuirão para aumentar ainda mais a taxa de desemprego no mundo.

Argumentos:

- *O futuro exigirá trabalhadores cada vez mais preparados.*
- *Os computadores poderão substituir o homem com total eficiência.*

Conclusão:

O alto nível de eficiência tecnológica poderá agravar os problemas sociais.

3. Formule um pressuposto para os seguintes temas:

A racismo

B violência urbana

C ética

4. Formule três argumentos para cada pressuposto acima.

5. Desenvolva cada um dos temas acima em cerca de cinco parágrafos.

6. Tema: Drogas: liberar ou não liberar?

Releia os textos "Ignorância também é vício" (p. 60) e "Contra os tóxicos, a liberdade" (p. 99) e argumente em favor de seu ponto de vista.

Extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30.

Capítulo 9

MELHORANDO O TEXTO

Agora que você conhece os passos para escrever um texto com certa segurança, apresentamos, a seguir, algumas recomendações que ajudarão a melhorar sua redação. Lembre-se sempre de que escrever exige paciência e um trabalho contínuo com a palavra. Quanto mais você ler, mais fácil se tornará seu relacionamento com a escrita. Como afirmamos logo no início deste livro, ler bem é a primeira tarefa de quem quer escrever bem. As recomendações que faremos podem ajudá-lo, desde que você tenha seguido o nosso roteiro.

A FRASE

1. Extensão

Escreva sempre frases curtas, que não ultrapassem duas ou três linhas, mas também não caia no oposto, escrevendo frases curtas demais. Seu texto pode ficar cansativo.

Uma frase de boa extensão evita que você se perca. Seja objetivo. Quanto mais você se alonga, mais a frase ramifica-se em muitas outras sem chegar a lugar algum. Exemplo:

A crise de abastecimento de álcool não é apenas resultado da incompetência e irresponsabilidade das agências governamentais que deveriam tratar do assunto, pois ela também foi causada por um outro vício de origem que foi no primeiro caso os organismos do governo encarregados de gerir os destinos do Proálcool que foram pouco a pouco sendo apropriados pelos setores que eles deveriam controlar, se transformando em instrumentos de poder desses mesmos setores que através deles passaram a se apropriar de rendas que não lhes pertenciam.

Quando chegamos ao final da frase, não lembramos o que estava no seu início. O que fazer? Antes de tudo, ver quantas idéias existem aí e separá-las.

Uma possível redação para esse texto seria:

A crise no abastecimento do álcool não resulta apenas da incompetência e da irresponsabilidade do governo. Ela é também causada por certos vícios que rondam o poder. Os órgãos responsáveis pelo destino do Proálcool se eximem de controlá-lo com rigor. Disso resulta uma situação estranha: os órgãos do governo passam a ser dominados justamente pelos setores que deveriam controlar. Transformam-se assim em instrumentos de poder de usineiros que se apropriam do Erário.

2. Fragmentação

Um erro muito comum em redações escolares é a frase fragmentada. Nunca interrompa seu pensamento antes de pronomes relativos, gerúndios, conjunções subordinativas.

Errado:

O carro ficara estacionado no *shopping*. Onde tínhamos ido fazer compras.

O Detran tem aumentado sua receita. Multando carros sem nenhum critério.

Ele tem lutado para manter o *status*. Uma vez que perdeu quase toda a fortuna.

Certo:

O carro ficara estacionado no *shopping* onde tínhamos ido fazer compras.

O Detran tem aumentado sua receita, multando carros sem nenhum critério.

Ele tem lutado para manter o *status*, uma vez que perdeu quase toda a fortuna.

3. Sonoridade

É preciso cuidar também da sonoridade da frase. Ecos, aliterações, assonâncias devem ser evitados. Leia:

Não se realizará mais amanhã a *caminhada divulgada* nos jornais.

Melhor dizer:

Não se realizará mais amanhã a caminhada que os jornais divulgaram ontem.

4. Pronome relativo e conjunção integrante *que*

- Não transforme sem necessidade o pronome relativo *que* em o qual, a qual, os quais, as quais. Só o faça quando houver ambigüidade, como neste exemplo:

Encontramos a filha do fazendeiro que perdeu todo o dinheiro na Bolsa.

Nesse caso, o *que* pode se referir tanto à filha quanto ao fazendeiro. Se este foi o perdedor, desdobre o *que* em *o qual*; se foi a filha, use *a qual*, dando, assim, maior clareza à frase.

Não abuse do *que* (pronome relativo e conjunção integrante) em suas frases. Isso torna o estilo pesado. Há muitos recursos lingüísticos para evitá-lo. Se for uma frase de boa extensão (duas ou três linhas), repeti-lo mais de uma vez é exagero. Há sempre uma forma de se chegar à frase enxuta.

Disseram-me *que* o professor *que* foi contratado para dar aulas de inglês morou muitos anos em Londres.

Melhor dizer:

Disseram-me *que* o professor contratado para dar aulas de inglês morou muitos anos em Londres.

5. A conjunção *pois*

Não use *pois* assim que começar um texto. *Pois* é uma conjunção explicativa ou conclusiva, e ninguém deve explicar ou concluir nada logo no primeiro parágrafo. As explicações só aparecem quando seu processo argumentativo está em andamento. Lembre-se de que, no primeiro parágrafo, deve-se apenas situar o problema.

6. Onde

Atenção para o emprego de *onde*. Só deve ser usado quando se referir a lugar.

O país *onde* nasci fica muito distante.

Nos demais casos, use *em que*.

São muito convincentes os argumentos *em que* você se baseia.

Não use *onde* para se referir a datas.

Isto aconteceu nos anos 70, *onde* houve uma verdadeira revolução de costumes.

Melhor dizer:

Isto aconteceu nos anos 70, *quando* houve uma verdadeira revolução de costumes.

7. Poluição gráfica

Não escreva um texto "manchado", cheio de travessões, aspas, exclamações, interrogações. O que dizer de uma seqüência como esta:

Será que Deus é mesmo brasileiro? Então viva o Brasil! Mas pelo visto...

8. Ponderação

Não generalize. Frases do tipo *Todo político é um corrupto* só fazem dizer que a pessoa escreve irrefletidamente.

O VOCABULÁRIO

Escreva com simplicidade. Não empregue palavras complicadas ou supostamente bonitas. Escrever bem não é escrever difícil. O vocabulário deve adequar-se ao tipo de texto que pretendemos redigir. No nosso caso, só trabalhamos com a linguagem padrão, aquela que a norma culta exige quando vamos tratar de algum problema de grande interesse para leitores de bom nível cultural. Dela deverão estar afastados erros gramaticais, ortográficos, termos chulos, gíria, que não condizem com a boa linguagem. Observe as inadequações neste exemplo:

Os grevistas refutaram o aumento proposto pelo governo. Enquanto o líder da situação fazia na Câmara os prolegômenos dos novos índices, os trabalhadores faziam do lado de fora o maior auê, achando que o governo não estava com nada.

É preciso ter muito cuidado com as palavras. Nem sempre elas se substituem com precisão. Empregar *refutar* por *rejeitar*, *prolegômenos* por *exposição* não torna o texto melhor. Não só palavras "bonitas" prejudicam um texto, mas também a gíria (*auê*) e expressões coloquiais (*não estava com nada*).

O texto poderia ser escrito da seguinte forma:

Os grevistas rejeitaram o aumento proposto pelo governo. Enquanto o líder da situação fazia na Câmara a exposição dos novos índices, os trabalhadores faziam do lado de fora uma grande manifestação.

1. Adjetivos certos na medida certa

O emprego indiscriminado de adjetivos pode prejudicar as melhores idéias. Para que dizer *um vendaval catastrófico destruiu Itu* quando vendaval já traz implícita a idéia de catástrofe?

Outro mau uso do adjetivo ocorre quando empregado intempestivamente, como se o autor quisesse "embelezar" o texto. O que ele consegue, no mínimo, é confundir o leitor. Veja:

Diante do mundo incomensurável, incógnito e desmedido que nos cerca, o homem se sente minúsculo, limitado, inepto, incapaz de compreender o menor movimento das coisas singulares, magnéticas e imprevisíveis com que se depara em seu cotidiano impregnado e assoberbado de interrogações.

Entendeu? Nem nós.

O adjetivo pode ser empregado, sim, mas quando traz uma informação necessária ao fato, à notícia:

O estresse, a fadiga crônica acompanhada de mãos geladas, insônia e irritabilidade atribuída em geral à correria da vida urbana, talvez só perca para o colesterol alto quando se trata de arranjar um culpado pelo surgimento de doenças.

Veja, 4 set. 1991.

Os adjetivos aí empregados não são supérfluos. Se forem retirados, vão fazer falta à informação, pois:

a) a fadiga, além de crônica, pode também ser passageira;

b) *geladas* é imprescindível a *mãos*, por ser um sintoma da fadiga crônica;

c) *vida* precisa do qualificativo *urbana* para evitar a generalização. A reportagem da *Veja* está falando só do estresse da vida urbana e não da vida em geral.

Evite usar adjetivos que já se desgastaram com o uso como:

calor *escaldante*
saudosa memória
longa jornada
doce lembrança
emérito goleador
grata surpresa
frio *siberiano*
inquietante silêncio
lauto banquete
último adeus
providências *cabíveis*
vibrante torcida

2. Lugares-comuns e modismos

Evite palavras, frases, expressões ou construções vulgares. A renovação da linguagem deve ser uma preocupação constante de quem escreve. Não há boa idéia que sobreviva num texto cheio de lugares-comuns. Abandone:

a) frases do tipo:

agradar a gregos e troianos	estar com a bola toda
arrebentar a boca do balão	estar na crista da onda
botar pra quebrar	ficar literalmente arrasado
chover no molhado	ir de vento em popa
deitar e rolar	passar em brancas nuvens
dar com os burros n'água	ser a tábua de salvação
deixar o barco correr solto	segurar com unhas e dentes
dizer cobras e lagartos	ter um lugar ao sol
estar em petição de miséria	

b) modismos, invenções, como:

agudizar	a nível de	apoiamento
alavancar	curtir	chocante
exitoso	galera	gratificante
imperdível	magnificar	obstaculizar

Evite chavões para concluir um texto, tais como "diante do exposto", "conforme o mencionado acima", "pelo que foi dito acima", "após as considerações acima". Lute sempre por uma linguagem própria, distante do lugar-comum.

3. A palavra mais simples

Entre duas palavras, escolha a mais simples. Por que dizer *auscultar* em vez de *sondar*? *Obstância* em vez de *empecilho*?

Siga sempre o conselho do grande escritor francês Paul Valéry: "Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta". Evite também duas ou mais palavras quando uma é capaz de substituí-las. Use:

o governador em vez de *o chefe do executivo*
o presidente em vez de *o chefe da nação*
para em vez de *com o objetivo de*
em 1995 em vez de *no ano de 1995*

4. Palavras abstratas

As palavras abstratas podem ser empregadas, na maioria das vezes, no singular, sem nenhum prejuízo para a frase. Antes de usá-las no plural, experimente o singular e veja se o sentido da frase ficou mais preciso:

O projeto do governo tem gerado muita *polêmica*.

*(E não **"muitas polêmicas"**.)*

A pena de morte não vai acabar com o *crime*.

*(E não **"com os crimes"**.)*

Faça o mesmo quando o substantivo abstrato for o segundo elemento de uma locução ligada por "de" e for empregado em sentido genérico.

Os níveis de *emprego* caíram muito nos últimos anos.

Nossa capacidade de *investimento* está esgotada.

5. Repetições desnecessárias

Não repita palavras sem nenhuma razão estilística:

O servidor que ganha um *salário mínimo* pode ficar certo de que vai receber, no final do mês, o *salário mínimo* sem nenhum reajuste.

Melhor dizer:

O servidor que ganha um salário mínimo pode ficar certo de que vai recebê-*lo*, no final do mês, sem nenhum reajuste.

6. Pleonasmos

Alguns pleonasmos passam despercebidos quando escrevemos. Veja os mais comuns e troque-os pela forma exata:

a cada dia que passa = a cada dia
acabamentos finais = acabamentos
continua ainda = continua
elo de ligação = elo
encarar de frente = encarar destemidamente
há doze anos atrás = há doze anos
juntamente com = com
monopólio exclusivo = monopólio

7. Aspas

Não use aspas indiscriminadamente. Elas devem aparecer nos seguintes casos: citações, arcaísmos, neologismos, gírias, estrangeirismos, expressões populares, ou para indicar que determinada palavra está sendo usada com sentido diferente do habitual.

Para esconder os lucros exorbitantes que tinham com os negócios, as corretoras usavam endereços, contas e registros de empresas "laranjas".

Folha de S.Paulo, 12 mar. 1997.

A palavra *laranjas* significa, no caso, "de fachada".
As aspas também servem para indicar ironia:

Os "revolucionários" não dispensam um uísque importado e carros do último tipo.

8. Etc.

Não use **etc.** sem nenhum critério. Trata-se da abreviatura da expressão latina *et cetera,* que significa "e as demais coisas". Só devemos usá-la quando os termos que ela substitui são facilmente recuperáveis.

A notícia foi veiculada pelos principais jornais do país como *O Globo, Jornal do Brasil* etc.

O leitor bem informado sabe que outros jornais ficaram subentendidos, como *Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, A Tarde.*
Eis um caso de emprego de **etc.** que se deve evitar:

Muitas vezes os pais não sabem como falar aos filhos problemas relacionados ao sexo, à morte etc.

Quais seriam os outros problemas? Fica difícil saber.
Ainda duas observações sobre o **etc.**:

- nunca escreva "e etc.", pois a conjunção "e" já faz parte da abreviatura. Seria o mesmo que dizer "e as demais coisas";
- é indiferente o uso da vírgula antes.

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

1. Dentre

Significa "do meio de". Sempre se emprega com verbos como sair, tirar, ressurgir. Nos demais casos use **entre.**

Dentre as moças da sala, ele tirou a mais bela para dançar.
Entre os filmes em cartaz, o melhor é o do Palace.

2. Desde

Nunca escreva "desde de".
Não o vejo desde 1980. (*E não **"desde de 1980"***)

3. Todo

O pronome *todo*, quando acompanhado de artigo, particulariza o objeto; sem o artigo, generaliza-o. Compare estas duas frases:

Todo o livro é perfeito. (significa que o livro a que me refiro é perfeito do princípio ao fim)

Todo livro traz sempre algum benefício ao leitor. (significa "qualquer livro")

Escreva sempre *todos os que* e não *todos que*.

Todos os que fizeram a prova passaram.

4. Junto a

"Junto a" significa "adido a". Leia este exemplo:

Ele é nosso representante junto à FIFA.

Já esta frase não está correta:

Você tem de se explicar junto ao banco.

O certo é abandonar a palavra "junto" e usar a preposição exigida pelo verbo:

Você tem de se explicar ao banco.

5. À medida que/na medida em que

Não confunda "à medida que" com "na medida em que". A primeira locução dá idéia de proporção e a segunda de causa.

Você vai melhorar *à medida que* (à proporção que) for tomando esse remédio.

Vamos seguir o regulamento *na medida em que* (uma vez que) ele foi aprovado.

Observação: Não existe a forma "à medida em que".

6. Possuir/ter

Muito cuidado quando empregar o verbo *possuir*. Embora os dicionários o dêem como sinônimo de *ter*, nem sempre podemos trocar um pelo outro. Use *possuir* quando quiser dizer que alguém *tem a posse de, é proprietário de alguma coisa*:

Ele *possui* uma bela casa de campo.

Não é errado dizer que "ele tem uma bela casa de campo".
Mas há casos em que só o verbo *ter* é aceitável:

A praia *tem* agora quadras de esporte, bares limpos, boa iluminação.

Nós *temos* direitos adquiridos.

Ela *tem* cabelos castanhos e olhos azuis.

7. Senão/se não

- senão — significa "no caso contrário", "de outro modo", "a não ser", "mas sim".

Tome conta de seu cachorro, *senão* (no caso contrário) ele foge.

- se não — significa "quando não" ou "caso não".

Ele foi muito ríspido, *se não* (quando não) mal-educado.

8. Por que/porque

- **por que**

a) nas perguntas.

***Por que* você não veio à festa?**

b) quando se subentende a palavra "motivo":

Ele não me disse *por que* (motivo) faltou à aula.

c) quando puder ser substituído por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".

Não vou lhe dizer as razões *por que* deixei de vir à aula.

d) no final de frase recebe acento circunflexo.

Você não veio à festa *por quê*?

Muitos estavam na passeata sem saber *por quê*.

porque
a) quando equivale a "pois", "uma vez que", "pelo fato".

Não vim à aula *porque* estava doente.

b) com acento quando é substantivo.

Não sei o *porquê* de sua ausência.

9. Sequer/se quer

sequer — significa "pelo menos", "ao menos".

Não disse *sequer* uma palavra para agradecer.

se quer — o "se" é conjunção condicional mais o verbo "querer".

***Se quer* viajar, viaje.**

10. Mau/mal

- **mau** — contrário de "bom".

Ele estava de *mau* humor.

- **mal** — contrário de "bem".

Ele é muito *mal*-humorado.

11. Este, isto/esse, isso/aquele

- **este, isto** — use para fazer referência a alguma coisa que vai ser ou acaba de ser mencionada.

O projeto do governo é *este*: acabar pouco a pouco com o vestibular.

Acabar com a corrupção e criar mais emprego. *Isto* é o que todo candidato diz antes de ser eleito.

esse, isso — refere-se a algo já mencionado.

Como já lhe disse, o projeto do governo era *esse*.

Não use o demonstrativo sem estar seguro da palavra a que ele se refere. Você estará cometendo um erro de coesão se logo na primeira frase escrever algo como: "O governo não está preocupado com esse problema da educação".

"Esse" refere-se a algo já dito: logo, seu emprego está incorreto. Seria melhor escrever: "O governo não está preocupado com a educação".

Nas indicações de tempo, use:

- **este, esta** — para tempo presente em relação à pessoa que fala.

  Tenho pensado muito em você *nestes* últimos dias.

- **esse, essa** — para tempo passado ou futuro não muito distantes de quem fala.

  Você vai ver que *esse* dia há de chegar.

  N*essas* horas ninguém aparece para dar uma ajuda.

- **esse** (e suas variantes) — em referência a uma data recém-enunciada.

  Ele mudou-se para o Rio de Janeiro em 1940. N*esse* ano, iria nascer seu quinto filho.

- **aquele, aquela** — para tempo indefinido, distante, em relação a quem fala.

  N*aquela* época nem se falava em televisão.

12. Ao invés de/em vez de

- **ao invés de** — significa "ao contrário de".

  ***Ao invés de* chorar, ele sorria.**

- **em vez de** — significa "em lugar de".

  ***Em vez de* estudar, preferiu ver televisão.**

"Em vez de" pode ser usado também no primeiro caso: "Em vez de chorar, ele sorria".

"Ao invés de" só é usado quando marca uma oposição. No segundo exemplo seu emprego não estaria correto, pois "estudar" não é o contrário de "ver televisão".

13. Face a/frente a

Nunca use. Substitua por "diante de", "em face de", "ante", "em vista de", "perante", "em frente de".

Inauguraram uma padaria *em frente de* nossa casa.

14. Acerca de/a cerca de/há cerca de

- **acerca de** = sobre

  Não disse nada *acerca do* plano econômico que elaborou.

- **a cerca de** = aproximadamente

  Minha casa fica *a cerca de* cem metros da praia.

- **há cerca de** = faz aproximadamente

  ***Há cerca de* dez anos que eles estudam esse assunto.**

15. Há/a

Não troque "a" por "há" e vice-versa.
Use "a" para exprimir distância ou tempo futuro.

Daqui *a* cinco anos estarei formado.

Minha escola fica *a* duzentos metros de casa.

Use "há" para tempo passado. Para saber se seu emprego está correto, substitua o verbo *haver* por *fazer*:

***Há* (faz) oito anos que não o vejo.**

Veja a diferença entre **a tempo** e **há tempo**.

Chegou *a tempo* de fazer as malas.

Ele está na Austrália *há* (faz) *tempo*.

16. Haja vista

Prefira sempre essa forma.

***Haja vista* os casos de dengue dos últimos meses...**

***Haja vista* o seu súbito interesse pelo caso...**

O LEITOR

Para finalizar: escreva sempre seu texto pensando no leitor a que se destina. A linguagem deve ser adequada ao fim a que você se propõe. Pensar no destinatário é um dos pré-requisitos para se alcançar uma boa comunicação. Uma redação escolar tem como alvo o professor ou a banca examinadora do vestibular, logo deve ser escrita em linguagem culta, sem gírias, sem lugares-comuns, sem coloquialismos, de preferência na 3ª pessoa, ou 1ª do plural. Mas hoje é bastante comum encontrar textos argumentativos na 1ª pessoa do singular. Porém é preciso ter cuidado para não dizer a cada passo "eu acho", "eu penso", "do meu ponto de vista". As intervenções devem ser discretas.

Já um texto escrito para um jornal destinado a jovens pode apresentar uma linguagem mais descontraída. A adaptação do texto ao destinatário é um dos pré-requisitos para se alcançar a boa comunicação. Mãos à obra e... sucesso!

EXERCÍCIOS

1. Complete as frases com uma das palavras entre parênteses:

A ... os países de pior distribuição de renda está o Brasil. (entre/dentre)

B ... o tempo passava, ele ia ficando mais otimista. (à medida que/na medida em que)

C O uso de novas tecnologias em educação ... sempre seus prós e contras. (tem/possui)

D Ele saiu ... horas. (há/a)

E ... tanta denúncia, ele preferiu se calar. (diante de/face a)

F Corra que você chegará ... tempo. (há/a)

G ... de ficar folheando revistas, vá estudar. (em vez de/ao invés de)

H Você não se saiu ... durante o debate. (mal/au)

I É uma pessoa lenta, ... preguiçosa. (senão/se não)

J Fale alto ... ninguém vai ouvir nada. (senão/se não)

2. Empregue **todo** ou **todo o** (e suas variantes):

A ... eleitorado compareceu às urnas.

B ... povo elege seus governantes pensando no futuro.

C ... que estavam no local tiveram de prestar depoimento.

D O pobre homem sai ... dia bem cedo na esperança de conseguir um emprego.

E Não conheço ... Nordeste, apenas Pernambuco e Sergipe.

F O professor ficou satisfeito com ... turma.

G Isto acontece em ... país preocupado com a infância.

H ... vestibular deveria ter redação.

I Ficou ... manhã de ontem esperando o correio.

J Ele empregou ... energia que tinha para conseguir o emprego.

3. Complete com **porque**, **porquê**, **por que** ou **por quê**:

A Não sei ... você tem tanto medo de avião.

B Ele está assim ... o pai viajou.

C Não fez o trabalho ... passou a noite inteira jogando.

D A causa ... lutamos é muito elevada.

E Todo crime tem seu ... .

F Isso dói e não sei ... .

G Eis ... não fui à sua festa.

H Isto acontece ... somos muito acomodados.

I Não me interessa o ... de sua ausência.

J Não vou dizer as razões ... deixamos de viajar com eles.

4. Empregue **acerca de**, **a cerca de** ou **há cerca de**:

A A torcida ficou ... cem metros dos jogadores.

B Quando nos encontramos, nada falamos ... da separação.

C Eles partiram ... meia hora.

D Aquele menino estudou tudo ... dinossauros.

E Falou abertamente sobre sua vida ... duzentas pessoas.

F Você nunca fala ... sua infância.

G Quando o encontrei, estávamos ... duzentos metros da fronteira.

H Os donativos foram distribuídos ... quinhentas pessoas.

I Não se falavam ... de cinco anos.

J Nada foi dito ... de sua inesperada saída.

5. Reescreva as frases abaixo substituindo os lugares-comuns por uma linguagem mais elevada:

A O mal de certos políticos é querer agradar a gregos e troianos.

B O brasileiro aprendeu a viver numa verdadeira corda bamba.

C É muito difícil jogar sob sol tão escaldante.

D Ela achava que aquele emprego seria a tábua de salvação de sua vida.

E Durante o depoimento houve um momento onde o réu deu com os burros n'água.

F A vida do funcionário público está em petição de miséria.

G Temos às vezes a impressão de que estamos numa nau sem rumo.

H O deputado demonstrou todo o seu poder de fogo.

I Durante a reunião o diretor e a professora trocaram farpas o tempo todo.

J Depois de todo o trabalho feito, voltamos à estaca zero.

6. Substitua os termos em negrito por outros mais apropriados à boa linguagem.

A A educação é uma **coisa** com que todo governo devia se preocupar.

B Os projetos para retirar as crianças da rua não passam de **conversa fiada.**

C A Justiça não devia ser tão **frouxa** com quem rouba o dinheiro público.

D Se o governo **não jogar duro** contra o crime organizado, a violência será cada vez maior nas grandes cidades.

E A tecnologia está cada vez mais **agindo** sobre a vida do homem.

F Gasta-se muito com computadores para as escolas, **mas não é por aí** que se vai melhorar a educação.

G Vários serviços que tinham grande importância no passado hoje **entraram em desuso.**

H Por causa dos baixos salários, os professores **estão ficando gradativamente mais escassos.**

I Fica difícil acreditar no futuro de um país **que tem tanto ladrão** ocupando cargos importantes.

J A escola pública **ensaia os primeiros passos** para melhorar sua qualidade.

PRODUZINDO TEXTOS

Chegou o momento de você aplicar tudo o que estudou até agora. Produzir um texto exige, em primeiro lugar, conhecimento do assunto e, em segundo, o domínio de recursos técnicos. Esses recursos, sozinhos, não resolvem o problema da escrita, apenas lhe fornecem o instrumental necessário para uma melhor estruturação das idéias. Ler muito será sempre a melhor solução.

Para pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo dessas nove lições, escolhemos doze temas. Desenvolva-os em cerca de cinco parágrafos. Isto não significa um limite, mas o que consideramos como extensão mínima para se fazer uma boa argumentação.

A cada tema correspondem dois textos da seção **Temas e textos** (início na página 122). Leia-os procurando informações necessárias para sustentar seu ponto de vista. Você poderá utilizar dados neles presentes e mesmo fazer citações que julgue importantes, desde que indique a fonte. Para escrever, necessitamos de informações. Reforçamos assim nossa diretriz: leia tudo o que for possível.

Antes de começar a desenvolver o tema, faça sempre o seguinte:

a) formule um pressuposto e veja se ele permite uma boa argumentação. Faça a pergunta *por quê?* ou *como?*;

b) liste seus argumentos;

c) retire dos textos lidos informações, dados, exemplos, que possam ilustrar seu trabalho.

Quando terminar de escrever o texto, dê-lhe um título. Faça depois uma revisão rigorosa.

No plano das idéias, veja se:

a) logo no primeiro parágrafo ficou claro o que você quis discutir;

b) seus argumentos respondem ao pressuposto inicial;

c) seus argumentos vão numa mesma direção;

d) o último parágrafo tem estreita relação com o primeiro, fechando assim o texto.

No plano da forma, observe se:

a) há coesão entre as frases e entre os parágrafos;

b) as frases estão bem ajustadas do ponto de vista da ênfase e dos paralelismos;

c) as frases têm boa extensão (um ponto a cada duas ou três linhas);

d) não há lugares-comuns, assonâncias, palavras repetidas gratuitamente.

TEMAS PARA REDAÇÃO

Cada tema está relacionado com os textos da seção **Temas e textos**, que começa na página seguinte. Leia-os antes de escrever sua redação.

Tema 1 – Rua e escola: caminhos de vida. (UCSal-BA)

Tema 2 – Um sinal fechado, uma esmola, uma criança explorada. (UFPE)

Tema 3 – Censura rima ou não com os meios de comunicação?

Tema 4 – País sem educação, país à deriva.

Tema 5 – Preservar a cultura é preservar a identidade de um país.

Tema 6 – O Brasil e a globalização: um ganhador ou um perdedor?

Tema 7 – O trabalho do menor no Brasil deve ser tolerado?

Tema 8 – Sociedade violenta, sociedade doente.

Tema 9 – No Brasil, a discriminação não investe contra grupos raciais, mas contra segmentos sociais economicamente fracos.

Tema 10 – Não há sociedade forte sem princípios éticos sólidos.

Tema 11 – Os níveis de violência das grandes cidades brasileiras justificam a instituição da pena de morte?

Tema 12 – Brasileiro: cidadão de terceira classe.

Ao ler cada texto, procure estabelecer:

1. o pressuposto do qual parte o autor;
2. os argumentos que sustentam o texto;
3. a conclusão a que o autor chega.

TEMA 1. O MENOR ABANDONADO

A. A infância escamoteada

B. A construção do futuro

Texto A

A infância escamoteada

A impressão de que alguns problemas, como o dos menores de rua, são crônicos no Brasil tem sido normalmente alimentada pela ineficácia das políticas públicas. Mas certas características da mentalidade popular contribuem para que se fortifique essa impressão de que o problema do menor é renitente.

Motoristas irritados acreditam que, ignorando a criança pedinte, estarão conscientizando-a de que deve trabalhar e ganhar dinheiro. Outros, porém, decidindo-se pela doação, encontram ali uma oportunidade para mitigar as dores de consciência que, em maior ou menor grau, atingem a todos.

Em ambos os casos, a consciência individual pretende dar o assunto por encerrado: no primeiro, o motorista foi didático em sua irredutibilidade e não tem mais nada a fazer; no segundo, o transeunte acredita ter se reconciliado com a miséria humana e contribuído para minorá-la um pouco.

Entre esses dois extremos, o da inflexibilidade de uns, travestida de "lição de vida", e o da suscetibilidade dos mais solidários, o problema da marginalidade infantil requer mais a formação de uma consciência social a respeito de sua magnitude do que o mero aplacamento das consciências individuais.

Folha de S.Paulo, 7 ago. 1995.

Texto B

A construção do futuro

Em um debate, em Brasília, foi perguntado aos líderes de meninos de rua se eles acreditavam que um dia o Brasil não teria mais uma única criança abandonada, e como isto poderia ser conseguido. Na hora, alguém respondeu: "Basta dar emprego a nossos pais".

Uma solução tão simples e perfeita que provocou o silêncio e a pergunta de todos: por que isso não seria feito?

Primeiro, porque a propriedade da terra teria de ser subordinada aos interesses da maioria de trabalhadores rurais, que ficaria no campo, que alimentaria suas famílias, que evitaria abandonar seus filhos nas ruas das cidades. Isso não foi feito. Os proprietários de terra, os governos do país preferiram que a terra servisse para a especulação, para a produção voltada à exportação. Criaram um sistema de incentivos, subsídios, manipulações, mortes, e, ao longo de décadas, expulsaram os milhões de pais das crianças abandonadas nas cidades.

Segundo, porque as opções de investimentos deveriam produzir os bens que atenderiam às necessidades da maioria, subordinando as técnicas e o aumento da produtividade ao emprego dos trabalhadores. Mas os empresários e os governos preferiram outro caminho. Em vez dos produtos de que a maioria necessitava, substituíram as importações por produtos que ricos importavam; substituíram a mão-de-obra por máquinas desenhadas para países com outras características.

Terceiro, porque em vez de investimentos na área social, que abolissem as doenças endêmicas, que educassem todos os habitantes, os governos optaram pela implantação da infra-estrutura econômica, das rodovias que viabilizam a indústria de automóveis, das hidrelétricas que viabilizam indústrias de alumínio.

As crianças não foram abandonadas, o abandono foi construído.

A reversão dessa situação não ocorrerá através de investimentos, mas de uma nova ética, e da redefinição dos propósitos nacionais. Não se trata de investir para que as indústrias que demitiram agora criem emprego. Se na década de 70 o Brasil cresceu e o abandono de crianças aumentou, o fim da tragédia não será a conseqüência direta da economia. Mas de um novo tipo de crescimento, onde a economia seja subordinada a objetivos sociais, entre os quais, o fim da tragédia social, do abandono de crianças, da miséria.

Só a subordinação da economia a uma ética social dará racionalidade à prioridade aos investimentos sociais sobre os industriais, à produção voltada para o consumo das massas nacionais sobre a exportação para mercados internacionais.

O Brasil tem 31 milhões de crianças, destas, apenas três milhões terminarão o curso secundário. É uma forma de abandono disfarçado, mesmo daquelas que não dormem na rua. Um programa educacional para todas estas crianças não se fará pela lógica do crescimento econômico, mas sim usando um crescimento econômico que seja subordinado e compatível com a educação.

Cristovam Buarque, *Humanidades*, n. 1, 1992. pp. 10-12.

TEMA 2. ESMOLA

A. A favor da esmola

B. Contra a esmola

Texto A

A favor da esmola

Nunca consigo deixar de dar esmola. Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa. Em tese, pode ser correta esta idéia de que "dar esmola não é bom nem para quem dá nem para quem **recebe**". Mas, na prática, a realidade é outra. Quem pede esmola está ou deve estar com fome. Vivo esta contradição, e acho que é a mesma que, no fundo, todo mundo vive. O ideal seria um mundo sem esmola, em que todos tivessem emprego, ganhassem seu salário, tivessem a sua dignidade, sua cidadania resguardada. Mas, infelizmente, nós vivemos em um país onde 20% da população vive na indigência.

Com tanta miséria, o que eu vou fazer no momento em que um menino, com fome, descalço, visivelmente fraco, me pede uma esmola? Vou dizer para ele: não, vá trabalhar! Não posso dizer isso. Estas campanhas como "não dê esmolas" só terão validade se antes for criada uma alternativa verdadeira. Se não, tornam-se perversas. Na situação atual, negar uma esmola a um excluído é um ato de insensibilidade. Não é difícil acabar com a miséria no Brasil. Mas não basta apenas o discurso. A comparação entre o que se faz na área social com o que se faz para salvar bancos é válida, porque para algumas coisas no Brasil somos rápidos e eficientes, mas, para outras, somos lentos e ineficientes, como no trato da questão **social**.

A miséria é uma vergonha para todos nós e, às vezes, chegamos a nos sentir cúmplices. Em alguma medida podemos ter responsabilidade, uns muito mais do que a maioria. A esmola não é alienante, a não ser quando é a única ação contra a miséria. Eu não posso, ao ver uma pessoa cair na rua, dizer, comodamente: um médico é que deve atender você. Acho que contemplar ou passar por cima é a pior coisa que uma pessoa pode fazer.

Herbert de Souza, *Istoé*, 19 jun. 1996.

Texto B

Contra a esmola

Esmola é o que se dá por caridade a alguém que necessita. Deve ser evitada e utilizada em último caso, quando todas as outras alternativas falharam. A todo ser humano, qualquer que seja a situação em que esteja vivendo, é preciso garantir dignidade. Desde o direito à privacidade, ao livre arbítrio, à educação, até o direito ao trabalho através do qual se entende que a própria pessoa possa administrar sua vida e obter o que necessita para viver.

Quando uma família se desestrutura, quando enfrenta alguma tragédia, doença prolongada de seu chefe, ou alguma impossibilidade para o trabalho, deve-se entender que esta situação não é definitiva e tem que ser encarada como passageira. Neste momento, quando se recorre à esmola, leva-se junto com ela também a humilhação, o rebaixamento à condição de favor. Ou seja, junto com o ato da caridade está implícito o ato de vontade: dou porque quero, não tenho obrigação. Com a esmola o direito acaba e o necessitado perde a condição de ser humano sujeito de direitos e passa à condição de objeto que vai receber alguma coisa dependendo da vontade de quem dá ou de quem a administra.

Por não se tratar de direitos, a administração da esmola também não tem critérios objetivos, ou seja, dá-se sempre a quem vê, a quem está mais perto e nem sempre a quem mais necessita. Uma sociedade que conta com políticas públicas para crianças, idosos, doentes e desempregados não precisa lançar mão de esmolas. A manutenção de políticas sociais estáveis, além de garantir direitos, tem também de garantir a universalidade do atendimento, ou seja, o serviço ou o benefício tem que atingir a todos que dele necessitam. A esmola só serve para deixar em paz a consciência de quem a dá. Ainda assim, a paz é falsa.

Alda Marco Antônio, *Istoé*, 19 jun. 1996.

TEMA 3. TV, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO

A. A responsabilidade contra o grotesco

B. O avião que caiu centenas de vezes

Texto A

A responsabilidade contra o grotesco

Num país como o Brasil, onde a pobreza faz com que a televisão seja a principal fonte de informação e entretenimento, ela desempenha um papel fundamental na vida de milhões e milhões de pessoas. A televisão não é um espelho neutro, objetivo, do que se passa na sociedade. Ela também contribui para divulgar modelos de comportamento, orientar atitudes e divulgar padrões de moralidade. Novelas, noticiários, filmes, programas humorísticos entram nas casas e seus personagens, conflitos e problemas passam a fazer parte da vida das pessoas. É um poder formidável que, exercido com sabedoria, além de divertir e entreter, serviria para melhorar o país.

O passado já ensinou que a censura não é, nem de longe, a maneira adequada de se ter uma programação melhor. A censura serviu tão-somente para desinformar a população, acobertar crimes e manter no poder políticos que chegaram a ele sem ter sido eleitos. A boa televisão só pode existir com liberdade. No último mês, diversas vozes protestaram contra excessos cometidos pelas emissoras de televisão. Não é preciso ser nenhum extremista puritano para perceber que, muitas vezes, cenas de violência gratuita, de erotismo e grotesca vulgaridade são mostradas em profusão, bem cedo na noite. A alternativa do telespectador pode ser a de mudar de canal, mas quando a concorrência entre as emissoras se acirra, o nível mais baixo costuma se tornar a norma. Se a censura não é o caminho, o que fazer diante da apelação?

O cidadão comum pode protestar junto ao poder público e às emissoras. Pode também desligar a televisão. Mas a responsabilidade de mudar os programas, extirpando os exageros, deve caber somente aos profissionais de televisão, aos diretores das redes e emissoras. Na semana passada, alguns profissionais deram passos no sentido de suprimir os abusos. Espera-se que continuem a caminhar, e sejam acompanhados por todos os seus colegas. A liberdade implica responsabilidade. Não pode existir sem ela. E o país só tem a ganhar com uma televisão livre, na qual seus profissionais se empenham em conquistar o público com talento e inteligência, e não com a exploração irresponsável do baixo nível.

Veja, 10 fev. 1993.

Texto B

O avião que caiu centenas de vezes

No mundo real, de aço, tijolo e gente, o avião da TAM caiu uma vez só. Foi em São Paulo, bem perto do Aeroporto de Congonhas. Mas na televisão, pelas telas do Brasil inteiro, o mesmo avião se destroçou centenas de vezes. Reconstituições animadas, chamas em câmara lenta, tudo se fez para prolongar o horror. Por que é que tem de ser assim?

Existe a resposta cínica: É notícia, um desastre com tais proporções merece todo o destaque nos meios de comunicação. Sem cinismo, a resposta não seria tão fácil. Que é notícia ninguém há de negar. Que os cidadãos devem ser informados sobre cada detalhe, também não se contesta. Mas o festival ininterrupto que perpetua o desastre na televisão não tem nada a ver com informação ou notícia. É show. Soa mórbido, mas é isso mesmo: como o desfile das escolas de samba ou as Olimpíadas, as catástrofes se convertem em show de TV, com a diferença de que o Carnaval e as Olimpíadas são shows um pouco menos apelativos.

A TV tem na informação jornalística um produto secundário. Seu negócio fundamental é o entretenimento. Daí a vocação para o espetáculo, o apelo à emoção. Mesmo os documentários não podem fugir à obrigação de emocionar. É o critério da emoção que faz com que imagens que já não informam nada de novo sejam repetidas sem parar. O gol de placa tem *replays* ao longo da semana. A trombada que matou Ayrton Senna também. O objetivo é fazer durar a emoção. Por isso, na televisão, as tragédias não acontecem simplesmente: elas ficam acontecendo, num gerúndio interminável que não é o tempo dos fatos, mas o tempo das sensações. Diante das chamas, dos corpos no chão, o telespectador se deixa aprisionar, ou melhor, se deixa entreter, atraído por aquilo tudo.

Entrevistada num dos programas sobre o acidente, uma testemunha contou que estava no quarto quando vislumbrou as chamas pela janela. Num impulso repentino, como numa recusa, fechou a janela. Mas, logo em seguida, abriu novamente. Precisava confirmar o que tinha acabado de ver. Olhou e ficou horrorizada. Talvez o telespectador alegue algo parecido: não desprega o olho do vídeo porque precisa ver para crer. Mas a televisão, ao contrário das janelas de verdade, não o aproxima de nada — ela protege de tudo. Quem viu pessoalmente as cenas do desastre se feriu na alma. Muita gente não conseguia dormir depois. Quem vê pela televisão as mesmas imagens se sente imune. Bebe um uísque, relaxa na poltrona. Sente um prazer estranho. Pede bis e é atendido.

Eugênio Bucci, *Veja*, 13 nov. 1996.

TEMA 4. EDUCAÇÃO

A. O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras?

B. Tecnologia, qualidade e educação

Texto A

O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras?

Antes de mais nada é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não-jogadores. Você pode ser um especialista em resolver quebra-cabeças. Isto não o torna mais capacitado na arte de pensar. Tocar piano (como tocar qualquer instrumento) é extremamente complicado. O pianista tem de dominar uma série de técnicas distintas — oitavas, sextas, terças, trinados, legatos, stacattos — e coordená-las, para que a execução ocorra de forma integrada e equilibrada. Imagine um pianista que resolva especializar-se (...) na técnica dos trinados apenas. O que vai acontecer é que ele será capaz de fazer trinados como ninguém — só que ele não será capaz de executar nenhuma música. Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine as várias divisões da ciência — física, química, biologia, psicologia, sociologia — como técnicas especializadas. No início pensava-se que tais especializações produziriam, miraculosamente, uma sinfonia. Isto não ocorreu. O que ocorre, freqüentemente, é que cada músico é surdo para o que os outros estão tocando. Físicos não entendem os sociólogos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia, e assim por diante.

A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. Um animal que só desenvolvesse e especializasse os olhos se tornaria um gênio no mundo das cores e das formas, mas se tornaria incapaz de perceber o mundo dos sons e dos odores. E isto pode ser fatal para a sobrevivência.

O que eu desejo é que você entenda o seguinte: a ciência é uma especialização, um refinamento de potenciais comuns a todos. Quem usa um telescópio ou um microscópio vê coisas que não poderiam ser vistas a olho nu. Mas eles nada mais são que extensões do olho. Não são órgãos novos. São melhoramentos na capacidade de ver, comum a quase todas as pessoas. Um instrumento que fosse a melhoria de um sentido que não temos seria totalmente inútil, da mesma forma como telescópios e microscópios são inúteis para cegos, e pianos e violinos são inúteis para surdos.

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência não é a hipertrofia

de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos.

ALVES, Rubem. Apud CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1995. pp. 188-9.

Texto B

Tecnologia, qualidade e educação

Já não existem dúvidas de que o Brasil terá, neste final de século, de fazer um esforço redobrado se quiser superar o atraso histórico que nos distancia do mundo desenvolvido e parece nos aproximar de uma espécie de Quarto Mundo — a ser integrado pelas nações que não conseguirem resolver suas dificuldades para dar à população um mínimo de condições de sobrevivência. Nesse esforço, os conceitos de "qualidade" e "produtividade" são elementos decisivos. Não podem mais ser encarados como meramente técnicos, pois, permeando todo o desenvolvimento científico e tecnológico, eles se referem, antes de tudo, a um problema cultural e político.

O dilema industrial de até poucos anos atrás, por exemplo, entre optar por tecnologias de alto investimento em capital ou de alto investimento em trabalho já está superado. As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto.

Esta ênfase, por sinal, não existe apenas na produção. Do outro lado da linha, o lado do consumidor — coletivamente caracterizado como "mercado", mas que preferimos identificar como cidadão —, também há um novo tipo de exigência. A produção, cada dia mais sofisticada, exige um indivíduo mais educado, mais preparado para o consumo da inovação, quer do ponto de vista de sua assimilação, quer do ponto de vista econômico. Fecha-se, assim, o círculo, que abriga em seu interior todos esses conceitos de qualidade, produtividade, ciência, tecnologia e modernidade.

O único fio capaz de costurar esse círculo é o da educação. Tanto o operário qualificado para a nova tarefa industrial quanto o especialista de nível superior capaz de inovar e desenvolver tecnologia, quanto o cidadão/consumidor habilitado intelectual e economicamente ao consumo só surgirão no Brasil (ou em qualquer outro país nas mesmas condições) após um longo período de maciços e permanentes investimentos em educação.

Primeiramente, na educação básica, pois só ela será capaz de tornar cidadãos — consumidores, por extensão — a maioria da população analfabeta ou semi-alfabetizada, situação que ainda persiste entre nós. Concomitantemente, é indispensável o aporte de recursos em volume suficiente e de forma regular e contínua para a pesquisa, única forma de desenvolver tecnologia. Como no Brasil tem sido a universidade pública a instituição responsável pelo desenvolvimento da quase totalidade da pesquisa, nada mais natural que esse investimento se dirija para ela, que já dispõe de estrutura razoável para responder a desafios dessa ordem.

Situação que não pode persistir, se queremos realmente atingir a modernidade com "qualidade" e "produtividade", é continuarmos a conviver com sistemas públicos de ensino, nos seus vários níveis, permanentemente em crise, por erros de políticas oficiais. Qualidade depende de ciência e tecnologia, que depende de educação, que por sua vez depende de vontade política. Ou, para ficar com o comentário do especialista em tecnologia e consultor da União dos Cientistas e Engenheiros japoneses Kaoru Ishikawa, "a qualidade começa com a educação e termina com a educação".

Vanessa Guimarães Pinto, *Superinteressante*, dez. 1991. p. 8.

TEMA 5. CULTURA

A. Dia da Cultura

B. Diferenças de cultura

Texto A

Dia da Cultura

No dia 5 de novembro comemoramos o Dia da Cultura. E apesar da data, ainda é muito comum que se faça uma certa confusão acerca do que é cultura. Isso acontece porque nos acostumamos a considerar como cultura o conjunto de costumes e valores de nossa sociedade, e nos esquecemos de que outros povos têm hábitos e crenças diferentes dos nossos.

Certamente você já ouviu a expressão "fulano é muito culto, ele tem muita cultura", para designar uma pessoa bem informada, que lê muitos livros, fala mais de uma língua, conhece teatro, cinema etc. Não que a expressão seja incorreta, mas devemos considerar que ela se refere a elementos da nossa cultura.

Vejamos por exemplo um índio que vive tranqüilamente em sua aldeia. Ele não

fala outra língua, não conhece a nossa literatura, não vai ao teatro ou ao cinema. Mas nem por isso ele tem mais ou menos cultura do que nós, porque os valores e costumes da sua cultura são diferentes.

Coloque-se então no lugar de um índio. Você não acharia estranho o fato de não sabermos usar uma zarabatana, pescar de arpão ou caçar de arco e flecha?

Fazem parte da cultura de um povo a forma como cultiva a terra, seus hábitos alimentares, os tipos de habitações que constrói, as roupas que veste, suas formas de arte — música, dança, teatro, pintura, escultura, literatura etc. —, sua língua, sua religião, suas técnicas, suas regras de convívio social e muitas outras coisas.

Cada povo, de acordo com sua origem, história, localização geográfica, enfim, de acordo com as suas necessidades, desenvolve o seu conjunto de costumes e valores. Portanto, existem várias culturas em todo o mundo, sem que se possa dizer que uma é melhor ou pior que a outra. É certo, por exemplo, que todos os homens precisam comer, dormir e morar. Mas o quê e como comer, onde dormir e como morar, são costumes que variam muito.

Nós nos arrepiamos quando ouvimos falar que os árabes comem olhos de carneiro, que os africanos comem larvas, que os filipinos comem cachorros ou que os chineses comem cérebros de macacos. Mas se oferecermos a um indiano um prato de bife com fritas, ele ficaria horrorizado porque na Índia a vaca é considerada animal sagrado.

Desde cedo aprendemos a cultura de nosso povo, ou seja, pensamos, agimos e sentimos como nosso povo. E isso é sempre tão bem feito que passamos a achar "natural" o que é cultural. Comer com garfo, dormir em cama, morar em casas nos parecem coisas óbvias, mas não são, pois nem todos os povos fazem isso. Os chineses comem com pauzinhos, os índios dormem em redes, os ciganos moram em tendas.

Mas nós só percebemos o quanto a cultura que aprendemos determina o nosso modo de pensar e agir quando conhecemos outras culturas. Por isso o contato entre sociedades diferentes deve ser estimulado, já que a troca de traços culturais enriquece e aproxima os povos, evitando o preconceito. Por outro lado, deve-se ter muito cuidado nesses intercâmbios, para impedir que uma cultura venha a destruir, por imposição, a outra.

Andréa Sampaio, *O Globo*, 27 out. 1991.

Texto B

Diferenças de cultura

Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem a cultura de sua família e de

seu meio social. O desenvolvimento de sua inteligência, de sua personalidade, de sua afetividade, foi construído pela assimilação destas atitudes e destes valores.

Ora, a "cultura" da escola é a cultura do meio ambiente onde vivem as classes privilegiadas. As crianças dessas classes mais favorecidas estão habituadas desde a mais tenra infância à linguagem que a escola exige. Os textos escritos, livros e jornais, fazem parte de seu universo familiar e são percebidos como fonte de prazer e de informação.

Essas crianças sentem-se, assim, naturalmente à vontade na escola: mesma linguagem, mesma presença do livro, mesma cultura. Elas terão menos que outros o sentimento de que a escola é um mundo desligado arbitrariamente da realidade. Por isso, também, suportarão melhor as obrigações escolares, entrarão mais facilmente no jogo da expressão verbal e do raciocínio abstrato.

Ao inverso, as crianças dos meios populares sentem grande estranheza diante da linguagem, normas e valores da escola, que são totalmente diferentes daqueles a que estão habituadas. Elas se sentirão ainda mais inferiorizadas pelo fato de não poderem trazer para a escola sua maneira de falar e sua experiência na família e no bairro menos favorecido. Elas se sentirão perdidas diante da falta de sentido e utilidade imediata dos exercícios escolares, confusas pelo lado artificial das situações vividas na sala de aula.

Este mal-estar experimentado pelas crianças dos meios menos favorecidos pode desembocar numa atitude de recusa da escola, que se traduz em erros constantes, num mutismo dentro da sala de aula, em suma, na instalação progressiva do aluno numa situação de fracasso.

HARPER, Babette et alii. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 75.

TEMA 6. GLOBALIZAÇÃO

A. A nova (des)ordem

B. Por uma globalização mais humana

Texto A

A nova (des)ordem

Em tempos de globalização de mercados, os países desenvolvidos passam por um processo perverso: o crescimento de uma riqueza é acompanhado por uma di-

minuição no nível de emprego. Atribui-se o encolhimento do mercado de trabalho à escalada dos padrões de qualidade e produtividade das empresas.

A revolução tecnológica é um processo sem volta. A cada inovação, levas de trabalhadores vão sendo privadas do relacionamento diário com o relógio de ponto.

Estudo feito por Carlos Alberto dos Santos Vieira e Edgar Luiz Gutierrez Alves, do Ipea, registra algo de que já se suspeitava: a modernização do modelo produtivo, fenômeno recente entre nós, assusta também o trabalhador brasileiro.

A exemplo do que ocorre no chamado Primeiro Mundo, a maior vítima do avanço tecnológico e gerencial é a mão-de-obra menos qualificada. O novo mercado tende a desprezar o funcionário formado à moda antiga, adestrado para executar tarefas específicas.

Na economia emergente são valorizados trabalhadores de formação educacional mais densa, pessoas com maior capacidade de raciocínio. "De maneira crescente é exigido menor grau de habilidades manipulativas e maior grau de abstração no desempenho do trabalho produtivo", diz o estudo do Ipea. "Torna-se importante o desenvolvimento da capacidade de adquirir e processar intelectualmente novas informações, de superar hábitos tradicionais, de gerenciar-se" a si próprio.

No contexto desse novo modelo, o grau de instrução do trabalhador passa a ser sua principal ferramenta. Os números disponíveis no Brasil a esse respeito são desoladores. Conforme pesquisa nacional feita pelo IBGE em 90, cerca de 33 milhões de trabalhadores brasileiros (53% do mercado de trabalho) tinham no máximo cinco anos de estudo.

A experiência mundial, ainda de acordo com o trabalho do Ipea, indica que são necessários pelo menos oito anos de estudos para que uma pessoa esteja em condições de receber treinamentos específicos.

O maior desafio do Brasil de hoje é, portanto, educar sua gente. Destruído como está, o conserto do modelo educacional do país é tarefa para duas décadas. Até lá, a horda de marginalizados vai inchar.

Josias de Souza, *Folha de S.Paulo*, 20 out. 1995.

Texto B

Por uma globalização mais humana

A globalização é o estágio supremo da internacionalização. O processo de intercâmbio entre países, que marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período

mercantil dos séculos XVII e XVIII, expande-se com a industrialização, ganha novas bases com a grande indústria, nos fins do século XIX e, agora, adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições. O mundo inteiro torna-se envolvido em todo tipo de trocas: técnicas, comerciais, financeiras, culturais.

Vivemos um novo período na história. A base dessa revolução é o progresso técnico, conseguido em razão do desenvolvimento científico e baseado na importância obtida pela tecnologia, a chamada ciência da produção.

Todo o planeta é praticamente coberto por um único sistema técnico, tornado indispensável à produção e ao intercâmbio, e fundamento do consumo, em suas novas formas.

Graças às novas técnicas, a informação pode se difundir instantaneamente em todo o planeta, e o conhecimento do que se passa em um lugar é possível em todos os pontos da Terra.

A produção e a informação globalizadas permitem a emergência de um lucro à escala mundial, buscado pelas firmas globais, constituindo o motor da atividade econômica.

Tudo isso é movido por uma concorrência superlativa entre os principais agentes econômicos — a competitividade.

Num mundo assim transformado, todos os lugares tendem a tornar-se globais e o que acontece em qualquer ponto do ecúmeno (parte habitada da Terra) tem relação com o que acontece em todos os demais.

Daí a ilusão de vivermos num mundo sem fronteiras, uma aldeia global. Na realidade, as relações chamadas globais são reservadas a um pequeno número de agentes, os grandes bancos e empresas transnacionais, alguns Estados, as grandes organizações internacionais.

Infelizmente, o estágio atual da globalização produz ainda mais desigualdades. E, ao contrário do que se esperava, crescem o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, num mundo fragmentado e onde se ampliam as fraturas sociais. (...)

O mundo parece girar sem destino. É a globalização perversa. Ela está sendo mais perversa porque as enormes possibilidades oferecidas pelas conquistas científicas e técnicas não estão sendo adequadamente usadas.

Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos obtidos neste fim de século XX, se usados de uma outra maneira, bastam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade.

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo que, todos os dias, reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização.

Milton Santos, *Folha de S.Paulo*, 5 abr. 1996.

TEMA 7. O TRABALHO INFANTIL

A. Miséria infantil

B. A fabricação do menor no trabalho

Texto A

Miséria infantil

No relatório apresentado em março de 95 na Cúpula sobre Desenvolvimento Social, em Copenhague, o governo já reconhecera que 16% das crianças brasileiras entre 5 e 14 anos de idade trabalham. A novidade do estudo da Organização Internacional do Trabalho divulgado esta semana é que, com esse espantoso índice — uma em cada seis crianças trabalha —, o Brasil só não está em pior situação do que cinco outros países.

Os casos mais graves, ignominiosos, são os de trabalho insalubre — crianças em longas jornadas em olarias, como no Piauí, ou em produções de gesso e carvão no Nordeste, intoxicando-se com tais materiais.

A atividade precoce na lavoura, ainda que nos casos de agricultura familiar pareça menos atroz, não deixa de ser uma grave chaga social. Essa situação explica em grande medida o analfabetismo e o baixo grau de instrução dessas populações. São crianças que não freqüentam normalmente a escola e que, dependendo da idade e do tipo de esforço a que estão submetidas, podem ver prejudicado também seu desenvolvimento físico.

Apesar do inegável mérito de alguns projetos específicos, está claro que somente medidas gerais e de grande fôlego, como os programas de renda mínima, são capazes de reduzir essa exploração infantil.

Afinal, enquanto persistir uma realidade econômica impelindo as famílias pobres a submeter suas crianças ao trabalho, dificilmente o poder público eliminará tais práticas só com a repressão. A renda mínima vinculada à assiduidade escolar é um projeto extremamente promissor, pois força a escolarização e ajuda a combater a miséria. Em Brasília, o programa praticamente eliminou o abandono escolar, que caiu a 0,2% (contra índices da ordem de 6% até 94).

O combate ao trabalho infantil pode ser feito. Trata-se de conferir-lhe a devida prioridade.

Folha de S.Paulo, 17 nov. 1996.

Texto B

A fabricação do menor no trabalho

As famílias pobres e exploradas buscam sobreviver, na desigualdade, através do trabalho. O trabalho da criança e dos adolescentes constitui um dos recursos que as famílias pobres utilizam para aumentar sua renda, e como mecanismo social para enfrentar emergências e situações de agravamento da subsistência. Isto acontece, por exemplo, em casos de invalidez, acidente, separação, desemprego e doença. Estas situações devem ser entendidas não como resultantes de dramas ou histórias isoladas e individuais das famílias pobres, mas como parte da história social da exploração.

Nas regiões predominantemente rurais o trabalho de menores é um fator de expansão da produção. No caso de fronteiras agrícolas há condições do menor prover, quando adulto, a própria subsistência pela ocupação de novas terras.

A modernização da agricultura, pela introdução de novas tecnologias e do assalariamento no campo, vem expulsando grandes contingentes de trabalhadores para as cidades, mudando a situação econômica, política e social da forma de inserção da família no sistema de produção.

Na zona urbana há uma determinação de condições de produção próprias ao desenvolvimento urbano-industrial e a uma economia direcionada para bens de consumo duráveis, que recruta um número relativamente reduzido de trabalhadores pela alta tecnologia utilizada, combinada à expansão de serviços e de pequenas oficinas que sobrevivem na periferia das grandes empresas.

Esta situação faz com que a família pobre se desarticule, levando, muitas vezes, o pai a ser uma espécie de pioneiro na busca de trabalho, obrigando-o a longos períodos de separação do resto da família. Por determinações do trabalho ocorre também um grande número de separações na família proletária, levando a mulher a ser chefe de família. As mulheres ocupam 35,6% da população em atividade econômica. (...)

Verifica-se, pois, que a desagregação da família proletária é provocada por condições de vida, de trabalho e de renda, bem como pela migração rural.

Nessas condições não basta à sobrevivência da família proletária o trabalho dos pais, o que obriga os filhos a ingressarem muito cedo no mercado de trabalho.

Vicente Ferreira, *Humanidades*, n. 12, fev./abr. 1987. pp. 7-8.

TEMA 8. VIOLÊNCIA

A. Vice-campeão dos campeões

B. O inimigo na sociedade

Texto A

Vice-campeão dos campeões

O relatório do Banco Mundial (Bird) que coloca a América Latina como a campeã de violência do planeta e o Brasil como vice-campeão da América Latina é preocupante. Mais violenta que o Brasil é apenas a Colômbia, país que foi literalmente assaltado pelos traficantes de drogas.

O que mais inquieta é a constatação, feita pelos especialistas durante encontro em Bogotá, de que o fenômeno da violência é como que uma epidemia que se instala na sociedade rompendo os laços de solidariedade e criando uma cultura que incentiva e procura tirar proveito da barbárie.

Embora seja causa importante, a pobreza não determina a violência. Países bem mais miseráveis da África e da Ásia apresentam taxas de homicídio por cem mil habitantes inferiores às verificadas em alguns países latino-americanos.

Os especialistas acrescentam à pobreza o crime organizado, o desemprego, a falta de educação e a impunidade como fatores causadores da epidemia da violência.

E, no quesito impunidade, o Brasil vem dando bons exemplos de como ela é arraigada. Do massacre de Carajás à explosão do *shopping* de Osasco passando por

tantos outros crimes, chacinas, casos da mais completa negligência, uma lista completa seria quase infactível.

E o despreparo — consentido ou involuntário — da polícia é um dos elementos que mais contribuem para a perpetuação da impunidade.

O açodamento policial no caso PC Farias e a trapalhada da PF na prisão dos assassinos de Chico Mendes são apenas os casos mais recentes e eloqüentes que evidenciam o despreparo de agentes da lei.

Se, com o Plano Real, o Brasil deu um passo no combate à pobreza, ainda resta muito a fazer na questão do desemprego, da educação e principalmente da impunidade. E é bom fazer rápido para não ter de conviver por mais tempo com esse triste título de vice-campeão dos campeões.

Folha de S.Paulo, 3 jul. 1996.

TEXTO B

O inimigo na sociedade

Mais do que qualquer outro fenômeno social, a banalização da violência, principalmente nas grandes cidades, enraizou-se em parte da sociedade brasileira. O maior perigo desse processo é a população deixar de indignar-se com atitudes bárbaras que ameaçam obter um lugar cativo no seu cotidiano.

Uma rápida e despropositada discussão de trânsito na zona sul da capital paulista foi o estopim para o linchamento do contador Washington Luís Poplade, 37, na noite do último sábado. Um desenhista, um músico e um comerciante confessaram o crime, afirmando terem agido em "legítima defesa", como se, para impedir qualquer suposta ação de um homem desarmado, outros três tivessem de espancá-lo até a morte.

Poplade não foi assassinado por um ladrão que tentava lhe tirar dinheiro. Tampouco foi vítima de um grupo armado de assaltantes ou traficantes de drogas. O contador foi morto pela intolerância que se instalou em parte das relações sociais, pela irritação, às vezes, transformada em violência bárbara, que muitos cidadãos demonstram em relação a outros.

Os três acusados não tinham passagem anterior pela polícia, mas atacaram a socos e pontapés um homem desarmado, acompanhado de sua mulher. Não se importaram com as testemunhas que presenciavam a cena, nem tentaram evitar que fossem reconhecidos. Voltaram às suas casas para serem presos horas depois, como se estivessem convictos de que agiram de forma adequada.

Casos como esse mostram que a violência está latente no coração da sociedade, manifestando-se em situações comuns. Contra ela, é preciso um trabalho de conscientização da própria população, cujos valores têm se mostrado impotentes para conter a agressividade humana.

O grito contra a violência que São Paulo lançou dois meses atrás não deve ser dirigido apenas contra o crime tido como "profissional". Qualquer campanha deve também questionar as relações dentro da sociedade que transformam, muitas vezes, o vizinho, o colega de trabalho ou o cidadão que ocupa o mesmo espaço no trânsito em um inimigo mortal.

Folha de S.Paulo, 15 out. 1996.

TEMA 9. A QUESTÃO RACIAL

A. Brasil: discriminação social ou racial?

B. Uma cultura mestiça?

Texto A

Brasil: discriminação social ou racial?

Na mesma semana em que morreu Ayrton Senna, morreu atropelada no Rio, mais precisamente na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, uma empregada doméstica chamada Rosilene. Durante uma hora os carros passaram por cima de seu corpo, a ponto de só ser reconhecida através das impressões digitais que restaram. O Brasil inteiro chorou a morte de Senna, mas poucos souberam do fim trágico de Rosilene.

Este é bem o retrato do país que habitamos. Somos cada dia mais dois Brasis. Um, dos ricos e famosos, que faz uma nação inteira chorar ou pelo menos se interessar pelo caso. Outro, o dos miseráveis, cujas vidas não interessam a ninguém.

Dividido socialmente em dois, o país também tem suas emoções divididas. Dificilmente alguém se comove com as muitas tragédias diárias que acontecem com os pobres. São apenas mais um número nas estatísticas de mortos e feridos na guerra social que o próprio Brasil deflagrou através de seus vários governos irresponsáveis.

O "apartheid" social é uma verdade de que não podemos fugir. É muito mais ostensivo que a discriminação racial. Desde que o indivíduo tenha alcançado uma posição social e fama, pouco nos importa a raça. Nele a nação se reconhece, enquanto o outro, o que ficou à margem, sempre é tido como um estorvo de que temos de escapar.

O ponto a que chegamos mostra que o país não pode mais continuar convivendo com essa cisão. Vivemos um momento em que o Brasil dos ricos sente-se ameaçado pelo dos pobres, e o pior, sem nenhuma solução à vista. Movimentos da sociedade civil já esboçam alguma reação. Mas sem a contrapartida de políticas governamentais voltadas verdadeiramente para o social, nada de concreto acontecerá. Salvo a propagação do clima de guerra que já se instaurou nas grandes cidades como Rio e São Paulo.

Antonio Carlos Viana

Texto B

Uma cultura mestiça?

"Todo brasileiro é mestiço. Se não no sangue, nas idéias." A observação é de Sílvio Romero, e foi feita há cerca de um século.

De fato, o material de que se alimenta a vida espiritual de todos os brasileiros provém de fontes étnicas muito diversas e muito misturadas. Tradições culturais européias se cruzam com raízes africanas e matrizes indígenas, antes de receberem influências asiáticas, sobretudo através da imigração japonesa.

A riqueza (a universalidade) de uma cultura nacional depende de muitos fatores. E depende, decisivamente, de sua capacidade de saber assimilar a diversidade das experiências humanas que lhe chegam, através dos mais distintos caminhos.

A vida cultural dos brasileiros, então, dispõe de possibilidades privilegiadas. O cidadão que se assume como espiritualmente mestiço pode incorporar elementos de origens diferentes à sua compreensão da realidade; nele, as qualidades da sensibilidade, da intuição, da percepção, do talento improvisador e da criatividade podem ser complementares às qualidades de racionalização, disciplina intelectual, rigor científico e competência organizativa (sem se excluírem mutuamente umas às outras). Na nossa História, contudo, essa incorporação da diversidade ficou muito prejudicada. A política cultural imposta pelos "de cima" acarretou uma verdadeira devastação nas expressões culturais dos "de baixo". O colonizador massacrou o colonizado. As razões dos brancos foram levadas aos índios e aos negros menos através da persuasão do que por meio do dinheiro e das armas de fogo.

A extraordinária riqueza das culturas indígenas, que vinham se sedimentando e amadurecendo ao longo de muitos séculos, foi dizimada. De quatro ou cinco milhões que eram, os indígenas ficaram reduzidos, hoje, a menos de 200 mil. Só nas primeiras seis décadas do nosso século se extinguiram mais de 80 povos. Segundo cálculos de alguns pesquisadores, é possível que 90% das línguas e dialetos falados pelos indígenas tenham desaparecido sem deixar traço. Levando em conta quantas experiências humanas acumuladas são necessárias para forjar um idioma, podemos ter idéia de como foi grave a perda para o nosso esforço no sentido de nos conhecermos melhor.

Na política cultural adotada em relação aos escravos trazidos da África, a repressão não foi menos violenta. Os negros só conseguiram sobreviver pagando um preço elevadíssimo em sofrimento e resistências multiformes. Houve escravos que se suicidavam, mulheres que preferiram abortar a pôr no mundo filhos cativos. Houve sabotagem no trabalho e houve revolta. De qualquer maneira, entretanto, era extremamente difícil aos representantes das numerosas nações sudanesas e bantos preservarem e transmitirem suas respectivas culturas.

A intolerância etnocêntrica dos brancos, detentores do poder e da riqueza, mutilou e empurrou para a clandestinidade as sabedorias densas e diferentes dos iorubás, dos geges, dos hauçás, dos angolas e dos cabindas. Cada uma dessas culturas tinha revelações importantes a nos fazer, mas suas vozes foram abafadas; as identidades daqueles que as encarnavam foram negadas.

Hoje, estimulados pelos avanços da antropologia, os sobreviventes das culturas oprimidas e sufocadas estão lutando pelo resgate dos valores espezinhados; estão empenhados em criar condições democráticas para que fontes proibidas voltem a jorrar com toda a força que originalmente tiveram.

Nessa hora, a velha tese de Sílvio Romero precisa ser reexaminada: a mestiçagem anímica do brasileiro, de fato, não se realizou num nível suficientemente profundo, porque os parceiros da sua realização estavam postos em condições históricas muito desiguais.

Para que o mestiçamento não seja uma máscara usada em nome de uma unidade cultural imposta, é preciso que todas as diferenças sejam legitimadas, que todas as identidades possam ser efetivamente assumidas e que todas as experiências culturais particulares sejam concretamente respeitadas.

Quando isso acontecer, então, sim, poderemos começar a aprender a ser, orgulhosamente, mestiços em nossas almas.

Leandro Konder, *O Globo*, 11 out. 1992.

TEMA 10. ÉTICA E MORAL

A. O relativismo moral

B. Os constituintes do campo ético

Texto A

O relativismo moral

A função da moral é garantir o funcionamento, a estabilidade da vida em sociedade e a possibilidade de melhorá-la. Ora, como as necessidades sociais variam no tempo e no espaço, as normas morais também sofrem mudanças. Os antigos gregos, por exemplo, sacrificavam as crianças deficientes. Para eles, tal procedimento não era imoral, uma vez que os deficientes não correspondiam ao ideal de homem grego.

As normas morais variam também entre sociedades de uma mesma época e até de um mesmo país. É o caso de alguns estados norte-americanos onde, ao contrário de outros, se admite a pena de morte.

Explica-se o relativismo das normas morais em função das diferentes e específicas situações em que são praticadas. Em outras palavras, a moral se encarna no contexto histórico-social de cada povo, tomando uma forma específica.

O relativismo moral pode acarretar um descrédito da própria moral. Exemplifiquemos com a justiça. Como as normas de justiça variam de um lugar para outro, alguns concluem que não existe justiça. Na realidade, o que varia são as formas de aplicação da justiça. A justiça em si, como um valor moral, é uma constante entre todos os povos. Além da justiça, outros valores morais são universalmente aceitos e praticados: a solidariedade, a fidelidade, a honestidade.

Portanto, a moral constitui uma característica essencial do homem em sociedade, um valor imprescindível que perpassa toda a história da humanidade.

BÓRIO, Elizabeth. In: CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar.* São Paulo, Scipione, 1995. p. 48.

Texto B

Os constituintes do campo ético

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também reconhece-se como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais, sendo por isso responsável por suas ações e seus sentimentos e pelas conseqüências do que faz e sente. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as conseqüências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto).

A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser livre, isto é, não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas, ao contrário, deve ter poder sobre eles e elas.

O campo ético é, assim, constituído pelos valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Estas são realizadas pelo sujeito moral, principal constituinte da existência ética.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia.* São Paulo, Ática, 1994. p. 337.

TEMA 11. PENA DE MORTE

A. Pena de morte

B. Pão e circo

TEXTO A

Pena de morte

Cada aplicação da pena capital nos EUA ressalta o paradoxo entre uma sociedade tida como das mais democráticas do planeta e a preservação de um instituto marcadamente brutal e incivilizado. Com a morte de um prisioneiro anteontem na Califórnia, subiu para 167 o número de execuções nos EUA desde 1976, data da reimplantação da pena de morte.

Mais importante do que sublinhar a crueldade do método utilizado — a câmara de gás — é repisar os argumentos contrários a esse tipo de sanção. E eles são vários. Ao aplicar a pena de morte, o Estado desce à mesma condição aviltante do delinqüente responsável por um ato hediondo. Pior, correndo o sério risco de cometer uma injustiça, fruto de falhas processuais, as quais ficam sem possibilidade de reparação.

Nem sequer como medida exemplar o dispositivo pode ser justificado. São inúmeros os estudos a mostrar que a aplicação da pena de morte não diminui a criminalidade. Na medida em que toda sanção tem como um de seus objetivos coibir a reprodução de comportamentos anti-sociais, só esta constatação bastaria para desautorizar o uso de método tão bárbaro e sinistro.

O direito moderno dispõe de meios de dissuasão muito mais eficazes e contundentes para combater a delinqüência, sem precisar recorrer a procedimentos que atentem contra a inviolabilidade da vida humana. Por tudo isso, é extremamente lamentável que num país como os EUA os emocionalismos prevaleçam sobre os argumentos da razão.

Folha de S.Paulo, 21 ago. 1995.

Texto B

Pão e circo

Em tempos como este, em que crises abalam todos os setores do país, é comum buscar soluções imediatistas para problemas complexos, ou mesmo transferir as responsabilidades para um grupo ou classe. A pena de morte como solução da criminalidade no país é um desses casos.

Proclamam os seus defensores que a pena de morte aplicada a um criminoso serviria de exemplo para que outros não cometessem o mesmo erro. Todavia, já ficou provada a ineficiência da pena, quando se visa a esse fim, na experiência de alguns Estados norte-americanos, no início do século. A adoção da pena coincidiu com um aumento das agressões a policiais e não houve a desejada diminuição da criminalidade.

Existe, ainda, uma incoerência fundamental nesse raciocínio. Pretende-se combater o crime com a morte do criminoso, estabelecendo-se um círculo vicioso de violência, além de significar a institucionalização do assassinato pelo Estado, que passa a ter o supremo poder de decisão sobre a vida ou morte do réu.

Outra justificativa absurda é a de que a eliminação do criminoso pouparia os gastos que o governo teria para sustentá-los. Ora, não se pode deixar de considerar que o criminoso é o resultado de uma situação de miséria anterior a ele. Deve, então, a sociedade expurgar todos os membros que considerar um peso ou ameaça — como na Alemanha nazista — em vez de assumir sua total incompetência para reintegrar os frutos de suas injustiças?

Num país em que o Judiciário não é eficiente o bastante para fazer cumprir a lei como convém, em que o sistema penitenciário não cumpre com sua função de reformar os indivíduos considerados perigosos e inaptos para a convivência social e em que a corrupção e a incompetência permeiam quase todos os serviços públicos, seria difícil encontrar pessoas isentas para condenar um réu à morte. Resta a dúvida: quem seriam os "carrascos" indicados para tal função? Quem aceitaria sem hesitação a incumbência?

A pena de morte não é solução para a criminalidade. Ela atua como um mecanismo de vingança da população contra os criminosos, como um paliativo para a sensação de insatisfação, impotência e insegurança. Ao mesmo tempo, ressuscita a bem-sucedida — em sua época — política romana do pão e do circo. Não há pão para todos, mas haveria circo.

Não se pode permitir que a sociedade retroceda à brutalidade da lei de Talião apenas por mostrar-se incapaz de resolver a crise geral em que se encontra. Numa era de tantas conquistas no campo dos Direitos Humanos, é inconcebível que se cogite legalizar a irracionalidade e a violência, deixando recair sobre alguns o ônus social que é de todos.

Paula Pereira, *A Imprensa*, Faculdade Cásper Líbero, jun./jul. 1991.

TEMA 12. SER BRASILEIRO E CIDADANIA

A. Ser ou não ser brasileiro

B. A conquista da cidadania

Texto A

Ser ou não ser brasileiro

Do ponto de vista psicológico, a formação da identidade nacional de uma pessoa segue as mesmas regras de formação de qualquer outra de suas possíveis identi-

dades. Em poucas palavras, identidade é a imagem que cada um tem de si. Essa imagem é construída na relação com os outros, por meio do aprendizado e da interiorização de como se pode ou se deve desejar, sentir, pensar, falar ou agir em tais ou quais circunstâncias. Nossa identidade de adulto, por exemplo, exige que nos comportemos de maneira x em tais situações; nossa identidade profissional, de maneira y; nossa identidade religiosa, de maneira z e assim por diante.

O aprendizado dessas regras é longo e se baseia em dois requisitos. O primeiro é a existência de uma tradição que transmita, de modo estável, os modelos de identidade que caracterizam dada cultura. Esta tradição diz quais são os padrões ideais de conduta que devemos desejar e aos quais devemos obedecer. Ou seja, a tradição é o patrimônio de valores que mostra como as coisas devem ser, premiando as condutas que se aproximam dos ideais e punindo aquelas que deles se afastam. O segundo requisito é a coerência do mundo de valores que forma a tradição.

Uma cultura, para sobreviver, não pode propor ideais de comportamento contraditórios entre si, nem ideais incompatíveis com a vida real das pessoas. Não pode, por exemplo, dizer a um adulto que ser bom pai é ao mesmo tempo amar e odiar os filhos, nem tampouco impor um modelo de realização da função paterna, inconciliável com as condições reais de exercício da paternidade. Nesta hipótese, desorientado psicologicamente, o indivíduo não mais saberia o que é ser bom pai ou não mais poderia ser bom pai, mesmo conhecendo regras da paternidade ideal. Ou porque qualquer conduta poderia se enquadrar no modelo (primeiro caso), ou porque nenhuma conduta seria adequada (segundo caso). Na atual crise brasileira de valores e perspectivas, ocorre algo semelhante à desorientação mencionada no exemplo acima, no que diz respeito à identidade nacional.

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e onde o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema sócio-econômico injusto, onde a lei só existe para os pobres e para os inimigos e onde os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando

nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da auto-estima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinqüência, tornando-se delinqüente.

Nos dois casos, obviamente, perde-se a confiança na idéia de justiça, legalidade e interesse comum. É o primeiro passo para o império do banditismo — o modo de convívio social em que a lei se confunde com o interesse de um indivíduo ou de um grupo e a força substitui o diálogo. No banditismo, as leis dão lugar ao mercado da violência, que tende à expansão ilimitada. Numa sociedade regida pela moral da delinqüência, a cada dia se inventam novas formas de transgressão e de desmoralização das leis e novas formas de submissão dos mais fracos aos mais fortes.

Em suma, enquanto o regime da justiça e da legalidade tem como ideal a distribuição eqüitativa do poder, dos direitos e deveres, o regime da delinqüência busca simplesmente subjugar os indivíduos aos donos do poder. Foi assim nas experiências políticas ditatoriais que conhecemos; vem sendo assim na experiência de governos pusilânimes e na prática irresponsável das elites brasileiras, que entregaram o poder, em nossa sociedade, às gangues de colarinho branco ou de pés descalços. Reagir de modo conseqüente a esse estado de coisas significa portanto começar por reconhecer que somos aquilo que nos ensinam a ser ou aquilo que acreditamos e desejamos ser, quando agimos socialmente.

A imagem que temos de nossa identidade nacional é uma espécie de profecia que se auto-realiza. Quanto mais desmoralizamos nossa identidade, mais nos convencemos de que somos cidadãos inviáveis e mais contribuímos para convencer os outros de que nada podemos fazer para mudar o *status quo*. É isso que o banditismo deseja. No momento, talvez pareça mais fácil descrer e desistir do que lutar por nossos direitos. No entanto, se refletirmos um pouco melhor, veremos que o impossível é apenas o inimaginável. A médio ou curto prazo, quem sabe, com um pouco mais de esforço e tenacidade, poderemos respirar aliviados e dizer: "Barbárie, nunca mais". Afinal, como disse a pensadora alemã Hanna Arendt, "os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar".

Jurandir Freire Costa, *Superinteressante*, nov. 1991. p. 35.

Texto B

A conquista da cidadania

Em estudo recente, o historiador José Murilo Carvalho trata do maior paradoxo da cidadania brasileira: apesar da plenitude dos direitos políticos, a permanência da incerteza e da insegurança quanto ao nosso futuro de nação democrática. Há no Brasil eleições regulares e razoavelmente honestas, o sufrágio nunca foi tão amplo, incluindo até analfabetos e maiores de dezesseis anos, os partidos políticos podem ser organizados livremente, a liberdade de imprensa é completa.

Contudo, persiste o sentimento de que as instituições, como o Congresso, os partidos, a Presidência, os sindicatos, ainda não funcionam de maneira satisfatória. Há uma difusa sensação de que a democracia continua sendo um sonho irrealizado entre nós e que os problemas básicos da população permanecem irresolvidos. Segundo José Murilo Carvalho, tal frustração tem a ver com o maior desenvolvimento dos direitos políticos em relação aos direitos civis na sociedade brasileira.

Os direitos políticos arrolados pela Constituição — o direito de votar e ser votado, de organizar partidos e fazer reivindicações políticas — estão sendo atendidos. Mas, os direitos civis, também listados na Carta — a igualdade perante a lei, o direito de propriedade, a liberdade de pensamento, associação e religião, a preservação da honra e da privacidade, a inviolabilidade do lar e o direito de não ser privado de liberdade sem devido processo legal —, são violados sistematicamente no Brasil.

José Murilo evoca o clássico estudo de T. H. Marshall sobre a evolução histórica dos direitos que compõem a cidadania — os civis, os políticos e os sociais. Segundo ele, nos países onde se consolidou a democracia moderna, esses direitos surgiram seqüencialmente: primeiro os civis, depois os políticos, finalmente os sociais — a regulamentação do trabalho, a proteção à saúde do trabalhador, a pensão, as férias, a aposentadoria etc.

Tal encadeamento seqüencial explicaria a solidez da sedimentação do sentimento democrático nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Neles, a cidadania foi uma construção lenta, transformando-se gradativamente num arraigado valor coletivo pelo qual os cidadãos consideram que vale a pena viver e morrer.

No Brasil, o caso é outro. A pressão popular pelo direito de voto foi praticamente inexistente em nossa história, havendo mesmo retrocessos em relação às garantias formais da Constituição imperial de 1824, como a retirada do voto do analfabeto, num país em que eles constituíam 80% da população. Pode-se dizer que o único movimento reivindicando participação eleitoral em 170 anos de vida independente do país foi a campanha das diretas em 1984.

Lembremos que a Constituição de 1824 já garantia os direitos civis que figuravam na Constituição francesa de 1792. Mas se eles ainda hoje são ignorados, o que dizer da situação na sociedade escravista do século XIX? O uso sistemático da violência contra os trabalhadores e a soldadesca marcou todo esse período — é sintomático que a revolta da chibata, liderada pelo marinheiro João Cândido, tenha abolido a prática dos maus-tratos apenas em 1911.

Direitos políticos sem direitos civis e desprovidos da convicção cívica da liberdade individual e dos limites do poder do Estado redundam numa cidadania incompleta. Daí o trágico descompasso entre o formalismo eleitoral e as velhas mazelas anacrônicas, como o clientelismo, a irresponsabilidade da coisa pública, o paternalismo, o empreguismo e a impunidade. Tudo isto estaria na base do desencanto com as instituições democráticas, com os partidos políticos, com o Congresso e com os representantes do povo.

Os direitos sociais, por sua vez, desenvolveram-se no Brasil antes dos direitos políticos. A legislação social foi outorgada pelo paternalismo do Estado Novo, conformando a classe trabalhadora com o corporativismo e se enraizando na prática sindical de patrões e operários. Vantagens que foram concedidas como benesses, não conquistadas como direitos.

Acrescentemos a esta receita de incivilidade o imediatismo e a falta de visão de nossas elites, seu total desprezo pelos investimentos sociais. Não dá para tapar o sol com peneira: nossos dirigentes cuidam mal do povo brasileiro. Até há pouco tempo, as massas entravam nas negociações internacionais como "mão-de-obra barata", uma vantagem sustentada pela perpetuação da miséria e do analfabetismo.

Só que este processo cruel deixou de ser funcional. Uma das tendências mais evidentes no mundo de hoje é a menor utilização da força de trabalho na produção. Em indústrias eletrônicas sofisticadas, por exemplo, a força de trabalho representa somente 2% a 3% dos custos de produção.

Desapareceu, portanto, a vantagem competitiva do emprego de mão-de-obra desqualificada. O grande trunfo, hoje, é o nível de instrução, a qualificação técnica, a criatividade tecnológica. O futuro pertence aos países onde o setor público está ajudando as empresas privadas a atuar num ambiente altamente competitivo.

Uma consulta ao Relatório sobre o desenvolvimento humano (1992) das Nações Unidas sugere que o Brasil não está no páreo desses novos tempos. O Brasil exibe simplesmente a pior distribuição de renda do mundo. Estamos no capítulo

mais triste do *Guinness Book* de recordes: com um PIB de US$ 319,2 bilhões, o Brasil exibe uma distribuição de renda inferior à de Botswana, cujo PIB são modestíssimos US$ 2,5 bilhões. Como esperar que nossa população desenvolva uma noção ativa de cidadania?

O Brasil precisa refletir sobre esses graves temas: a importância dos investimentos em saúde e educação e o senso de liberdade cívica. O povo brasileiro não precisa ser substituído, mas apenas alimentado, educado e instruído. A liberdade cívica exige como contrapartida o senso de liberdade do outro. A prioridade é a construção de um espaço público onde a essência do governo democrático é o local onde se conciliam os interesses divergentes. A ausência de cultura cívica compromete o exercício dos direitos políticos. E o cidadão político só é eficaz se ele se apóia nos ombros do cidadão civil.

Jornal do Brasil, 20 set. 1992.

Bibliografia

ADLER, Mortimer J. & VAN DOREN, Charles. *Como ler um livro*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever*. 2. ed. Trad. Leila Novaes e Leônidas Hegenberg. São Paulo, T. A. Queiroz editor, 1986.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo, Ática, 1989. (Série Fundamentos, n. 61)

CHÀROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. In: *Langue Française*, 38. Paris, Larousse, maio, 1978. pp. 7-41.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 6. ed. São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, n. 17)

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, Pontes, 1987.

FAULSTICH, Enilde L. de J. *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis, Vozes, 1988. (Coleção Fazer)

FAVERO, Leonor et al. *Lingüística textual: texto e leitura*. (Org. de FAVERO, L. & PASCHOAL, M. S. Z.). São Paulo, Educ, 1985.

______ & KOCH, Ingedore G. V. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo, Cortez, 1983.

______. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, n. 206)

GALLO, Solange Leda. *Discurso da escrita e do ensino*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 13. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. *Linguistique et enseignement du français*. Paris, Larousse, 1970.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, Assoeste, 1991.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. Campinas, Pontes, 1987.

______. (org.). *História e sentido da linguagem*. Campinas, Pontes, 1989.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo, Ática, 1990. (Série Princípios, n. 182)

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas, Pontes, 1992.

______. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, Editora da Unicamp/Pontes, 1993.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.

______. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989.

______ & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989.

______. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1990.

MANUAL DE ESTILO. 5. ed. São Paulo, Abril, 1990.

MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO. (Org. de Eduardo Martins). São Paulo, O Estado de S. Paulo, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, Pontes, 1987.

______. *Discurso e leitura*. São Paulo/Campinas, Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós, 1979.

PERELMAN, Charles & OLBRECHTS, Tyteca L. *Traité de l'argumentation: la nouvelle réthorique*. 3. ed. Bruxelas, Edição da Universidade de Bruxelas, 1970.

PLATÃO & FIORIN. *Para entender o texto*. São Paulo, Ática, 1990.

ROCCO, Maria Theresa Fraga. *Linguagem autoritária*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. Adap. de Ana Luíza Marcondes Garcia. Rio de Janeiro, Globo, 1987.

SIEGFRIED, J. Schmidt. *Lingüística e teoria do texto*. Trad. Ernest F. Schurmann. São Paulo, Pioneira, 1978.

SILVA, Soeli Schreider. *Argumentação e polifonia da linguagem*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

VIGNER, G. *Lire: du texte au sens*. Paris, CLE, 1979.